

Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director: J. B. MAGALHÃES



Secretario: MARIO TRAVASSOS



Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XV

Rio de Janeiro, Outubro de 1928

N. 178

Edição de 48 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL

MINISTERIO DO AR.

COLLABORAÇÃO

<i>Classes Armadas</i>	Calogeras
<i>A Instrucção dos quadros e da tropa na</i> <i>1.ª D. I.</i>	(Transcrição)
<i>O Problema dos Grandes Alcances</i>	Major Ferraz
<i>Tactica de I. (V Conferencia)</i>	Ten. Cel. Hugues
<i>Exemplo de programma para a apresen-</i> <i>tação de um esq. com eff. de guerra.</i>	Major Colin
<i>Anno de Instrucção de 1928 — 11º R. I.</i> <i>(Da Provincia ...)</i>	Ten. Cel. Outubrino
<i>Thema de Artilharia (Tactica na Carta)</i>	Cap. Prati de Aguiar

DA REDACÇÃO

Como se fazem os exercitos efficientes — O Problema da Guerra no Perú — As manobras da Esquadra — Escola de Aviação Argentina — «Lembrae-vos da Guerra» Organisação e organisação — A Nação e a sua defesa — Subsídios para os quadros de Reserva — Expediente.

“Lembrae=vos da Guerra,”

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — J. B. Magalhães

Secretario — Mario Travassos

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XV

Rio de Janeiro, Outubro de 1928

N. 178

EDITORIAL

Ministerio do ar

Não ha, dentre todos os filhos de nosso extenso paiz, quem não deseje vê-lo sob trama de complexa rêde de vias aereas.

De um lado, está a vastidão mesma do territorio; de outro, difficuldades topographicas de toda sorte para as vias terrestres. O avião e o hydro resumem, não a duvida, o encurtamento mais rapido de todas as nossas phantasticas distancias.

Ademais, devemos contar com o factor sentimental. Berço de Bartholomeu e Duguay-Font, não deve o Brasil deixar de ser verdadeira nação aviatoria. O Cruzeiro do Sul, symbolo da nacionalidade brasileira, ha muito que nos attrahe para o Céu...

* * *

Infelizmente, porém, a aviação não é pouso ao alcance de qualquer povo. Póde dizer-se que o avião representa a propria synthese da industrialisação nos nossos tempos. E' a resultante de todas ás conquistas scientificas modernas, a propria condensação dessas mesmas conquistas applicadas directamente á actividade economica dos homens.

Na paz ou na guerra a interdependencia economica dos povos é o factor predominante e o avião, cada dia mais, se effeiva como o urdidor de todas as actuações desse factor.

Mas ha pesar-se o gráu de industriação e intensidade economica da cada povo, para julgar-se de suas possibilidades aereas. A complexidade e delicadeza das questões aviatorias são factores que impedem o estabelecimento "a priori" de qual-

quer paiz em potencia aerea. Foi o que levou Mitchel, do alto "plafond" em que se encontra, a distinguir os povos classificados em tres éras differentes: a "continental," a "maritima" e a "aeronautica."

E' bem verdade que até agora temos vivido abrangendo as duas primeiras, e hoje vamos attingindo a terceira. A natureza dos recursos materiaes para a vida continental e maritima, principalmente o seu custo e sua duração, inclusive as facilidades de reparação da machinaria, permittiu-nos o surto das communicações terrestres fluviaes e maritimas.

Penetrar, porém, na terceira esphera de actividade, iniciarmo-nos na "aeronautica-era" não será, como não vae sendo, das tarefas mais faceis. Se de um lado vamos assimilando razoavelmente e adquirindo a mentalidade dos "air-men" por outro, a incipiencia de nossa actividade economica e industrial frente ás fragilidades e multiphas exigencias technicas da aviação detem-nos os passos.

Com effeito; todos sabemos os sacrificios que nos custa o pouco que temos como aviação militar e aviação naval; ahi está aos olhos de todos, o evoluir lento da aviação commercial, apesar de todas as concessões e da competição nos serviços aereos de duas companhias representando dois povos antagonicos; emfim, cumpre assignalar o estado rudimentar, verdadeiramente embryonario, em que se encontram nossas directorias de aviação, em terra como no mar, o que corresponde a deficiencias e faltas de toda ordem, como

Directivas para a actuação de "A DEFESA NACIONAL"

(APPROVADAS EM ASSEMBLÉA GERAL DO GRUPO MANTENEDOR, EM 3 DE OUTUBRO DE 1928)

"A Defesa Nacional", consideradas a actual situação geral da Nação e do Exercito e os interesses superiores da *defesa militar do Brasil*, consolida as normas que regem a sua actividade, nos seguintes termos:

1º) Quanto á sua orientação *technica e jornalística, propugnar:*

- a) pela *realização methodica das reformas geraes e medidas especiaes* que interessam á organização efficiente da defesa militar da nação;
- b) pela crescente solidez da estrutura dos órgãos de execução, inclusive *collaborando para o desenvolvimento da cultura geral e profissional dos quadros*, particularmente os do Exercito Activo e sua Reserva;
- c) pelo estabelecimento de constante inter-cambio entre o Exercito e a Marinha nacionais, symbolisado no principio da *co-operação militar e naval*;
- d) pela integração dos elementos representativos das actividades civis na solução das

questões da defesa nacional — de que hoje não podem ficar de nenhum modo alheios — tal o caracter da *guerra moderna e das modernas instituições militares, de terra e mar.*

2º) Quanto ás normas a observar na publicação de originaes, obedecer ás seguintes regras:

- a) Só acceitar a critica no bom sentido da palavra, como *analyse dos phenomenos* quanto seja necessario á *comprehensão dos problemas* ou a servir de base a soluções que se proponham;
- b) Ser independente de *credo religioso ou philosophico*, bem como de *doutrinas politicas*, não vehiculando ideias de *propaganda ou combate* a credos ou doutrinas que taes;
- c) manter o caracter impessoal de seu texto, excluindo quaesquer referencias pessoais, elogiosas ou depreciativas, directa ou indirectamente reveladas, salvo quando se trate de vultos historicos ou outros que o tempo já tenha sufficientemente afastado das contingencias ambientes.

tambem ás necessidades limitadas dos respectivos serviços.

* * *

Toda essa arguição serve para demonstrar quão longe estamos de justificar-se a criação do **Ministerio do Ar**. Seria tão prematuro, senão grotesco, a criação de uma tal Secretaria de Estado como a criação do **Exercito do Ar** sonho embalado por muita imaginação ardente.

O que temos e podemos manter como aviação de guerra não basta sequer para as missões decorrentes da propria actuação no campo de batalha e no theatro marítimo de operações, quanto mais para actuar como força independente, como a terceira dimensão da "guerra"! Não ha senão contentarmo-nos, por ora, com a terceira dimensão da batalha. Do mesmo

modo, sommando-se quanto possuímos em actividade aerea, onde o volume de technica e administração que justifique a criação de um Ministerio? Se o criássemos, o pouco que temos, principalmente em pessoal, seria quasi totalmente absorvido pela montagem dos Serviços do Ministerio...

Não ha duvida que precisamos coordenar e estimular esforços. As linhas aereas são uma necessidade e um perigo. As modalidades aviatorias são multiplas e devem ser concordantes. Mas, muito ha que se fazer antes que criemos uma Secretaria de Estado, principalmente entre nós que já vamos precisando de desdobrar alguns Ministerios existentes.

Coordenação e emulação dos esforços, eis o bom rumo para as correntes de opinião que se agitam em torno da criação do **Ministerio do Ar**.

CLASSES ARMADAS

Causas da incompreensão vigente

(CALOGERAS)

DA R. — "A Defesa Nacional" translada hoje para suas paginas a conferencia pronunciada pelo Sr. Calogeras, o nosso ex-Ministro da Guerra, no INSTITUTO HISTORICO DE S. PAULO, a 6 de Setembro ultimo. Sem favor, constitue documento da mais alta relevancia para a BOA comprehensão da SITUAÇÃO MILITAR DA DEFESA DO BRASIL.

Contribuindo para a maior divulgação deste estudo que resume, em nitidos e fortes traços, a EVOLUÇÃO DA POLITICA MILITAR BRASILEIRA, em seus aspectos mais geraes e politicos, "A Defesa Nacional" fica fiel a seu programma e tanto mais quanto a idéa principal nelle contida é a mesma que tantas vezes aqui havemos affirmado.

A synthese historica que CALOGERAS elabora com maestria é uma demonstração do que vimos assignalando como uma das CAUSAS FUNDAMENTAES de nossos retardos e insufficiencias militares e é tambem um vivo signal de esperanças, em mais promissor futuro. Não conhecemos na literatura patria nenhum documento outro evidenciando conhecimento real e estudo consciencioso sobre as classes armadas, elaborado por elemento civil, como este que tem de ser apresentado pelo nosso ex-Ministro da Guerra.

Sem esquecer os trabalhos especiaes dos historiadores propriamente ditos, entre os quaes Rio Branco e Baptista Pereira, preciso é confessar que elle é o primeiro que apresenta o estudo HISTORICO DO PROBLEMA MILITAR BRASILEIRO, de molde a evidenciar os elementos essenciaes á sua COMPREHENSÃO EXACTA E ORIGINAL. Parece incontestavel que a PHILOSOPHIA DA HISTORIA sobreleva á propria historia nos beneficios que o homem pôde lucrar de taes conhecimentos. Mórmente isso se verifica na acção social e politica, pelo discernimento que faz das ligações entre os differentes phenomenos. A politica tem por mestra a historia quando para solucionar um problema, por ella pôde comprehender, pelas filiações que esta estabelece, a formação, a situação e as tendencias do phenomeno sobre que tem de actuar. Do menosprezo desta verdade, em relação ao phenomeno politico da defesa militar do Brasil, tem resultado sempre "A INCOMPREHENSÃO VIGENTE", de longa data, e, portanto, a impossibilidade de achar as soluções convenientes á organização ECONOMICA e EFFICAZ da defesa do paiz e da nação brasileira.

Com tal mal de origem não é de estranhar que os homens de boa vontade nem sempre tenham actuado convenientemente sobre as classes armadas, visando fazel-as progredir.

INCOMPREHENDIDA SUA EVOLUÇÃO, seu papel social e politico, têm-na considerado como elemento isolado da nação, confundindo-a com os individuos que momentanea e ephemeramente as formam.

Aliás, esta INCOMPREHENSÃO FUNDAMENTAL se tem alliado a outras e desviado as actividades da direcção verdadeiramente conveniente ao interesse nacional.

Assim, os que têm tentado refazer o EXERCITO, sem conhecer seu papel actual na paz e na guerra, sua evolução e as leis de sua constituição, têm pretendido resolver suas questões independentemente do conjuncto nacional, agido insufficientemente sobre os quadros, desprezado a importancia dos commandos e estados maiores, colhendo sempre, dess'arte, resultados mediocres ou negativos.

Isto representa tambem, evidentemente, uma INCOMPREHENSÃO, a que se poderia chamar DE SEGUNDA ORDEM, derivada da primeira e della intimamente dependente. A ella tem escapado raros personagens, entre os quaes é preciso collocar o ex-Ministro Marechal Mallet, com sua ENERGICA E BEM ORIENTADA ACTUAÇÃO SOBRE OS QUADROS.

O trabalho que hoje reproduzimos e para o qual pedimos a attenção dos nossos leitores tem para nós um outro valor, talvez ainda maior do que o já evidenciado. E' que servirá elle possivelmente de inicio a UMA ÉRA NOVA, em que os nossos homens de talento e politicos eminentes, emprehenderão decisivamente o estudo das vitais e indeclinaveis questões da defesa nacional, COMPREHENDENDO-AS CONSCIENCIOSAMENTE e assim encontrando AS SOLUÇÕES VERDADEIRAS, conforme as necessidades nacionaes.

Com excepção apenas do que se refere aos acontecimentos do periodo 22-26, AINDA MUITO RECENTES, o qual, em vista das normas da nossa Revista, fomos conduzidos a supprimir, transcrevemos na integra a conferencia Calogeras. Por esse facto, que aliás, parece, não diminuirá sensivelmente o grande valor do trabalho, offerecemos ao autor nossas escusas.

Entre as mais notaveis deficiencias na generalidade de nossos homens publicos, avulta a incompreensão de nossos problemas militares de terra e mar. tão grande, tão profunda, que della se pôde inferir uma causa vinda de remoto passado.

E, de facto, traçar-lhe a origem não é tarefa involuvel aos estudiosos de nossa historia.

A força publica official, portugueza, nos tempos

da colonia, mais se ligava á faina repressiva da fraude, dos descaminhos, da fiscalisação dos redditos, do que a empresas de defesa ou de accrescentamento nacional.

A conquista do territorio, a titulos varios, fôra principalmente obra das bandeiras de iniciativa privada, dentro em normas preestabelecidas, nas regiões cujos centros irradiantes eram Recife-Olinda, Bahia

e S. Vicente-S. Paulo. Na luta contra as invasões — francezas, na guerra do pão-brasil; batava, nas investidas do Nordeste; a um tempo flamengas, inglezas e francezas, na Amazonia — os chefes, e nem sequer a maioria delles, seriam elementos metropolitanos. Mas a tropa, a que pelejou, soffreu e venceu, fôra local de voluntarios ou de corpos regulares, mas regionaes, onde as tres raças formadoras, juxtapostas, cooperaram: foram, principalmente, os terços.

E' preciso chegar aos conflictos de fronteiras da segunda metade do seculo XVIII^o, no sector sulino, para se encontrarem corpos armados lusitanos operando de Santa Catharina até Rio-Grande e Uruguay, sempre, entretanto, com a collaboração de forças coloniaes.

No alvorecer do Imperio, o primeiro cuidado foi devolver para o reino as unidades transatlanticas, com excepção das praças e dos officiaes que livremente optassem pela nova nacionalidade. O nucleo armado que permaneceu era, pois, estritamente brasileiro. A elle se aggregaram os regimentos estrangeiros, quasi só allemão, recrutados pelo esforço incansavel e benemerito do major Schaeffer, cuja silhueta pittoresca e fundamente sympathica em seus contrastes, Mario de Vasconcellos tão finamente delineou no *Archivo diplomatico da Independencia*.

LUTA CONTRA O CONTRABANDO

A tropa que se pagava, como serviço permanente, era pouca: guarda dos vice-reis, companhias montadas dos dragões, guarnições de fortalezas. A todas ellas se devolviam incumbencias de rigor, compressão, policia militar, luta contra o contrabando. Não lhes era sympathica a mentalidade popular; principalmente quando esta ultima era por instincto favoravel á insubordinação contra o fisco e lei, como se dava nas Geraes, quanto ao aproveitamento das lavras de ouro ou de diamantes.

Póde dizer-se que o prestigio dessa tropa remunerada era minimo nos territorios de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas. Gosava de melhor conceito nas antigas capitánias do Norte, onde seu influxo brutal na vida corrente era menor, e nas do Sul onde se manifestava pela presença de corpos metropolitanos a serviço da demarcação fronteiriça ou de sua defesa. Ha tal ou qual coincidência entre essa distribuição geographica dos sentimentos coloniaes para com o que naquelle tempo correspondia á noção hodierna de Exercito, e o phenomeno analogo em nossos dias. Causas outras vieram ora modificar, ora corroborar, tal esboço de conceitos affectivos, mas o arcabouço não se alterou fundamentalmente.

• Continuou predominando a lição colonial: o recurso á collaboração voluntaria nos momentos de aperto, mesmo porque o esforço da tropa official, organizada, não despertava a mesma confiança inspirada pela que surgisse da adhesão livre das vontades individuaes. No fundo, a idéa regedora, erronea em grande parte, provinha do sentimento obscuro do contraste: mercenarismo, de um lado; curso generoso, entusiastico e espontaneo, do outro.

Ahi se encontra a explicação de muitas feições de nossa actividade militar.

A Independencia, na nobreza de seu ideal impulsionador, encontraria os soldados que precisasse para vencer. E venceu.

NAS LUTAS CISPLATINAS

Nas lutas da Cisplatina, D. Pedro I herdára e continuava a politica imperialista de D. João VI. A

incomparavel influencia do sentimento libertador exercia-se do lado opposto a nós. Encontrava auxiliares fortissimos na indifferença do Brasil quanto a essa guerra alheia a seus interesses intrinsecos; na diplomacia britannica contrária á absorpção pelo Imperio de toda a margem esquerda do Prata; além da animadversão geral da metade castelhana do continente sul-americano contra o que lhes parecia ganancia insaciavel da monarchia bragantina.

Dahi, a crise permanente dos effectivos, a agravar a ineptia da administração militar, com excepção unica do marquez de Barbacena. Como remedio, lançou-se mão do recrutamento, por tal modo odioso e violento em sua execução que revoltou as populações, e teve echo eloquente nas denuncias trazidas ao Parlamento sobre os despropósitos commettidos, especialmente no Ceará, em S. Paulo e Minas. Mais irritou o sentimento provincial contra o Exercito, tal processo de lhe guarnecer as fileiras. Pouco rendeu, ademais, além de desorganizar o trabalho agricola e industrial do paiz.

Nas Camaras, o assombro era grande ao se notar a fraqueza do vasto e povoado Brasil, ante o Rio da-Prata menos habitado e a braços com mil difficuldades. Não viam, ou não queriam enxergar, a valia dos *imponderaveis* moraes, a ansia da independencia, a defesa dos lares ameaçados. De um mal tinham noção exacta: a incompetencia da organização militar no preenchimento dos claros e no utilizar e abastecer as forças, a incapacidade do commando. E, entretanto, accusando indistinctamente os responsaveis por taes deficiencias, e outros que eram as primeiras victimas de desmandos alheios, bem como os males da conscripção á *pão e corda*, nada faziam para lhes dar remedio efficaz.

Excepção unica, o general Cunha Mattos, mostrava á Camara de que era membro, estar inaproveitada a força nacional, a qual, com quatro milhões de brasileiros, poderia fornecer 400.000 soldados e 200.000 milicianos, e apresentava um projecto de organização nesse sentido.

Como geralmente acontece, *passato il pericolo, gabbato il santo*. A paz de 1828, relegou tal plano para o barathro das boas intenções não realizadas. E continuou a velha directriz colonial, cuja caducidade já então se evidenciava.

O PERIGÔ DAS DESORDENS REGENCIAES

Veu, então, o periodo das desordens regenciaes. Na mais grave, a guerra dos Farrapos, os rebeldes em sua maioria, seriam naturalmente voluntarios, mas entre as forças imperiaes era altissima tambem a percentagem delles. Em ambos os casos, o concurso de patriotas traduzia o prestigio e grão de valimento de quem os chefiava.

Havia, nós postos officiaes em ambos os partidos, nomes acatados na população civil e que attrahiam para seu lado, largo sequito de admiradores e de apaniguados, taes Bento Gonçalves, Antonio Neto, David Canabarro, do lado republicano. E' ainda a que explana a larga importancia de Bento Manoel, typo de *condottiere* da coxilha, levando a victoria para o lado a que se alliava; phenomeno social mais do que politico ou militar, mas cujas consequências só podiam assumir estes ultimos aspectos. Outros havia entre os imperiaes, como Chico Pedro, o futuro barão de Jacuhy, o *Moringue*, como o appellavam os Farrapos que lhe temiam os golpes.

A organização da guarda nacional, a partir de 1831, obedeceu á idéa de systematisar a prestação de serviços militares pelos civis, organisando prelimi-

narmente os quadros de commando. E é apenas fazer justiça, proclamarmos agradecidos a benemerencia do auxilio que trouxe em todas as nossas lutas, enquanto permaneceu instituição nacional e não degenerou em premio de feitos eleitoraes, condecoração barata e desprestigiada de façanhas de duvidoso valor, quer publico, quer moral.

Passada a phase de difficuldades internas, procurou o Brasil defender-se das consequencias damninhas dos tumultos partidarios de que Rosas, na Argentina, e Oribe, no Uruguay, eram os expoentes mais altos. Sem entrarmos aqui no exame dos factos do ponto de vista da politica internacional, e atendo-nos simplesmente ao problema militar, salientemos que se tratava de guerra curta, que, no mais alto grão, falava aos interesses immediatos da campanha riograndense, mórmente na fronteira em que se exerciam as depredações. Não admira, pois, que ao lado do exercito propriamente dito, affluíssem tantos corpos de voluntarios e de guardas nacionaes.

LIÇÕES DA GUERRA DO PARAGUAY

Repetiu-se o mesmo facto no inicio da guerra do Paraguay.

O imprevisto do ataque de Solano Lopez, o apresamento do vapor Marquez de Olinda e de seus passageiros, o tratamento aviltante infligido a brasileiros de destaque e revestidos de funcções officiaes, agiram como insulto innominavel lançado em rosto ao paiz. Em massas compactas, acudiram vingadores do ultraje, e em praso breve cresceram os effectivos combatentes, até chegarem ao maximo de 68.000 em 1866.

Mas, ahi, se tornou patente o vicio ingenito do systema, contando com a guarda nacional e os voluntarios, isto é, com o cooperar espontaneo do elemento civil.

Quando em guerrilhas, em expedições de duração ephemera, contra adversarios de igual natureza, o entusiasmo se mantinha. O armamento era identico, identicos os methodos, reduzidos a avançar e carregar; usando lança ou espada, poucas vezes pedrneiras, a principio, ou fusil Minié, mais tarde. Outras exigencias do combate seriam devolvidas a tropa mais instruida mas, quanto ao enterevero, bastariam os corpos montados de patriotas.

No caso do Paraguay, ao contrario, as feições seriam outras. Solano Lopez tinha nucleos mais treinados, e em numero largamento superior ao total posto em linha, a principio, pela Triplice Alliança. Além disso, a luta annunciava-se longa; e essa resistencia aturada é precisamente o *punctum dolens* das forças improvisadas com civis. Para manter a cohesão dos exercitos e sua estrutura, conservar os seus effectivos, a autoridade coercitiva da lei é insubstituivel. A noção de dever e de sacrificio é privilegio das minorias, e a causa nacional não póde ficar á mercê de elemento tão aleatorio.

Desde o primeiro anno da contenda, tal falha se tornou evidente, e dahi a série de medidas e de expedientes usados para preencher os claros das fileiras: propaganda intensa, alforria dos escravos que seguiam para as operações, titulos de benemerencia e favores aos patricios que contribuiam para manter esse affluxo de gente, quer pessoalmente, quer organisando corpos, ou ainda remettendo sua escravatura. Ainda assim, difficuldades inauditas tiveram de ser vencidas.

Um dos obices maiores foi o espirito de independencia dos chefes voluntarios. Tinham mentalidade peculiar. Na guerra dos Farrapos, era impossí-

vel contar com a sua permanencia nos acampamentos. Iam e vinham, conforme seus interesses privados aconselhavam. Discutiam ordens. Emfim, reproduziam no Brasil todos os defeitos analogos notados por toda parte, na *quota* poloneza como nos *clans* da Escossia, ou nos contingentes das colonias norte-americanas.

Em grande parte, a responsabilidade de semelhante situação tinha uma origem historica: a constituição especifica da grande propriedade no interior.

A unidade economica e social era a fazenda: nella, o isolamento pratico, oriundo das communicções custosas; a fraqueza do poder central; o prestigio da riqueza; o prestigio das estirpes; faziam do fazendeiro um régulo. Seu poderio estadeava quasi absoluto, de vida e de morte, pois ninguem ousaria tomar-lhe contas. Mixto de feudalismo territorial e de solidariedade *clannescas*: aggregados, rancheiros, visinhos, na fazenda de cultura; vaqueiros, na de gado; tinham e cultivavam terras concedidas pelo senhor do latifundio. Seus dependentes e sua escravaria formavam ao mesmo tempo a mesnada do dono do solar, e lhe obedeciam como a seu chefe natural. Eram grupos homogeneos nos sentimentos constituindo forças materiaes poderosas. Nem sempre combinavam, e então explodiam lutas cruentas.

Capitulo de sociologia bem nossa, difficil, empolgante e ainda não estudado a fundo, seria descrever a origem e a acção do meio sertanejo, em que as paixões retalhavam os longinquos páramos em facções hostis, a pelejarem a ferro e fogo; pequenas tropas combatentes, com justiça propria, suas regras, sua disciplina e suas obediencias no mais completo descaso da autoridade official. Nascia, dest'arte, uma como que juxtaposição de elementos oppostos e em conflicto permanente. As causas variavam, mas todas confluiam em robustecer a lei do mais forte e do mais apto.

Nos dissidios partidarios, a pretexto de recrutamento ou de prisões ou de vinganças, *liberaes* e *camamurús*, *luzias* e *sagquaremas*, *chimangos* e *cascudos*, moviam-se asperas guerras intestinas. Senhores de engenho, fazendeiros de gado ou de cultura, tinham historicas classificações politicas, não por idéas, mas por herança de familia, e degladiavam-se com o odio e ferocidade.

Credices naturaes, tão costumeiras nos povos mestiçados, creavam os *santos*, os *conselheiros*, os *monges*, a desafiar em autoridades ecclesiasticas e poder publico, inclusive com armas na mão. Vinganças de familia, *vendette* herdadas, supostos aggravos, causavam identicos derramamentos de sangue e perdas de vida.

Vem de longe tal feição historica de nosso povo do interior. Chronistas antigos a relembram. Escriptores modernos della já se têm occupado. Historiadores a consideram facto social corrente.

Do feudo entre Camargos e Pires, em S. Paulo do seculo XVII, aos conflictos consideraveis de Chique-Chique e Pilão-Arcado de que tanto se preocupavam os politicos dos ultimos dias do Imperio; do exterminio reciproco de *bundões* e *marrões* no sertão bahiano ás proezas do bacharel Santa-Cruz no Nordéste; das revoltas dos *balaíos* e dos *bemtevis* regencias, aos excessos dos *muckers*, dos *quebrados*, dos famosos *fanaticos* de Canudos ou do *testado*; a cadeia é ininterrupta.

As guerras dos Militões, Guerreiros e Medrados no valle de São Francisco e na Chapada-Diamantina; os Brilhantes do Ceará; as prepotencias dos Breves na provincia do Rio; as de dona Joaquina do Pompeo e do Néco da Januaria em Minas; para citar

apenas alguns nomes e factos mais conhecidos, são manifestações de personalismo hyperesthesiado, em sentidos varios: de affirmações excessivas e sem freio do *faustrecht* decorrente da falta de repressão por parte do poder publico coordenador, ausente e incapaz.

No Sul, do mesmo modo. Si, por vezes, a taes conductores de homens e de bandos se tem chamado de *condottieri*, é sempre util rememorar que o apellido se adapta a suas qualidades de commando e, na maioria dos casos, se não refere ao chefe de guerrilhas como um profissional a soldados de quem lhe paga o braço e o esforço, seu e da sua tropa.

Taes homens dominavam o interior. Iam elles proprios, ou mandavam seus representantes, a pelear na batalha contra o Paraguay. Seu espirito de independencia trazia difficuldades sérias na direcção das operações. Os sacrificios da luta, a se divulgarem, paralisavam as contribuições em gente, remettidas pelas provincias. As queixas dos chefes partidarios locais, iam, pelos deputados e senadores, echoar junto ao Governo e crear graves attritos no theatro da luta.

Os "leaders" de partidos, muito sensiveis aos argumentos electoraes, não raro esqueciam o ponto de vista nacional, para servirem ás conveniencias de seus committentes. Desse reparo, quasi só está isento o Imperador, arbitro entre os grupos, o qual sempre comprehendu nitidamente o problema militar e internacional que se solvia ali, de armas em mão.

Hoje em dia, publicados como estão innumerous documentos, mesmo as consultas secretas do Conselho de Estado, nas quaes se elaborava a alta politica do paiz, não mais se póde, de boa fé, negar que a róta internacional do Brasil tinha por base, como agora, a independencia do Uruguay e do Paraguay. Norma invariavel, desde 1825, quanto a republica mediterranea, desde a abdicação de D. Pedro I quanto á antiga Cisplatina.

Por isso mesmo, e após as repetidas provas de collaboração dadas pelo Imperio, mais doeu no animo publico o gesto violento de Solano Lopez, a pretexto das divergencias entre Uruguay e Brasil. Mas tambem a elle e a elle tão sómente, se attribuiu a responsabilidade do desacerto, e foi o que a Triplie Alliance inicialmente salientou, declarando que guerreava ao Chefe do Estado e não á nação paraguaya.

Sabiam Mitre, Flóres e os dirigentes brasileiros que o alvo do dictador era um Paraguay-Maior, indo até a foz do Prata, pela annexação de Entre-Rios, Corrientes, parte do Rio-Grande do Sul talvez, e Uruguay. As circumstancias, mais do que a intenção, haviam desviado contra o Brasil elementos accumulados para realisar a ampliação e desafogo dos territorios centraes.

Os alvos ameaçados pelo governo de Asunción, eram Argentina e Uruguay muito mais do que nós. Tambem nós, entretanto, nos sentiamos fundamente golpeados, por ser vital para a nossa politica um Uruguay independente, além dos deveres moraes decorrentes do pacto que nos ligava a duas outras nações. Mais tarde, pelos successos na Republica Oriental, por sermos a massa maior no esforço conjunctivo para o Imperio, principalmente os golpes adversarios.

Por tudo isso, sabiam os espiritos clarividentes que, dado o absoluto ascendente hereditario de El Supremo, senhor de vida e de morte em sua patria, sómente com o seu afastamento do governo do paiz, se poderia reconquistar uma situação de paz real e

estavel. Foi o que D. Pedro II comprehendeu e firmemente levou adeante.

Continuando no Paraguay ou em sua proximidade, Solano centralisaria conspirações e tentativas para restaurar a situação de 1864, com todas as suas consequencias perturbadoras, accrescidas as paixões anteriores de odios comprehensíveis e sede de vingança.

Melhôr fóra, e todos o desejariam, que Lopez fosse preso e exilado para a Europa. O facto de sua morte em Cerro-Corá, porém, accidente previsivel e normal em combates, não altera os termos do problema e da solução. O principio posto era e continúa acertado. Reeditava-se o episodio do desterro de Napoleão para Santa-Helena, no qual a politica britannica tão bem estudada e justificada foi por Lord Roseberry.

Além do Imperador, essa visão, nacional e internacional das occurrencias, não lograram ter sinão raros politicos. Em sua grande maioria, tinham olhos postos de preferencia na justa ansiedade e nas queixas de suas provincias. Em vez de se formar durante a guerra frente unica contra o inimigo, como o Exercito o fazia, na dôr, no sangue e no sacrificio, no theatro das operações, á retaguarda os interesses partidarios se degladiavam e seguiam a luta através da conveniencia dos respectivos grupos. A mesquinhez caracteristica do profissionalismo nas competições electoraes.

No começo da guerra, eram os liberaes que governavam. O Conde de Porto Alegre e Osorio eram seus homens, ambos dignissimos e já cheios de serviços, que iam crescer ainda notavelmente no decurso da luta. Ministro da guerra, era Angelo Ferraz, um dos mais completos homens de governo da monarchia.

Correram as coisas normalmente, até que o desastre do primeiro assalto a Curupaty, em 22 de Setembro de 1866, produziu no Imperio o abalo terrivel que se conhece, a exigir concentração das melhores energias nacionaes para recobrar alento.

Não que o Exercito nosso houvesse fraqueado ou tivesse responsabilidades em iniciativas infelizes ou inoportunas: o ataque fóra ordenado por Mitre, contra o parecer do commando brasileiro. Mas o desanimo imperava no espirito publico e a opinião exigia se entregasse a direcção das operações ao chefe militar de maior prestigio, aureolado de victorias, que era Caxias.

CAXIAS E O GABINETE DE 3 DE AGOSTO

O então marquez era, de facto, insubstituível. Mas pertencia ao partido conservador, e o gabinete Zacharias ao liberal, e o indicado commandante-em-chefe era sabidamente inimigo pessoal do ministro da Guerra, Ferraz. Com a mentalidade extremada dos corrilhos, a escolha do marechal era uma derrota para os liberaes, e acima de tudo um terrivel constrangimento para o presidente do Conselho, estreita e ferrenhamente homem de partido.

Caxias accedeu logo ao convite, pois se tratava de servir á Nação. Pediu apenas confiança e auxilio sincero, que lhe foi promettido. A exoneração de Ferraz, inevitavel no caso, daria arrhas da fraqueza no cooperar dos dois adversarios politicos. Pouco durou a *entente*, si é que jámais existiu completa. Os liberaes mal toleravam o prestigio crescente do general conservador. Os jornaes mais ligados ao gabinete, nas Camaras os amigos do Governo, tudo convergia para crear obices e desgostos ao velho heroe, que, entretanto, unico estrategista que se revelou na

tra, com o destemor de official joven, renovava, sessenta e cinco annos, em Itororó, a façanha de Tapate em Arcole!...

Não comprehendiam os politiquinhos da retarda que trahiam a Patria, enfraquecendo com as discussões miseraveis, interesseiras e mesquias, a autoridade de quem, nas batalhas, era o portandarte do Brasil!...

Que Zacharias haja promovido taes despropósitos, não se pôde affirmar. Mas que os tolerou, é to innegavel. As provas não são nem raras, nem ficeis.

Era o presidente do Conselho, mão grado pelas qualidades pessoais de cultura e de caracter, honragem de segunda plana entre os homens puros do Imperio. Sua bitola mental e moral era o tido e as conveniencias deste. Perante ellas, callava mesmo em suas convicções, como quando votou da liberdade dos nascituros, elle, partidario medido, a combateu duramente por se originar de pósta de seu adversario Rio-Branco. A Caxias, tilizou amargamente, sem treguas e ás claras, a queda do gabinete de 3 de Agosto. Cabo eleitoral e "leader" do partido, nunca seria e nunca foi nem de Estado.

Princípio corriqueiro de bom-senso é a indispensavel coordenação e harmonia de esforços no dirigir guerra. Como poderia o commandante-em-chefe, credido pelas costas, dar desempenho cabal a sua cação? Caxias pediu dispensa do commando, dando a razão official sua saúde quebrantada; em carta ministro, porém, embora confirmasse seu estado estudinario, declarava que o motivo real era a deslealdade do Governo, o seu respeito.

No paul das refregas partidarias onde se agitam os actores da empreitada demolidora, silenciou o coxo dos accusadores. O pedido de demissão dava como ameaça pretoriana, aos ouvidos de te desacostumada a ouvir argumentos e cogitações puramente nacionaes estranhas ás preoccupações de corrilhos. E, entretanto, Caxias agira sem rde, discretamente, para que, perante o inimigo, e contenda na qual a honra da bandeira estava em o, não proseguisse o enfraquecimento fatal, resultado da conspiração partidaria de brasileiros irrretidos. Era uma invocação ao bom-senso, ao patriotismo, á regra eterna que manda calar dissídios ante o adversario. Nada tinha de militarista. Os pelotiqueiros, porém, cujo polo era o governo, posições, os grupos, tal chamada á razão valia por despertar rude, um aviso de que acima do partido achava o paiz. E passaram a vêr no Exercito perigo de subversão do mundo politico, e do aprofundamento das situações.

Nas forças em campanha, egualmente, tanto desdo do interesse publico lançou a semente da deslealdade e da indignação contra os bachareis da guarda, a cuidarem a bom recato de conveniencias pessoais, enquanto todo o sacrificio pesava sobre as classes armadas, cujo ideal corporativo era honra da Patria, a gloria nacional.

Bem o comprehendeu D. Pedro II, e coherente a sua propria convicção, aproveitou o ensejo a pôr termo á situação paradoxal de uma guerra, que se achavam em antagonismo a direcção das rações e o Governo. Da crise de 1868, data o inicio do divorcio entre o poder civil e tropa.

Tal feição dos espiritos dominava o Exercito mais do que na Esquadra. Provinha a diglencia da desigualdade da tradição nessas duas lides da Defesa Nacional. Atraz de si, a tropa sempre tinha tres seculos de lutas cruentas, sob

aspectos variados, bandeiras, guerra do pão-brasil, expulsão dos hollandezes, lutas contra Castella. A marinha, exceptuada a reconquista da Africa portugueza, em 1658, pela frota luso-brasileira de Salvador Corrêa de Sá, começara a existir na Independencia e nas lutas platinas de 1825 em deante.

Hoje, mais bem estudados os factos, sabe-se perfeitamente quão digno e valoroso foi seu proceder na campanha Cisplatina, em nada inferior ao papel das forças de terra. Mas sempre era irmã mais nova. A belleza de sua conducta no Paraguay, decisiva para permittir as operações do exercito alliado, tem a realçal-a: Riachuelo, em que Barroso antecipou de um anno a tactica de Tegehoff em Lissa; e Humaytá, onde Delfim Carlos de Carvalho, com quatro annos de intervallo, renovou o "damn torpedoes" de Farragut deante de Mobile.

Ao tempo do incidente com o gabinete Zacharias, em 1868, já a esquadra terminara sua admiravel missão combatente, e as difficuldades surgiam apenas com o exercito.

Cada vez mais se accentuava o afastamento entre as forças e os politicos; não com o Imperador, mas com os demais participantes em fainas governativas. O remedio seria estudar o problema militar e lhe achar soluções; mas tal ponto de vista não era o dos partidos. Em parte, consideravam estes que bastava ter contacto directo e estreito com os grandes chefes, e cada grupo buscava o seu entre seus correligionarios. Olvidavam, contudo, a grande lição de que a solidariedade profissional e a camaradagem eram mais fortes do que os aspectos partidarios. Caxias, conservador embora, respondia por todo o Exercito, e sua lealdade absoluta ao throno não permittia avultasse a desaffeição que já começava a lavrar entre seus commandados; escurecia, assim, uma face nova ameaçadora que se ia delineando para os partidos constitucionaes.

Osorio, cuja nobre figura os liberaes cortejavam, mas que, apesar das tentativas, se não separaria de seu general-em-chefe, falleceu em 1877. Seguiu-o, tres annos depois, o grande soldado do Imperio, factor maximo da unidade nacional, Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias.

E nos dias que se annunciavam difficeis, os partidos, descuidados da defesa do paiz., enveredavam de mais a mais, rumo de ter cada qual seu amuleto, seu fetiche fardado, que lhes pudesse assegurar o apoio da força. Floriano Peixoto, e o Senador General Câmara, Visconde de Pelotas, eram liberaes. Ainda se não preencheram a vaga de Caxias mas já amanhecera no oriente politico o sol nascente de Deodoro. Erro dos grupos contendores: na tropa todos eram soldados, muito mais do que profissionais da politica.

DESAFFEIÇÃO A' MONARCHIA

Iam-se accumulando as difficuldades. De 1868 a 1873 haviam surgido e tomado feição definitiva os acontecimentos plasmadores do fim do Imperio. As instituições, feridas e desmoralisadas pelos proprios monarchistas, estavam perdendo prestigio e força. Dos liberaes, uma ala fundára o grupo radical, e, deste, a vanguarda avançara até a Republica. A grande propriedade, a aristocracia territorial vira sua fortuna ferida, quicá mortalmente pela lei libertadora dos nascituros negros. O clero sentira o golpe regalista da questão religiosa; um selisma pairava como possibilidade.

Já nascera a corrente de desaffeição institucional, e, com todo o esforço os adversarios do Impe-

rio buscavam intensificá-la, para apressar o advento da Republica.

No Exército, a barreira unica era a pessoa do Imperador, isso mesmo na officialidade que fizera a guerra, na qual D. Pedro II tão nobre e clarividentemente cumpria seu dever. Na Marinha, mais ainda, essa dedicação exercia influencia, sendo limitado o numero dos contrarios á ordem monarchica estabelecida.

Tudo isto, quanto a D. Pedro II. Relativamente ao Terceiro Reinado, predominava surda opposição a seu advento; com maior intensidade nas classes armadas.

Nos proprios meios politicos, além dos factores de antipathia citados, um erro de tactica fôra committido. Em toda a monarchia, o herdeiro da corôa é, e deve ser, uma esperanza, para a qual se voltam os desgostos de todo regimen, maxime de um reinado longo. Deve ser poupado, no intuito de não gastar precocemente semelhante força em reserva. Ora, a Princeza Imperial, por tres vezes fôra regente, e tivera de arcar com situações decisivas em assumptos vitais para o paiz e os grupos partidarios. Ella presidira ás duas leis maximas, a do ventre livre e a da abolição, e centralisára o odio dos *landlords*. Ella propugnára a amnistia dos bispos, em 1875, e provocára a animadversão dos regalistas e da maçonaria.

Dahí resultara que a essa nobilissima Senhora, honra do Brasil e redemptora de uma raça, se apontava como simples e estreita beata dominada pelo clero, e incapaz de governar, porque não tolerara o crime escravista que lhe offendia por igual a alma profundamente catholica e o espirito liberal. Não houve calunnia que se não puzesse em gyro, principalmente atravez dos proprios monarchistas, auxiliados nesse ponto pela propaganda republicana, sem escrúpulos na escolha de armas.

Não é faltar á gratidão e ao respeito devidos á memoria do magnanimo D. Pedro II, dizer que desconheceu a função das forças armadas no organismo politico da Nação, missão que lhes era peculiarmente devolvida como aparelho de educação civica em um meio inculto e de tendencias dispersivas, arma de combate e appetites de méro goso, e instrumento de união territorial.

Philosopho e idealista convicto, cedeu por demais ás generosas utopias do triumpho crescente do bem sobre o mal, do direito sobre a força. Após a guerra do Paraguay, onde todos, apesar de erros, haviam nobremente cumprido seu dever, se tornou flagrante o contraste entre o carinhoso cuidado liberalisado ao ensino, á economia do paiz, ao prestigio deste no exterior, e o quasi descaso reinante quanto ás coisas militares.

Em paiz que, originariamente, só por dever politico e sábia intuição dos pro-homens da Independência e das Regencias, se não erigiu em Republica; no qual esta solução cedo ou tarde, se tinha de impôr, era obvio que nos meios universitarios e de ensino superior a propaganda democratica encontraria farto elemento de apoio. O proprio Imperador dava o exemplo. Tornou-se publico que seu genro, o Conde d'Eu dissera que a Familia Imperial nunca se opporia á vontade nacional em assumpto de governo.

Sobre questões sociaes, escreveu Comte que era dever incorporar o proletariado na sociedade moderna. Formulação igual se poderia empregar quanto ás classes armadas no Brasil. Desde 1868-70, inicio do divorcio entre ellas e a vida politica do Imperio, se tornava apparente que a tarefa seria reincorporal-as

na Nação, em vez de se manter o isolamento em que viviam, formação estranha ao organismo nacional.

Ainda hoje, attenuado embora, esse é sempre dever precipuo.

Para que o sentir das forças se confundisse e o do Brasil todo, fôra mister estreitar os laços entre ambos; nunca fomentar, ou mesmo, apenas, permitir se constituíssem ellas elemento extrinseco no efluir do paiz. Factos politicos como o de 2 de zembro de 1852, em França, e o 15 de Novembro aqui, só se comprehendem inteiramente rememorando a segregação em que a tropa tem vivido quanto ao resto da collectividade nacional, no descaso, que não desdem da farda.

Nos ambientes politicos e governamentais, pastas militares gosavam de apoucada consideração não raro, se destinavam a neophytos na carreira ministerial. Angelo Ferraz, Junqueira, Affonso Celso, Thomaz Coelho, são *rari nantes*, excepções na tradição de quasi setenta annos.

Ao invés do imprescindível cuidado na formação dos officiaes de terra e mar, procurou-se orientar nas escolas especiaes rumo de cogitações intellectuaes mais altas e mais geraes do que o méro preparo profissional, considerado de nível subalterno. Pela mesma época, começou a disseminar-se a lide positivista, admiravel disciplina mental, que, nos institutos civis, tanto nos do Exército e da Marinha seduziu os espiritos mais brilhantes.

Na Praia Vermelha, especialmente, dominou atravez a voz oracular de um grande homem de bem republicano puro de immenso prestigio entre seus discipulos, Benjamin Constant. Nem só se formaram ali gerações anti-monarchicas, como se elaborou uma mentalidade anti-militar. Della sahiriam muitos, pensadores incompletos, sem o amadurecimento necessario: officiaes do officio, seriam raramente. Delles, até hoje, data a crise profissional do Exército. Menos ignorariam a *Synthese subjective* do que os regulamentos militares.

Além disso, o assalto crescente dos liberaes aos conservadores contra o throno, suas recriminações reciprocas a desmoralisarem as instituições, e agulados pelos revolucionarios, a exaggerarem a guerra como recurso de guerra. Quando se iniciaram questões militares, houve largo periodo em que a destruição da disciplina correu por conta quasi exclusiva dos monarchistas, e é preciso chegar aos tempos do gabinete Cotejipe, em 1887, para que os liberaes, finalmente, abrissem os olhos para a obra suicida em que haviam inconscientemente operado. O mal, entretanto, já estava feito.

O SOLDADO-CIDADÃO

A incomprehensível theoria do *Soldado-cidadão* havia realisado sua propaganda deletéria. Mão dada, porque se fizera agitador profissional. Mudo cidadão, contra as lutas electoraes ou de idéas de divergência, sempre inermes, tenderia a usar a violência, com as proprias armas que a Nação lhe confiava para a defesa do paiz.

Erro ainda maior: invocando o ideal corporativo de honra e de sacrificio que caracteriza as classes armadas, usavam-se, como petrecho de combate, a desmoralisação systematica e injusta, a calunnia contra servidores do paiz, errados talvez, mas errados sem má fé, e que os demolidores não estavam na tura de julgar.

Cabe aos republicanos a responsabilidade capital de tal exaggero, não havendo elles medido a gra-

de das consequências dessa inútil e imperdoável campanha de odio.

Em tal ambiente, não podia o valor profissional ser muito elevado. Mas orientados, exaltados pela ploração interesseira dos civis envenenados pela política indigena, illudidos pela feição extrínseca deformada dos acontecimentos, começaram a se sviar de sua missão, considerando-se arbitros mores da vida nacional.

Os republicanos, impacientes, não quizeram vêr, talvez não vissem mesmo, que o termo do Imperio incidiria com o desaparecimento de D. Pedro II, e então normalmente, calmamente, sem abalos para o paiz. As tendencias democraticas de 1817, de 22, de 1824, de 1831 e de 1842, traçavam a evolução do crescente esforço anti-monarchista. O manifesto republicano de 1871 era começo de realização, e, aos poucos e com vigor ascendente, se desenvolveu até vencer em 1889. *Era in fati.*

Espiritos menos observadores e incompletamente par de nossa Historia, viram no 15 de Novembro uma léva de broqueis, abertura de uma phase de annunciamientos segundo o modelo sul-americano. Era simplista, arraigou-se na opinião, favoneada e fortalecida pelo desabafo dos adversarios do regimen novo, ou dos ingenuos que, na formula libertaria, admiravam virtudes intrinsecas, mirificas, capazes de edificarem a triste fallibilidade dos homens, o imorio dos factos, e o eterno conflicto dos interesses.

Nemesis impropiciavel, vingou-se a natureza humana. Os republicanos, que imaginavam ter nas forças elemento plastico e obediente, viram, deante de a contenda das mesmas paixões e dos mesmos appetites, armados, porém, do poder material que fallecia aos civis.

No effervescencia reinante, com o programma generator que alardeavam e com a inexperiencia governativa que os caracterisava, iam e vinham do para os Estados todos, emissarios fardados, *missionários* do novo evangelho politico. Em geral, iam assumir a direcção partidaria das antigas provincias, assão de commando mais do que incumbencia administrativa, ou fazer-se eleger para cargos legislativos. Nos Congressos, quer da União, quer dos Estados, figuravam os menos affeiçoados aos arduos labores da profissão, os mais prepensos ás lides electaes.

Foi um grande mal. Para as forças armadas, a representação digna de seu valor e de sua faina. Para o publico, a confundir toda a classe com os membros cabides de fardas com assento nas assembleas. Para o paiz, que não teve ali vozes autorizadas a lidar com proficiencia de assumptos militares. Para o estímulo profissional, perturbado nas promoções a intervenção indebita dos camaradas politicos e o accesso, embora por antiguidade, destes ultimos; tudo-se o escandalo de alferes e tenentes chegarem a generalato, por serviços... parlamentares. E, entanto, cabia-lhes a responsabilidade de conduzir as tropas e velar pelo vida de seus commandados.

Com isto soffreram fundamente os órgãos da Defesa Nacional, postos em suspeição pela opinião publica; por esta apenas tolerados como mal necessario inevitavel, irremovivel porque dispunham dos elementos de coerção material precisos para suffocar qualquer protesto.

Cada vez mais, afundava-se o fosso divisorio. Tudo conspirava nesse rumo. Civis, de todas as categorias, olhavam desconfiados para o uniforme. Faziam garbo de sua indifferença e de sua ignorancia das materias. Exercito e Armada eram o mal, o inimigo, o desordeiro nacional, que só não era ex-

tirpado por simples impossibilidade de agir contra elles.

Crearam-se duas mentalidades antagonicas no seio da Nação. Nos meios militares, com treinamento intensivo, dominava a idéa de subordinar o elemento civil. Este intrigava e procurava conquistar o auxilio da força, para pol-a a serviço de seus designios politicos. Nada mais facil, pois falando ao brio e ao sentimento do pundonor que são a essencia da psyché das classes armadas, sabiam seduzil-as em favor das pretenções, não raro censuraveis. Na historia de nossos tumultos internos, o Exercito quasi sempre se tornou o editor responsavel de machinações piasanas, a dominarem na penumbra dos bastidores.

Alheciavam-se os elementos populares. Nestes, a senha era o abandono dos problemas da defesa, afim de que a responsabilidade de quaesquer mallogros não recaísse sobre civis. Como si a responsabilidade, em toda a vida nacional, se restringisse a categorias determinadas e não existisse perante o paiz inteiro!... E contra o liame de cohesão, improvisaram-se as pequenas brigadas estaduais, destinadas a combater as tropas da União!... Nesse lamentavel phenomeno de fuga ao dever, onde ficavam dedicação e sacrificios pelo interesse da Patria Commum?

Assim, politicos de visão curta fizeram do Exercito e da Armada, profissionais e não profissionaes, um perigo para a integridade do Brasil, elemento dissolvente da unidade legada pelo Imperio. Crearam, com as policias militares, novas forças de esphacelo unional.

Tal foi a era lamentavel da politica militar, baseada na antipathia, na desconfiança e no medo. Haviam olvidado que nenhum regimen é duradouro e forte que se estribe na suspeita, na falta de comprehensão reciproca e na ausencia de amor!...

REACÇÃO SALUTAR

Não podia perdurar erro tão grosseiro.

A reacção veio. Não dos grupos de tenentes, na proclamação da Republica, promovidos a postos superiores com o decorrer do tempo, candidatos muito praticos aos confortos das posições, "*révolutionnaires arrivés et nantis*", na causticante phrase franceza.

Sim, de um pugilo de officiaes estudiosos, libertos de influencias extra-profissionaes; e de um nucleo de civis, convencidos de que, para solver um problema, é preciso estudal-o, conhecer-lhe as exigencias peculiares, e dar-lhes satisfações convenientes.

A esse grupo de iniciadores benemeritos, devemos saudar, os brasileiros, pois lhes cabe a honra da renovação de nossas forças. Podemos symbolisal-os no pessoal digno, competente, desprendido e patriota, os *Joventes turcos* que se aggregaram em torno da excellente revista tecnica, *A Defesa Nacional*. Civis e officiaes quizeram que o Brasil cessasse de reprimir o perigo militar ou de toleral-o por impotencia, e mostraram que o dever consistia em eliminall-o, integrando as forças armadas na Nação. Gloria lhes seja!...

Vae para mais de vinte annos o inicio desse movimento, e fôra lastimavel ainda se revelar tão atrasado, si se não soubesse o terrivel morbo que tanto paralysa nossa actividade governativa: a falta de continuidade administrativa.

Grandes cooperadores, em grãos variaveis, da obra salvadora, foram Rodrigues Alves, Affonso Penna, Veneslão Braz e Epitacio Pessoa, entre os presidentes da Republica. Julio de Noronha, Hermes da Fonseca, Alexandrino de Alencar, Caetano de Fa-

ria, Alberto de Aguiar e Veiga Miranda, entre os ministros das pastas militares.

Mas, accessos recurrentes da phobia á farda e de ignorancia dos problemas da defesa, em maior numero se poderiam citar os homens de governo que desconheciam ou abandonaram taes preocupações. Alguns mesmo, pautaram sua acção por uma estranha norma de hostilidade, de malevolencia aos quadros, de systematica destruição das energias moraes e dos recursos materiaes que dão vida e efficiencia ás classes armadas.

A semente progressista, entretanto, tinha poder germinativo por demais intenso para que a pudesse estiolar o máo trato do cuidador da seára. Brotou e surgiu á luz, em meio das proprias urzes. Mesmo agora, seis mezes de energia de tratamento, lhes restituiriam brilho e renovado vigor. Não o enxergaram, porém, os myopes da politica desintegradora da unidade nacional. Foram além, mesmo, e provocaram perseguições que geraram o levante ultimo. E, no entanto, acabavam de ser dados grandes e solennos exemplos do progresso da noção de obediencia á Lei, sem cogitar das personalidades que a representavam.

Passou o pesadelo. Nos conselhos governativos voltaram a predominar os interesses nacionaes sobre as paixões individuaes. A justiça, a regra, a ordem, aos poucos vão retomando a preeminencia que, por tanto tempo, lhes havia sido negada.

Esse, o ambiente normal que se deve manter e expandir.

Uma unica politica é possivel e aconselhavel a bem do paiz: comprehensão mutua entre civis e militares; cordialidade na collaboração; ingerencia esclarecida, altruista e competente, em gráo crescente, por parte dos homens publicos estranhos á farda.

Já deram exemplo os militares; mesmo por parte dos revoltosos, e com maioria de razão entre os legalistas, está victoriosa a noção de que a Republica ou ha de ser civil, ou desaparecerá no vortice da caudilhagem agaloada. E nesse rumo agiram ambos os grupos.

Aos civis, portanto, cabe estudar o mecanismo complexo do que é uma frota de combate e seus annexos; do que são as divisões e os exercitos. Sem serem technicos, conhecerem da technica o bastante para formarem juizo e cooperarem na creação e na manutenção inflexivel e progressista da defesa nacional.

Na situação vigente, pouco são os politicos, dignos desse nome, conhecedores de taes assumptos, e nisso vae grave perigo para o paiz. Porque o que está em jogo é uma vasta organização complexiva, que deve abranger *todas* as energias nacionaes, em todas as suas manifestações. E, sob as ordens do presidente da Republica, é o ministro quem preside a essa grande obra puramente administrativa de fornecimento de recursos de todo genero. A parte technica, que o encarregado da pasta governativa deve poder apreciar para a auxiliar indirectamente, sem nella intervir, é competencia dos technicos, no Estado-Maior, na tropa e nos servicos.

E, salvante excepções, o commando é máo aprendido para o ministerio. Neste ultimo, ha considerações politicas, legaes, financeiras de administração e de economia, que, dentro no Exercito ou na Armada, raras vezes tem occasião de se manifestar;

e por outro lado, o commando exige qualidades peciaes que o meneio de uma pasta não admitte, outros meios, sim. Bastam, para o provar, os exemplos innumerados dos officiaes de todas as classes se notabilisaram na direcção das relações exterior da viação, da agricultura e da fazenda. Igual e difficilmente se apontaria nas demais.

E enquanto se não vulgarisarem conhecimentos militares nos homens publicos capazes de serem membros dos gabinetes, tal penuria de competencias será uma fraqueza para nós.

A orientação de nossa politica quanto ás fronteiras de terra e mar decorre de todos esses antecedentes historicos, e da lição dos factos. Integrar a Nação com a incorporação das classes armadas. Unir os elementos civis e militares; intimidade não imposta, nascida, ao contrario, da convicção profunda de que a Patria não póde viver, nem garantir seu surtimento, sem assegurar os meios de sua existencia internacional; mas possuindo os elementos para tornar respeitavel nossa ansia apaixonada pela concordia, que se não possa nunca acoiimar de fraqueza, tendo sempre os recursos para seja ouvida e exercida a plena efficiencia nossa palavra de cordura.

Para provar a sinceridade de nosso religioso respeito pelos direitos alheios, do nosso amor á solidariedade humana e á fraternidade internacional, ahí está mais de um seculo de vida como Nação independente.

O CHEFE "O chefe deve ser, simultaneamente, bravo, confiante, organizador e energico:

bravo para servir de exemplo vivo para seus homens; *confiante* para transfundir, na alma de sua tropa, o chegado que seja o momento, a chamma sagrada sem a qual esta não se bate; *organizador* para criar a base, que é a base do successo por isso, que a desordem é o primeiro symptoma da derrota; *energico* para saber defender suas ideias e, desde que tomada uma decisão, fazer executar suas ordens, custe o que custar.

Acima de tudo elle deve possuir julgamento são e a imaginação criadora

(GEN. SERRIGNY)

"Ha duas grandes queixas contra a nossa actual lei de promoções. A primeira é simples — a lei não sabe evitar os insufficientes; a segunda, com exigencias maiores, accusa o mecanismo della de inadaptação ás condições novas do Exercito."

COMO SE FAZEM OS EXERCITOS EFFICIENTES

"A antiguidade é, sem duvida, titulo dos mais respeitaveis, mas não é o mais respeitavel dos titulos. Os Exercitos em que se tem concedido demasiada importancia ao principio da antiguidade, têm sido sempre batidos. Aquelles em que o principio do merecimento não se tem subordinado á importancia relativa da antiguidade, têm sido sempre victoriosos."

DE BRACK.

METHODOS DE ACCESSO E PROCESSOS DE SELECÇÃO DOS QUADROS NO EXERCITO FRANCEZ

Não obstante ser sobejamente conhecido o valor tal dos quadros para a efficiencia dos exercitos, bem o cuidado que merece sua formação em o mundo civilizado, vamos mostrar, linhas abaixo, como o Exercito Francez, o *exercito dos grandes*, o exercito que foi incontestavelmente o dire-victorioso da guerra contra os imperios centraes, conseguiu realizar o valor real que o caracteriza. Sem duvida, a nação franceza fez prodigios na de guerra, mas é incontestavel que esses prodiforam preparados pelos chefes do exercito ou realizaram porque estes puderam comprehen- os valores da nação franceza.

Em ultima analyse foram os *quadros francezes* venceram os *quadros allemães*, não que a estes se preparo technico propriamente dito, mas por is insufficiencias, hoje perfeitamente conhecidas, existiam no alto commando.

As *indisciplinas* da campanha da Rumania e a *Italia* manifestada na primeira batalha do Marne, *synthetizam as nuanças* que abateram o colosso ar de além Rheno.

Foi a cultura primorosa da Escola Superior de ra de Paris, foi o esforço intelligente, que for- a unidade de doutrina no Exercito Francez, endo a plena autonomia dos individuos, como amento da victoria.

A cada um sua função e cada um á altura das onsabilidades dessa mesma função, eis o unico do de qualquer organização collectiva.

Nos exercitos, destinados a operar sempre em entos de crise, porque a guerra é uma crise que escreve por uma curva de *maxima* e *minima*, a blina constituição é primordial ao successo e, por a constituição da hierarchia requer, mais que qualquer outra organização collectiva, attenção al.

Se, de facto, os chefes, de qualquer grão, não em suas funções em toda plenitude, nada ha- capaz de superar esta falha, quando o inimigo r ás portas.

Os longos periodos de paz fazem muitas vezes lidecer estas verdades, reveladas dolorosamen- as tarde quando já não ha mais tempo para gil-as e quando os grandes culposos por sua ncia já se confundem na noite dos tempos e das onsabilidades indeterminadas.

Os exercitos, porém, organizados, que não per- a consciencia de seus destinos e que sabem que rganização seria illogica, incoherente, abstrusa, o visassem a finalidade da guerra, o *cuidado no tamento dos quadros, na constituição, na man- de sua efficiencia e portanto na existencia a de uma hierarchia quanto possivel real*, é trado por fervoroso e ardente zelo patriótico, te energico e esclarecido para *vencer as in- ções dos pontos de vista pessoas*, das medita- ncompletas e das influencias inglorias. A *syn-* das regras seguidas na formação dos *quadros*

francezes, detentores actuaes dos "records" da sabedoria da guerra, apresenta aspecto proprio ao grão de evolução do povo e exercito francezes. São ellas o ideal para os povos e exercitos que as podem assimilar. Para outros de diversos costumes e sem as suas formidaveis tradições, só haverá ali a copiar o espirito que preside a taes regras. De resto, essa é a sabedoria que adquiriram os argentinos e foi essa mesma sabedoria que evitou a desaggrega- ção do exercito chileno revolucionario.

* * *

Em resumo, podem assim ser consubstanciadas as regras e praxes seguidas no recrutamento dos quadros e na constituição da hierarchia do Exercito francez:

I. — Nenhum official pôde ser proposto a promoção por escolha sem haver attingido á primeira metade do quadro de seu posto.

II. — A promoção faz-se por arma até o posto de coronel, no conjuncto do Exercito.

Os officiaes com o curso de E. M. concorrem com os das armas a que pertencem.

Para a promoção a general concorrem os coroneis de todas as armas, mas na pratica procura-se dar a cada arma uma parte proporcional ao respectivo quadro de coroneis.

III. — A proporção entre a promoção por antiguidade e por merecimento é a seguinte:

2º Ten. a 1º Ten. — promoção automatica após 2 annos de posto;

1º Ten. a Cap. — um terço por merecimento, dois terços por escolha;

Cap. a Maj. — metade por merecimento, metade por antiguidade;

Maj. a Ten. Cel. e Ten. Cel. a Cel. — sómente por merecimento.

IV. — A promoção por merecimento se faz por meio de *quadros de accesso*, organizados nas proximidades de 1º de Janeiro e publicado no Diario Official.

Esse quadro não se estabelece para o generalato. As promoções são propostas pelo General Inspector do Exercito (*actualmente Marechal Pétain*) e as propostas não são publicadas.

V. — A organização do quadro de accesso se faz do seguinte modo:

Nos Corpos, E. M. e Serviços, todos os officiaes que attingiram a segunda metade do quadro são propostos pelo seu chefe e se os ha varios, com indicação de uma ordem de preferencia.

Tal proposta ascende depois ás Brigadas, Divisões, Corpos de Exercito e Ministerio da Guerra (Direcção de Arma ou Serviço). Em cada um desses escalões faz-se a fusão das listas, indicando a autoridade a ordem de sua preferencia e fazendo as anotações que julga convenientes. Desse modo pôde

haver inversão na ordem das listas de um escalão a outro, passando, por exemplo, para numero 1 na lista do Corpo de Exercício um candidato que tinha o numero 2 na lista da divisão.

Excedendo o numero de candidatos ao numero fixado para a promoção, os excedentes ficam para o anno seguinte.

VI. — Desde alguns annos passados se estabeleceram tres categorias para o merecimento, chamadas dos *antigos*, *medios* e *jovens*, para os quaes o M. G. determina cada anno, seis mezes antes da organização do quadro de acesso, os limites maximo e minimo, como os da antiguidade no posto. Mas, em cada categoria, a organização do quadro se opera como foi visto acima.

VII. — Chegadas as listas ao M. G. são fundidas em tres listas unicas, conforme as tres categorias acima expostas e correspondendo a estas cada uma.

VIII. — O numero de officiaes a constituir o quadro de acesso é determinado todos os annos pelo Ministro, por propostas das Direcções conforme a previsão das vagas no correr do anno.

IX. — A proporção entre *antigos*, *medios* e *jovens*, fixada cada anno, tem por principal objecto equilibrar as condições do acesso nas diferentes armas e assegurar por eliminação successiva, resultante dos limites de idade em cada posto, o recrutamento do alto commando em boas condições de valor e de idade.

A isto chama-se "*administrar o acesso*".

X. — Em média as proporções observadas nas promoções, tendo em vista este objectivo, são as seguintes:

2/10	para	promoção	de	jovens;
5/10	"	"	"	medios;
3/10	"	"	"	antigos.

XI. — O quadro de acesso é, em regra de produção integral das Direcções de Armas e Serviços. Uma vez fixado, funde as tres categorias de escolhas, inscrevendo os officiaes conforme a sua ordem de antiguidade de posto.

No entanto, o governo tem o direito de inscrever nesse quadro officiaes que não foram propostos, desde que tenham a condição de antiguidade prevista, como o de eliminar os que achar conveniente.

Além disso, no correr do anno o governo póde inscrever nesse quadro officiaes por feitos de guerra ou serviços excepcionaes, mencionando taes feitos ou serviços. Os officiaes assim inscriptos collocam-se no fim do quadro e não conforme sua antiguidade de posto.

XII. — As promoções só se fazem trimestralmente, no dia 25 dos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro, na proporção de antiguidade e merecimento indicada para cada posto e seguindo a ordem do quadro de acesso.

XIII. — Os officiaes inscriptos no quadro de acesso de um anno, que deixem de ser promovidos por falta de vagas, encabeçarão o quadro de acesso do anno seguinte, sendo assim respeitado o direito que adquiriram pela inscrição anterior.

Esse direito é, porém, relativo, não tendo o mesmo valor daquelle que assegura a propriedade do posto, podendo o governo, em vista de faltas commettidas pelo official, eliminá-lo do quadro de acesso, mas em acto publico e com a declaração dos motivos.

XIV. — O "*brevet*" de E. M. é condição que influe poderosamente na organização dos quadros de

acesso e de tal modo que os 9/10 dos Coronéis Infantaria e Cavallaria, actualmente promovidos Generaes de Brigada, possuem o *brevet* de E. Na artilharia e engenharia a proporção é menor (a 6 decimos) por causa da existencia dos *talentados* *technicos*, indispensaveis a certas funções.

* * *

Nesse admiravel regime em que se caldeiam principaes elementos da excellencia do Exército Francez, ressaltam, e para elles pedimos a attenção do leitor, os factos seguintes:

a) — a nenhuma influencia exerce na carreira do official o facto de servir em Paris ou nas colonias, em vista do modo de organização do quadro de acesso;

b) — a preocupação e a possibilidade de aprender-se a carreira d'aquelles que se distinguem por sua intelligencia, sua cultura e seu valor profissional;

c) — a preocupação e a possibilidade de manter os quadros em equilibrio, pela maior ou menor proporção estabelecida entre *velhos*, *medios* ou *jovens*, o que permite assegurar nos postos superiores e no generalato a energia e o entusiasmo indispensaveis e que são difficilmente encontrados além de certos limites de idade;

d) — o prestigio resultante para todos os officiaes pela influencia que todos exercem nas promoções;

e) — a importancia decisiva que tem o *brevet* de E. M. para a acceleração da carreira, mormente nas armas essencialmente tacticas (infantaria e cavallaria), o que augmenta a concurrencia espontanea á obtenção de tal curso e permite, em consequencia, a realização de uma selecção rigorosa e indispensavel.

Por outro lado, essa importancia, permite recrutar um commando moço, convicto, plenamente responsavel e ao par das necessidades geraes de ordem no emprego de forças na guerra.

* * *

Tal como assignalámos de inicio, não apontamos as regras francezas como modelos a copiar literalmente e sim como exemplo da applicação de certos principios da efficiencia dos exercitos. Esses principios variam, não em substancia, mas em modo, applicação com factores geographicos e historicos, factores politicos e sociaes. Onde quer, porém, que se deseje crear um órgão capaz das graves responsabilidades da defesa nacional, preciso é que a observancia seja total e sem deslises.

A seguir, daremos outros exemplos de applicação desses immutaveis principios no ambiente de outros povos.

"Não será demasiado repetir-se que sem quadros capazes de bem conduzirem a nação á batalha e a prepararem para esse acto decisivo, qualquer esforço ficará perdido e todo despendio inutil."

O problema da guerra no Perú

CARACTER E NECESSIDADES DA GUERRA — LINHA DE COMUNICAÇÕES

(O que se segue é um extracto do artigo publicado na "Revista de la Escuela Militar de Chorrillos — Perú", para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores).

Ao Sr. Major Goubaux, ex-membro da I. M. F. do Perú, propoz o Sr. Major Carlos Dellepiane, do Exercito peruano, quando em França, as duas seguintes questões:

a) *Que ensinamentos tacticos e que armamento se deveriam adoptar e quaes se deveriam regeitar, dos colhidos pela experiencia da Grande Guerra, dado o caracter da guerra no Perú, guerra de movimento e em terreno montanhoso?*

b) *Que linha de communicações é mais vantajosa e facil de estabelecer para ligar o Perú aos paizes productores, suppondo que se falta o dominio do mar?*

* * *

A resposta á primeira destas perguntas dada pelas características geraes da guerra na America do Sul e particularmente no Perú, quaes são:

— impossibilidade da guerra tomar uma forma de estabilisação sobre uma frente continua, dadas as condições geraes dos paizes e dos exercitos em luta;

— a insufficiencia dos centros de producao e as difficuldades de communicações e falta de meios de transporte, que limitam o material de dotação dos exercitos e seu re-provisionamento.

As consequências expontaneas de taes características são as seguintes:

1ª — impossibilidade e mesmo desnecessidade de utilizar certos materiaes pesados como artilharia pesada e carros de combate;

2ª — necessidade de reservar o maximo capacidade limitada dos transportes para armas que têm efficacia na guerra de momento e portanto deixar de adoptar a grada de mão, etc., de pouca efficacia em tal caso;

3ª — ao contrario, deve-se adoptar o armamento que por sua levesa e mobilidade tem maior efficacia nessa especie de guerra taes como a metralhadora pesada, a metralhadora leve, as granadas V B, a artilharia de montanha de grande alcance;

4ª — necessidade de se desenvolverem os meios de ligação e transmissões, que têm particular importancia num paiz cortado como o Perú e obrigado pelo terreno a actuar por columnas isoladas, e, portanto, adoptar o telephone, a T. S. F. e todos os meios opticos;

5ª — a aviação aqui será de acção mais reduzida, empregando-se de preferencia na defesa da costa e para as missões de informação. E' ella uma arma cara que exige para seu pleno emprego recursos e uma organização do paiz, que o Perú, não possui.

Podemos agora concluir qual será a conducta tactica conveniente. A infantaria e a cavallaria, como na Europa, basearão sua acção na importancia da *potencia do fogo*, que conserva aqui toda sua importancia.

A artilharia não pode, porém, agir sem modificações no seu modo de emprego, porque aqui o material é reduzido, o remuniciamento limitado como os meios de observação, ao passo que na Europa o material é abundante e de poder consideravel e o remuniciamento praticamente quasi inexgotavel e os meios de observação muito ricos (aviões, balões, etc.).

* * *

A segunda pergunta encontra resposta no exame da situação geographica do Perú.

Tendo em consideração o adversario provavel, sensivelmente mais forte no mar, a linha de communicações deve orientar-se para a fronteira terrestre.

As condições a preencher por esta linha de communicações são as seguintes:

1ª — não estar exposta a "toute offensive brusquée" do inimigo e que possa servir de base ás operações até o fim da guerra;

2ª — ter um traçado que a ponha, no correr da guerra, ao abrigo do inimigo ou de seus possiveis alliados;

3ª — attingir a um porto livre (no caso do Perú, no Atlantico) que assegure as communicações com os centros productores do mundo (Europa e Estados Unidos);

As Manobras da Esquadra

Cerca de dois mezes mais, e estará terminado o anno de 1928.

Pode ser feito um rapido balanço da actividade da frota nesse tempo, em comparação com o periodo equivalente em 1927, e apreciar, de um modo geral, o reflexo de certos factos sobre o problema sempre palpitante do adextramento de nossas forças navaes.

No corrente anno, em tudo o que se refere á movimentação e ao exercitamento das unidades de superficie, houve sensível declínio; menor numero de navios fizeram-se ao mar e menos frequentemente deixaram as aguas da Guanabara, em demanda das paragens habituaes de exercicio.

O contrario, porém, succedeo com a Flotilha de Submarinos.

Restaurados devidamente em 1927, os tres submersiveis entraram em constante actividade que se tem prolongado, com

pequenos intervallos, por todo o anno fluente.

A aviação naval, por seu turno, dotada de algum aparelhamento novo intensificou a instrucção do pessoal, ha muito prejudicado pela falta de material adequado a esse objectivo.

Muito embora se deva reconhecer sem duvida, que mais lucrou a Marinha em 1928, em todos os serviços das armadas complementares, — submarinos e avião — a verdade é que esse facto auspicioso não apaga nem equilibra o decrescimento da actividade dos elementos primordiales da esquadra, que são as suas unidades de oceano.

Nos tres typos essenciaes que a constituem, couraçados, cruzadores e navios torpedeiros, assistimos á immobilidade do "S. Paulo," ao quasi desmantelo do "Bahia" e á paralysação de diversos contratorpedeiros.

4ª — permittir a organização de transportes de grande capacidade (via ferrea e fluvial).

As unicas fronteiras terrestres do *Perú* por onde podem ser traçadas linhas de communicações satisfazendo taes condições são as da *Bolivia* e do *Brasil*.

As que atravessem a *Bolivia* vão ter a *Buenos Ayres*, na *Argentina* e, do lado do *Brasil*, deve-se considerar sómente a que passe por *Iquitos* e *Amazonas*.

A linha de communicações via *Bolivia* teria a grande vantagem de apresentar sobre quasi toda extensão uma via ferrea dobrada em grande extensão por uma via fluvial de grande rendimento. Esta tem, porém, o grave inconveniente de atravessar a *Bolivia* e estar exposta aos ataques do *Chile*, cuja fronteira fica proxima. Além disso, nasce esta linha de communicações na região (*lago Titicaca*) sul do paiz, onde só é possível constituir uma base secundaria de operações.

A linha que se dirija para o *Brasil*, paiz cuja neutralidade não é duvidosa, constituirá uma linha de communicações central.

Uma vez melhorada a linha por *Iquitos* e *Amazonas* terá todas as condições desejaveis:

1ª — Sahe da região *Cerro de Pasco* *Tarma-Huancayo*, que escaparia a todas as tentativas do inimigo e que, por sua situação e recursos, constituiria a base de todas as operações offensivas ou defensivas que se pudessem desenrolar em qualquer região do *Perú*. Suas vantagens naturaes muito ainda augmentarão melhoradas as communicações com as outras regiões do paiz (estrada de ferro *Huancayo-Cuzco*);

2ª — Seu traçado atravessa apenas o *Brasil* cuja neutralidade não é duvidosa;

3ª — Prolonga-se de *Iquitos* pelo *Amazonas* que a liga em curto á Europa e Estados Unidos pelo Atlantico;

4ª — A unica desvantagem desta linha é a solução de continuidade entre o planalto e os afluentes navegaveis do *Amazonas*. Mas esta desapparecerá praticamente uma vez terminada a via ferrea de *Pichis*, em contrução.

Em resumo, para que o *Perú* assegure sua defesa — indispensavel que tenha organizada suas communicações com o exterior e interior. Em taes condições, precisa terminar a via ferrea de *Pichis*, preparar a via *Centro-Iquitos* e terminar a via *Huancayo-Cuzco*.

Estes são os tres trabalhos de mais urgencia para assegurar a defesa nacional.

pedeiros, inclusive a de seu navio-apoio, Tender "Belmonte."

Varias dessas unidades no anno passado movimentavam-se, e em aguas da Bahia Grande pôde reunir-se, então, o maior effectivo de nossas forças navaes já foi possível concentrar sob um commando em chefe. Mas não é caso para optimismo. São phenomenos passageiros, estes transitorias que, parece, o Governo aparelha para enfrentar definitivamente, reconstituindo o nosso poder naval sobre a base solida das boas finanças e da pujança economica do paiz.

O equilibrio orçamentario no presente exercicio, necessario á execução do plano financeiro iniciado, obrigou á redução de dotações consignadas na lei de meios, para diversos departamentos da administração publica.

No Ministerio da Marinha redundam essas providencias no adiamento de aquisições e das obras de maior vulto necessarias aos dois couraçados, e na diminuição da capacidade de mão de obra do seu Arsenal principal, com a dispensa da grande parte do operariado fluctuante. Deve-se, porém, consignar com regozinho que as obras do futuro Arsenal da Bahia das Cobras não soffreram o menor prejuizo e tiveram, do Poder Executivo e do Congresso, o mesmo apoio, o mesmo interesse que tem permittido o seu proseguimento methodico.

Certamente é esse o emprehendimento maior e mais urgente necessidade para a Marinha; mas não está longe, sem duvida, o dia em que as disponibilidades do tesouro darão margem, antes de qualquer aquisição de material fluctuante, á modelação completa de nossos dois grandes encouraçados, conforme os estudos iniciados em principios de 1926. Seguiremos, nesse terreno, com absoluta segurança technica, os exemplos suggestivos da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Argentina e do Chile, se não nos detivermos em simples reparações que restituam ás nossas mais possantes unidades da esquadra seu valor primitivo, mas procuramos, antes, tornalas ainda mais poderosas, mediante modificações convenientes que a sua resistencia estructural e outras constantes do problema permittirem á architectura naval melhorar, semelhantemente ao que fizeram os navios congeneres os paizes citados, e nós mesmos, no Brasil, levámos a

effecto nos cruzadores "Bahia" e "Rio Grande do Sul," recentemente.

As considerações que acabamos de fazer e nos occorrem deante da immobilização de cerca de 40 % de nossa esquadra nos periodos de manobras do corrente anno, revelam, tão sómente um pequeno aspecto particular do problema do momento que defronta a administração naval, complexo e de extrema variedade, e que nos deterá ainda, de outros feitos.

ESCOLA DE AVIAÇÃO ARGENTINA

A escola de Aviação Argentina passou por varios periodos de actividade: 1912 a 1915; 1915 a 1920; 1920 a 1922; 1922 a 1925; e o periodo actual.

No periodo actual conta a escola com 2 grupos — um de preparação dos alumnos, outro de pratica de officiaes já diplomados.

No anno passado os cursos começaram com 16 alumnos sendo 12 diplomados.

Osapparelhos empregados na escola são o "Avro" motor Le Rhone 110 H. P. e "S. V. A." motor S. P. A. de 220 H. P.

A escola fornece os seguintes diplomas:

Aviador militar (para officiaes)

Observadores militares (para officiaes).

Piloto (praças de pret)

Para obtenção do diploma o piloto segue um curso theorico-pratico.

O theorico dura 4 mezes.

O pratico divide-se em tres partes:

Primeira parte — Com professor — 7 a 9 horas de vôo em "Avro."

Segunda parte — "Laché" até completar 25 horas de vôo praticando acrobacia, manobrando entre nuvens, com mal tempo; aterrando com vento por traz e de lado etc.

Terceira parte — Provas no exterior do aeródromo — vôo em formação.

Para ser "aviador militar" deve o piloto ser navegador aereo — praticando vôos de duração e de orientação, de altura e em formação. Instrução de tiro e bombardeiro. Reconhecimentos a vista, signaes, troquis, radiotelegraphia e reconhecimentos photographicos.

A instrução dos quadros e da tropa na 1ª D. I.

(Continuação do thema por correspondencia,
distribuido em 31 de Janeiro deste anno)

1ª PARTE DO THEMA

Em face das informações mandadas pelo 1º R. C. D. sobre os acontecimentos havidos até às 16 horas do dia 31 de Dezembro, na região de SANTA CRUZ, o Cmt. da 1ª D. I. decidiu reforçar a cobertura.

Admitte-se que a ultima dessas informações tenha chegado ao Q. G. em DEODORO, às 18 horas.

Em consequencia da decisão tomada, expediu a ordem seguinte, que foi precedida das ordens preparatorias necessarias:

1º Exercito

1ª D. I.

E. M. Q. G. em DEODORO, 31

3ª Sec. de Janeiro às 19 horas.

N.º S + 1

Carta:.....

Ordem particular n.º 0 + 1

para o Destacamento

I — Informações (Vd. o thema).

II — Fica constituido, sob o commando do Gen. Cmt. da 1ª Bda. de I., um Dest. composto:

1º R. I.

1º R. C. D. (menos um Esq.)

I/1º R. A. M.

1 Sec. da Cia. Sap. Min. do

1º B. E.

III — Missão — Restabelecer a antiga frente de cobertura, ora em poder do inimigo; em caso de superioridade deste, barrar, a todo custo, a sua progressão entre a SERRA DO MENDANHA e o massiço ao Sul de SANTISSIMO.

IV — P. I. — Passagem de nível (E. F. C. B.) a 1.700 m. a S. O. da ESTACÃO DA VILLA MILITAR.

O 1º elemento do grosso passará às 20 h. 30 m., pelo P. I.

V — Ligações e transmissões.

a) T. S. F. — A' disposição do Cmt. do Dest. um posto de D. I. de ondas continuas.

Indicativos.....

Comprimento de onda

b) Telephone — Rêde da via ferrea já apropriada.

c) Estafetas — Um posto de muda de visionario, na ESTACÃO DE BANGÜ, a partir das 6 hs. de 1º de Janeiro.

d) Pedidos de balisamentos, artificios, etc. — (Codigo)

e) Eixo de communicações — ESTRADA REAL DE SANTA CRUZ.

VI — Evacuações — Para BANGÜ, a partir das 8 horas de 1º de Janeiro.

VII — T. C. — Com as unidades.

T. E. — Regulados pela D. I.: todos grupados amanhã, às 8 horas, em BANGÜ.

CONFERE: (a) Gen. Cmt. da

Chefe do E. M. 1ª D. I.

Destinatarios:

.....

TRABALHOS A EXECUTAR

Para os Cmts. de Corpo (menos da Cia. C. C. e 1ª Cia. F. V.)

Ordens dadas pelo Cmt. do Dest.;

Calco (1:25.000) do dispositivo do Dest. às 22 horas, e do estacionamento em fim de marcha.

Data da entrada das soluções neste Q. G. — 31 DE MARÇO.

NOTAS:

a) — Os Cmts. de Corpo deverão estudar o presente thema, com os quadros na carta, em que tomarão parte todos os officiaes. Os combatentes, tanto quanto possível, exercendo o Commando correspondente ao posto immediato e os não combatentes, nas suas proprias funcções.

b) — Em consequencia das decisões tomadas pelo Cmt. da 1ª D. I., em face das ordens, etc., trazidas às 22 horas de 31 pelo official do Q. G. do Exercito, e das informações do 1º R. C. D., chegadas successivamente de 21 horas e 30 minutos até às 0 horas e 30 minutos de 1º de Janeiro, será organizada a 2ª parte do thema a ser distribuida opportunamente.

O problema dos grandes alcances (*)

Soluções Alemã e Franceza

Pelo Maj. PERICLES FERRAZ

1° — Com o percurso nas grandes altitudes

De ha muito era conhecida dos physicos e isticos a existencia de uma zona na atmosfera onde a resistencia do ar torna-se minima. O celebre Astier chegou mesmo a publicar a memoria acerca deste assumpto para a Academia de Sciencia Franceza.

Para conseguir lançar o projectil, de modo attingir essa zona rarefeita, o canhão Bertha parava sempre com o mesmo angulo de elevação, de 50°, que fôra determinado com a condição de entrar o projectil nessa zona com angulo de 45°.

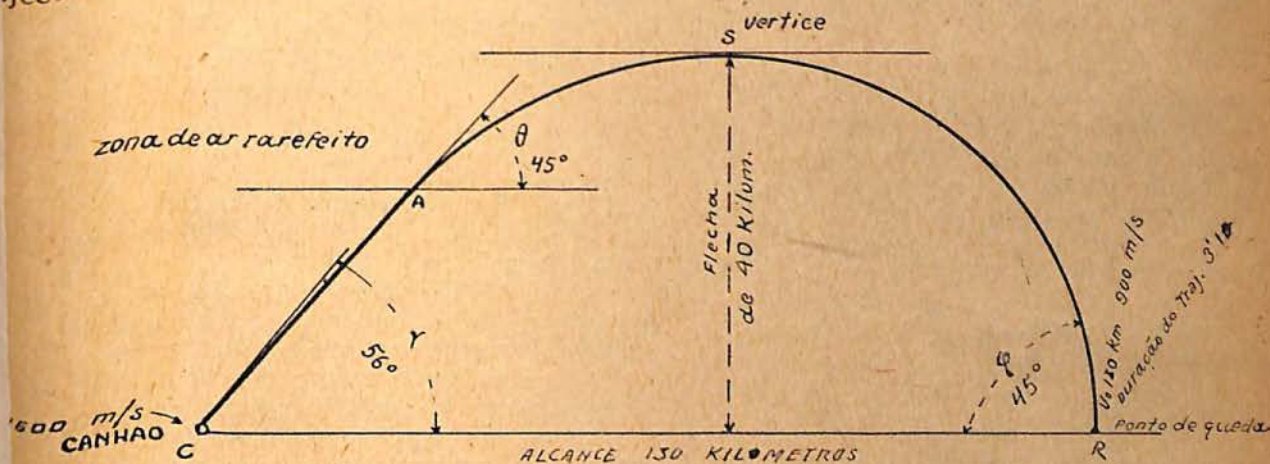
Basta dizer que a flecha do alcance de 130 km. é de 40 km. e a essa altitude o peso do metro cubico de ar é, approximadamente, de 1/2000, em vez de 1/293, que é o seu peso á superficie da Terra.

Como se vê, grande parte do percurso do projectil é feito nessa zona rarefeita, onde a re-

sistencia é minima, quasi o vacuo, conseguindo-se grandes alcances.

5° — Com a elevação de temperatura do meio gasoso

As propriedades do meio gasoso que cercam o projectil podem ser muito modificadas por uma temperatura elevada desses gases. Tornam-se estes menos viscosos e podem, talvez, moldar-se melhor ao corpo do projectil para attingir aos turbilhões que se formam no culote durante seu percurso na trajetoria. Os augmentos de alcance assim obtidos podem attingir 20 %. Os projecteis deste canhão tinham um dispositivo fundado num principio analogo. Na extremidade dianteira da falsa ogiva havia um alojamento carregado com uma substancia da familia, sem duvida, da *thermite*, que tem a propriedade de levar quasi instantaneamente o aço á temperatura do branco.



Trajectoria de uma granada explosiva do obuseiro Bertha para o alcance de 130 kilometros.

DADOS SOBRE A MUNIÇÃO, O TIRO, O REPARO E A RESISTENCIA DO OBUZEIRO

1° — A Munição

a) Projectil:	
Peso	100 kilogrammos.
Comprimento	2 1/2 calibres (525 m/m)
Comprimento da colimação balística	400 a 500 m/m
Culote	arredondado em forma espherica

Paredes	muito espessas, de 7 cm. no culote e 4 cm. na ogiva.
Aço	chromo-nickel ou chromo-vanadio
2 cintas de reforço de cobre com 3m/m de largura	tendo as anteriores já feitos os sulcos para entrarem os cheios das raia.

(*) Vide o numero de Setembro.

Em continuação das cintas de forçamento havia uma camisa com dois reforços annulares, raiados também num comprimento de 70 ou 100 m/m.

O projectil compunha-se de 2 partes, o *corpo* do projectil, destinado a conter a carga de arrebetamento e a *coifa balística* adaptada ao primeiro para diminuir a resistencia do ar.

b) Carga de arrebetamento:

Especie de explosivo.	50 % de Hexanitrodifenilsulfureto e 50 % de trotyl
Peso.	de 7 a 10 kilogrammos.

Era dividida em duas partes separadas por um disco tendo diversos orificios, com o fim, sem duvida, de dividir a massa e *diminuir o effeito compressor da inercia*, que poderia inflammam o explosivo.

c) Espoletas:

Prevendo que o projectil ao chocar o alvo não o fizesse de ogiva, dotou-se de 2 espoletas, uma collocada no disco de divisão da carga e outra no culote. Uma, de *percussão* e, outra, de *tempo* para o caso de não funcionar a primeira.

Eram os projeteis marcados por séries.

2° — O tiro

Alcance maximo. . .	130 kilometros
Angulo de elevação. . .	maior de 45°
Velocidade inicial. . .	1.500 a 1.600 m/s
Energia na bocca. . .	12.000.000 kilogrammetros
Pressão.	3.000 a 3.094 kg. x cm ² .
Da energia da polvora se transmite ao projectil.	32 %
Duração de tracto. . .	3' e 10"

O canhão disparava sempre com o mesmo angulo de elevação (50°), determinado com a condição do projectil entrar na zona rarefeita com um angulo de 45°.

Flecha do alcance de 130kg.	40 km.
Velocidade a essa altura.	680m. x segundo.

A essa altura o metro cubico de ar pesa approximadamente 1 gr., em vez de 1k.293, que é seu peso na superficie da terra.

Attinge ao solo com a velocidade de 400-700 m/s.

O ang. *queda* — tem uma tangente de 60 a 70 centesimos.

A *derivação*, devida ao movimento de rotação da Terra, é para um alcance de 120 kilometros de 1 km. com relação ao plano do tiro.

Em cada disparo do Bertha determinava-se o alcance por formulas de Balística, medindo a velocidade inicial.

O disparo era feito electricamente, de um posto protegido.

No ramo descendente da trajectoria (a parte do vertice) o movimento do projectil e quasi uniformemente acelerado até que penetra de novo nas camadas aereas de densidade normal, em que a aceleração vae diminuindo, chegando a ser negativa, em cujo momento a velocidade começa a decrescer até o valor final que é 400-700 metros por segundo.

Com alcances superiores a 100 km., o projectil realisa mais de 75 % de seu percurso em alturas maiores de 100 km. e o angulo *queda* tem uma tangente de 60 a 70 centesimos.

A *desivação* do projectil em consequencia de sua rotação e da resistencia do ar, não influe apenas mais que seu percurso nas camadas inferiores da atmosphaera e por isso, neste caso, menor que a que se observa em trajectorias descriptas na atmosphaera de densidade normal.

Em compensação ha o *desvio imponente* verificado pelo movimento de rotação da Terra, de que falamos acima.

3° — Reparo

- 1° — Era um reparo de marinha.
- 2° — Cunha de forma cylindrica com nervuras de reforço.
- 3° — O aparelho de recuo era constituído por 2 freios cylindricos hydraulicos e um cylindro recuperador pneumático e de molas.
- 4° — O comprimento do recuo era segundo uns 1m.30 e, segundo outros, de 1m.15.
- 5° — o reparo estava montado sobre uma plataforma gyratoria, com que se fazia a pontaria em direcção.
- 6° — A plataforma assentava em 112 espheras de aço de 20 a 35 cms. de diametro.

4° — Resistencia do canhão

A vida de um canhão de longo alcance diminue rapidamente á medida que augmenta o comprimento do tubo.

Phenomenos de desgaste e cobreamento

Para isso contribuem as erosões ás altas temperaturas dos gazes e o cobreamento das raiaes.

Esses phenomenos diminuem a precisão da arma e o alcance. Uma polvora adequada e um material especial para construção de canhão attenuam esses defeitos. Para conservar sempre constante o valor da velocidade inicial, augmentava-se a carga de tiro a tiro, determinando-se, de cada vez, com rigor seu peso em função do augmento de volume soffrido pela camara.

Phenomenos de flexão

Além desses defeitos de desgaste da alma, temos que considerar outros phenomenos perigosos que podem produzir a ruptura violenta do canhão.

As peças de grande comprimento, se não estão devidamente apoiadas, se flexionam sensivelmente por effeito de seu proprio peso, que é consideravel, e pela acção de diversas influencias.

O peso do proprio tubo produz a flexão, se não está bem apoiado.

Phenomenos de aquecimento e dilatação

Os raios solares podem dilatar irregularmente o cano, produzindo-lhe um movimento vibratorio da alta frequencia que, sendo a flexão grande, pôde fazer saltar o cano em pedaços com grande violencia.

Phenomenos decorrentes do desprendimento da coifa balistica

Outro perigo é o que representa a coifa balistica. Esta, por sua inercia, oppõe certa resistencia ao movimento de rotação, resistencia que, com as grandes accelerações angulares, pôde chegar a ser sufficientemente grande para seccionar os cravos que a unem ao corpo do projectil. Se se dá esse accidente, a coifa balistica se desprende, obstrue a marcha do projectil na alma; funciona a espoleta e a explosão da carga da granada produz a ruptura violenta do canhão.

Resultados dos tiros sobre Paris

Apreciando os resultados do bombardeio da capital franceza pelos Bertha podemos dividir em:

a) Materiaes:

Nenhum dos projecteis atirados sobre Paris deixou de funcionar. Eram de uma fabricacão esmeradissima.

Segundo as informações dos "Services Techniques de L Artillerie" cahiram em Paris 67 projecteis do Bertha, disparados em 4 séries, de Março a Agosto de 1918.

O numero de disparos diarios destes canhões variou muito. Houve dias que só se fez um disparo. Com o bombardeio mais intenso, em 23-3-918, cahiram em Paris 23 granadas.

Dado o alcance a precisão era muito grande. Houve uma direcção regular do tiro, como provam os impactos, pois sua maior densidade era sobre pontos de importancia militar e centros de communicacão.

O bombardeio de Paris com estes canhões teve grande effeito moral e não menos effeito material; as photographias contendo a localisacão dos impactos constituem uma prova eloquente da precisão com que atiravam os Bertha, tanto em direcção como em alcance.

A precisão destes tiros ainda mais nos surpreheende se nos lembrarmos que a sua preparacão foi feita exclusivamente pelo calculo.

b) Moraes:

Os allemães, visando effeitos desta natureza, escolheram deliberadamente o momento opportuno para o emprego dos Bertha, ao dar-se a sua grande offensiva da Primavera de 1918. Assim, pensavam accentuar o effeito dessa grande offensiva com o bombardeio de Paris. Note-se que os aviões allemães já não podiam abater o moral da Capital da França, graças ao magnifico serviço de informações e protecção contra os ataques aereos organizados por este paiz.

Os effeitos formidaveis dos ataques de surpresa só poderiam vir de outro modo — foi o que realisaram estes canhões de grande alcance.

Além disso, a constante inquietação causada em Paris pelo bombardeio e o temor de que com o avanço da frente allemã, esse bombardeio se tornasse mais intenso, haviam de contribuir para abater o moral dos parisienses. Esse effeito moral chegou a levar o Governo francez a pensar em uma fuga da capital.

O depoimento de um official allemão sobre o Bertha

O Capitão de fragata da marinha allemã, Walter Kunsel, antigo official da secção balistica dos canhões de longo alcance, subscrive um capitulo de uma brochura allemã "Auf See unbesiegt" (Invencido no mar) publicada pelo vice-almirante Eberard van Martey.

Esse capitulo é sobremodo interessante porque vem recordar um dos mais sensacionais episodios da guerra, a posição dos famosos "Bertha", que deixaram os alliados aturdidos um bom momento.

"Em meados de Março de 1918, a bateria, cujo embasamento havia sido cuidadosamente preparado, era installada nas vizinhanças de Laon, bem escondida em um bosque, por cima de cujas mais elevadas culminancias o canhão podia atirar a 45°. Construíram "blockhauser" para os officiaes e marinheiros artilheiros. Tal qual como na marinha!... Galerias subterra-

neas, á profundidade de cinco metros, para condução das preciosas munições. Postos de combate ao nível do sólo, postos em baixo, de que ninguém suspeitava, pois que as primeiras linhas inimigas distavam cerca de doze kilometros. Nos arredores, para subtrahir o material, durante os disparos, ás observações dos aviões e das "alchichas" inimigas (balões captivos em forma de salchichas, donde esse nome).

O "pequeno" canhão produziria séria impressão em Paris? Imaginae o que aconteceria em Berlim, se de subito cahisse semelhante ameaça sobre Potsdamer Platz, em seguida Alexander Platz, dez minutos mais tarde Schlesischen Bahnhof, e assim por diante.

Nós previramos as precauções seguintes: a uma distancia de alguns kilometros da nossa bateria, collocamos separadamente canhões de menor calibre, ligados por telephones ao nosso posto de combate; esses canhões eram apontados para qualquer alvo, indifferentemente, ao pequeno alcance de 22 a 25 kilometros, e deviam atirar ao mesmo tempo que nós, de accordo com a ordem transmittida pelo telephone. Suppunha-se difficil a localização dos "canhões de Paris".

O primeiro obuz sobre Paris: — Foi uma grande festa na frente occidental a vespera de 21 de Março de 1918. Tudo estava prompto; seguros da victoria, os leões se distendiam para o bote.

A 20 de Março, ás 22 horas, o General de artilharia em Marle trouxe a noticia: "amanhã de manhã, ás 4 horas, começo de foio "roulant".

No dia 22 recebemos a ordem de abrir fogo sobre Paris, na manhã seguinte.

A 23, ás 7 horas e um quarto, fez-se o primeiro disparo; um quarto de hora depois, outro; e em seguida, mais frequente e regularmente. E assim durante tres dias; enquanto isso, estavam ansiosos por saber onde haviamos atirado.

O entusiasmo do pessoal, officiaes e soldados, em manejar aquellas extraordinarias machinas, começava a arrefecer, deante da interrogação a todo instante renovada: "Estamos attingindo Paris?" A's 12 horas recebemos uma telephonada do Estado Maior General; quem se precipita ao apparelho é o proprio almirante e ouve, no meio da emoção geral: "Repita; os jornaes parisienses matutinos annunciam o bombardeio de Paris por grandes canhões que atiram não se sabe de onde. Infinitamente obrigado! Perfeitamente, continuarei os tiros".

Era grande a satisfação em nosso posto de vermos coroados de exito os nossos longos e arduos trabalhos. Ao almoço, bebemos á saude do "record mundial" da artilharia e dos seus futuros triumphos.

Apenas enchiamos os copos a segunda vez quando "pum"! uma bala de grosso calibre caia a 250 metros do nosso posto, sobre o prado, e pleno centro da installação da bateria. Alguns minutos mais tarde, outro obuz a 100 metros do primeiro. Não havia duvida, estavam belicados e alvejavam-nos com artilharia pesada. Previra-se, na verdade, esse hypothese, mas não que ella se verificasse com tanta rapidez. Como haviam podido os francezes, trinta horas após o nosso primeiro disparo, de um lado, terminar a nossa posição, a despeito da precaução de fazermos atirar outros canhões ao mesmo tempo que nós, e, do outro lado, pôr a bateria um peça de grosso calibre, a uma distancia approximada de 25 kilometros e abrir fogo de maneira tão precisa? Foi uma enigma para nós".

Dados principais

Alcance.	130 kilometros
Calibre.	210 m/m
Angulo de elevação. .	maior de 45°
Velocidade inicial. .	1.500 a 1.600 m/s
Comprimento da alma.	17 calibres, 42 (36 metros) (1)
Energia na bocca. .	12.000.000 kilogrammas-tros
Pressão.	3.000 a 3.094 kg. cm. quadrado
Da energia da polvora se transmitta ao projectil.	32%
Duração do trajecto. .	3' e 10"
Angulo de quéda. . .	45°
Peso do projectil (2).	de 100 kilogrammas
Carga de arrebeamento.	7 a 10 kilogrammas
Natureza desse explosivo.	50% de Hexanitrofenisulfureto e 50% de trotyl
Espoleta.	cada projectil 2 espoletas, uma percussão e outra tempo.
Flecha do alcance de 130 kilometros. . .	40 kilometros
Velocidade restante a 130 kilometros. . .	400 a 700 m/s
Systema de fechamento.	de cunha
Comprimento do recúo.	1m,15
Peso total do Bertha.	142.000 kilogrammas

(1) O tubo era composto de duas partes principal, posterior, de 30 metros de comprimento, anterior, de 6 metros.

(2) O valor de 4 era menor que 0,7. O raio de ogiva parece que era de 7 calibres

Tactica de Infantaria

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior pelo Professor de Tactica de Infantaria Ten. Cel. Hugues.

V CONFERENCIA

O FOGO OFFENSIVO DA INFANTARIA

SUMMARIO

- I — Objectivo do "fogo offensivo":
 - 1) Dominar o fogo do adversario com o minimo de "vulnerabilidade";
 - 2) Conservar a superioridade adquirida, explorando-a pelo movimento para a frente.
- II — Evolução do problema durante a guerra.
- I — Tactica actual do emprego do fogo:
 - 1) Elaboração previa de um plano de fogo inicial.
 - a) Onde atirar?

elementos do systema de fogos conhecidos antes do ataque (objectivos)

elementos revelados durante o ataque (neutralização).
 - b) Como atirar?

Duas theorias em presença:

 - plenitude de fogo;
 - reforçamento progressivo.
 - c) Quando atirar?

— neutralização preventiva a priori systematica (theoria da plenitude);

— neutralização progressiva (theoria do reforçamento progressivo).
 - d) Conciliação das duas theorias:

— plenitude de fogo realizada pelas metralhadoras;

— reforçamento progressivo pelas companhias de fuzileiros volveadores.
 - 2) Dispositivo inicial dos órgãos de fogo
 - a) Deve ser constituido em função do "Plano de fogo".
 - b) Deve permittir:
 - o movimento do maximo de efficacia de fogo
 - a realização do minimo de vulnerabilidade.
 - c) A base do dispositivo é a base de fogos:
 - sobre esta base uma massa de fogos;
 - na frente as companhias de fuzileiros volveadores;
 - á retaguarda as unidades disponiveis.
 - 3) Manobra do fogo durante o combate:
 - a) Em um compartimento de fogos dado a continuidade de fogo resulta:
 - dos projectis de armas automaticas;
 - do escalonamento em seu deslocamento
 - b) Passagem de um compartimento para outro
 - preparação minuciosa do deslocamento progressivo do fogo.
- 7 — Conclusão:

No combate tudo é problema de fogo.

I

Na offensiva, o problema do emprego do fogo consiste em atirar com sufficientes potencia e efficacia de modo a dominar o fogo inimigo, apresentando por outro lado ao fogo inimigo o minimo vulnerabilidade, tudo isto completado pela condico essencial que é a de conservar a superioridade

de fogo adquirida explorando-a por meio de movimento para frente.

Tal tem sido em todos os tempos o problema da infantaria, no qual tem variado constante e consideravelmente os meios e as dificuldades para resolvê-lo.

II

Em 1914, quando o emprego do fuzil obrigava a formação linear, o maximo de efficacia e minimo de vulnerabilidade eram procurados por meio de uma linha de atiradores com 5 passos de intervalo e a combinação do fogo e do movimento, traduzida pela formula — "marchar a todo o custo, a poder de reforços e atirar como se puder" — repousava quasi completamente na subordinação do fogo ao movimento.

Desde os primeiros combates ficou provado que essa marcha era mortifera, a efficacia do tiro era insufficiente e que o arrojo heroico nada podia contra um fogo não dominado.

Durante a guerra, a introdução da arma automatica fez com que se evoluísse irresistivelmente da "tactica das linhas" para a "tactica dos grupos" e que se valorizasse o fogo da infantaria.

III

Essa evolução lenta conduziu á tactica actual de emprego do fogo offensivo, que comprehende tres partes:

— Elaboração previa de um plano inicial de fogo;

— Organização de um dispositivo inicial dos órgãos de fogo;

— Manobras de fogos durante o combate.

1. *Plano inicial de fogo* — Esta idéa de plano de fogo é indispensavel toda a vez que se tem que combinar fogos de varias especies, desde o escalão Divisão até ao G. C., tanto na defensiva como na offensiva.

Nestes escalões, ha dois em que os planos de fogo tem importancia capital: o da Divisão que combina os fogos de infantaria e de artilharia e o do Batalhão que combina os fogos das differentes armas da infantaria.

Já vimos que a combinação de fogos da infantaria depende da quantidade de munição disponivel, da importancia da acção inimiga e do terreno.

Onde atirar? — Trata-se de dominar os órgãos de fogo inimigo e assim ha o maior interesse possivel de saber onde se encontram eses órgãos de fogo. Mas os meios de investigação da infantaria são muito precarios actualmente e isto constitue uma razão forte para que se orientem os esforços no sentido de conseguir meios adequados ás necessidades (observadores especializados, telephotographias).

Embora a infantaria só descubra, antes do ataque, um numero limitado dos órgãos de fogo inimigos, não fica desarmada contra os que só se reve-

larão no momento do ataque porque o estudo do terreno de ataque permite determinar, senão a sua posição exacta, pelo menos as zonas onde podem estar e as que não podem estar collocados.

A's zonas de acção mais ou menos vastas, das metralhadoras inimigas corresponde ou deve corresponder á capacidade de neutralização das armas de que se dispõem, de modo que os recursos que o terreno facilita ao fogo do assaltante medem as probabilidades que este tem de dominar o fogo da defesa. Em outras palavras, a escolha das zonas principais de ataque é de importancia capital.

Como atirar? — Trata-se de contrabater ou neutralizar com os proprios meios, tudo o que fôr da esphera de acção das armas da infantaria, mas evitando sempre despezas inúteis (fogos em compartimento differente daquelle em que se vae marchar) e realizando para os fogos julgados uteis o maximo de potencia.

Ha duas theorias sobre a realização dessa potencia maxima;

— a da *plenitude de fogo*, que consiste em fazer agir instantaneamente (ou ter em condições de agir) todos os meios de fogos necessarios para bater em condições de densidade sufficiente toda a zona a neutralizar, todos agindo na medida do possivel por concentração;

— a do *reforçamento progressivo*, que consiste em empenhar os órgãos de fogo progressivamente, á medida que os empregados precedentemente se mostrarem insufficientes.

Estas duas theorias podem ser harmonizadas considerando-se a do reforçamento progressivo como correspondente ás condições de execução do tiro colectivo das armas individuaes (Cia. de fuzileiros volveadores que só empenha inicialmente os G. C. sufficientes á frente de ataque); e a da plenitude de fogo correspondendo ás armas automaticas cujo fogo, a exemplo da artilharia, fica disponivel embora esteja o material empenhado (com excepção das que estão em posição na primeira linha), o que permite actuar successivamente com a totalidade dos fogos das armas automaticas para cada resultado successivo a attingir, realizando para cada um a plenitude de fogo.

Quando atirar? — Ha tambem aqui duas theorias:

— atirar no momento de partida do ataque só sobre os órgãos de fogo inimigo conhecidos e durante o ataque sobre os que se forem revelando successivamente;

— realizar a priori e systematicamente a neutralização preventiva de toda a zona de fogos em que podem estar collocadas metralhadoras inimigas, prompto a adaptar mais rigorosamente essa neutralização ás manifestações do fogo inimigo.

E' a opposição já apontada entre a plenitude e o reforçamento progressivo dos fogos. A neutralização preventiva corresponde á vontade de realizar a plenitude, mas exige, pelo menos no ponto escolhido, grande riqueza de meios de fogo. Não ha contradicção entre o seu emprego e a regra secular de que a infantaria deve poupar o seu tiro, só atirando quando necessario e sobre o que veja, porque as armas automaticas vieram permittir a marcha e o tiro simultaneos, o que não era possivel com o fuzil commum.

Comtudo, devido ao grande dispendio de munição, a neutralização preventiva não deve ser erigida como regra geral, principalmente para o caso brasileiro, em que as frentes de ataque são grandes e

o numero de armas automaticas relativas a estas pequenas.

A infantaria brasileira deverá no inicio do combate neutralizar os órgãos de fogo conhecidos e procurar por meio da observação especializada descobrir as metralhadoras silenciosas; mas durante o combate e quando a observação não fôr efficiente deverá tambem neutralizar preventiva e systematicamente as zonas provaveis das metralhadoras inimigas.

2. *Dispositivo inicial dos órgãos de fogo.*
Trata-se de construir um dispositivo dos órgãos de fogo que garanta de um lado o maximo de probabilidades para conseguir a superioridade inicial de fogo e doutro lado os meios de conservar ulteriormente essa superioridade. Esse dispositivo deve ser concebido e montado tendo em vista o movimento.

Os seus elementos essenciaes são:
Realizar o maximo de efficacia com o minimo de vulnerabilidade diluindo consideravelmente a largura e em profundidade o dispositivo dos órgãos de fogo, sem diminuir exaggeradamente o numero de homens que os servem e que gravitam em torno deles, porque é indispensavel á infantaria ter effectiva para atirar, marchar, manter-se e produzir o effecto moral terrivel do homem que ataca o homem.

O equilibrio do dispositivo é função da divisão do trabalho: cada arma ou agrupamento de armas devem ser collocados sob as ordens do chefe que, caso particular, melhor póde utilizar a sua potencia, dar, por exemplo, metralhadoras, armas do commandante do Btl. e do R. I., ou os petrechos, a commandantes de Cias. de 1º escalão é sacrificá-las o rendimento; os commandantes de Btl. e R. I. prestam ás Cias., não as armas, mas os seus fogos; entretanto, no caso desses commandantes não podem dirigir utilmente os fogos de seus engenheiros (terrenos cortados, cobertos, etc.) será conveniente dar aos commandantes de Cias. parte de suas metralhadoras, que serão recuperadas logo que cesse a causa de sua repartição;

O commandante de Btl. deve, em qualquer caso, constituir uma base de fogo organizada e commandada, verdadeira espinha dorsal de todo o dispositivo elemento essencial da manobra offensiva. Sobre esta base uma massa de fogo, em acção ou em potencia, sempre commandada; em sua frente o escalão de fogo das Cias. de fuzileiros volveadores que executam o combate de accordo com as vicissitudes de contacto, sempre sustentado pelos fogos da base acolhido por ella em caso de necessidade; atraz da base as unidades disponiveis e os elementos de munição.

3. *Manobra de fogo durante o combate.*
Trata-se agora de conservar ulteriormente e de explorar por meio do movimento essa superioridade inicial do fogo. Essa manobra de fogos constituirá propriamente a manobra offensiva.

A continuidade de fogos dentro do mesmo compartimento de terreno é possivel graças:

— á facilidade do tiro continuo das armas automaticas de pontaria estavel, mesmo por cima de tropas amigas em movimento;

— ao escalonamento na mudança de posição das armas (F. M. nos Pels., Mtrs. L. nos Btls. e Mtrs. P. nos R. I.);

— á utilização do fogo movel dos carros;

— ao tiro em marcha do F. M.
Quando o ataque passa de um compartimento de fogo para um outro ha o perigo de diminuição de potencia de fogo e produz-se quasi sempre um tempo perdido, devido a necessidade de deslocar as armas

s e constituir nova base de fogo. Tudo isso uma preparação minuciosa. Além disso, é preciso que no momento do des-
 ento das armas pesadas da infantaria a arti-
 compense com seu apoio a diminuição de po-
 do fogo daquella e que a progressão se faça
 erta lentidão e aos arrancos.
 ara fazer face ás modificações inopinadas do
 te é indispensavel que o plano de fogo seja
 anhado por actos de iniciativa em todos os es-
 de commando do fogo, pondo em evidencia o
 o de neutralização contra qualquer órgão de
 ue se revele durante a progressão, agindo tanto
 o possível por concentração de fogos.

IV

que se tem justificado bastante que no com-
 undo é problema de fogo e sobre isso ainda
 insistir.

o problema de fogo o aproveitamento da supe-
 ade de fogo, porque o avanço assim consegui-
 plica em ter na frente uma base nova de fogos;
 e mesmo a infiltração, manobra predilecta para
 ociar a resistência inimiga, se caracteriza pela
 ação e emprego de bases de fogos obliquos ou
 o paralelos á direcção do ataque. E' problema
 go a cobertura do ataque porque os exemplos
 m que as modificações da direcção de ataque
 as a fogos vindos do flanco, resultam quasi sem-
 o facto de não se attribuir a um mesmo coor-
 or de fogos todo o compartimento em que po-
 agir os fogos susceptíveis de prejudicar o ata-
 u de não se ter previsto as neutralizações ne-
 cias.

o problema de fogo a passagem de linha porque
 ata de substituir um dispositivo que não tem
 capacidade para dominar o fogo adverso por
 que disponha dessa capacidade.

o problema de fogo, finalmente, a ligação en-
 ataques porque o papel dos destacamentos mix-
 onsisste em garantir a continuidade da linha de
 mesmo quando ha uma discordancia na pro-
 io de duas unidades vizinhas. A garantia da
 o repousa sobre uma provisão de fogo, prompta
 ervir e representada quer por unidades em re-
 escalonadas atraz das alas, quando as unida-
 abalham no mesmo compartimento, quer por um
 camento de ligação quando operam em compar-
 tos diferentes e não se vêm.

Tudo é, portanto, um problema de fogo e não
 stucia de manobra de contornar esse problema
 egar de resolvê-lo: o fogo inimigo não se dei-
 quecer, ou é dominado ou se sofre as suas im-
 pes.

Além das idéas acima indicadas devemos salien-
 por exemplo, observações:

— se se quizer obter resultado será preciso ter
 za de meios de fogo ou, pelo menos, agir com
 mia para realizar a riqueza em dado ponto;

— importancia do remunciação;

— tyrannia do terreno, simultaneamente boa e
 izeja;

— importancia primordial da acção do chefe na
 ção do fogo.

Ahi fica provado que o fogo offensivo da in-
 ria tem valor proprio e que não subsiste á theo-
 e que o unico fogo offensivo é o da artilharia
 dos carros.

Mas esse fogo tem fraquezas numerosas e gra-
 (contra muros, brindagens, etc., á noite ou nos

bosques) que tornam a infantaria por si só incapaz
 em taes circumstancias. Por isso é indispensavel con-
 siderar o fogo da infantaria como uma das partes do
 "fogo unico" offensivo, sendo a outra parte repre-
 sentada pelo fogo da artilharia.

Dahi resulta a necessidade de coordenar a parte
 da infantaria e da artilharia desse fogo unico, isto
 é, a necessidade da ligação entre a infantaria e a
 artilharia.

"Lembrae-vos da guerra"

eis as palavras de ordem que as circumstan-
 cias politicas e militares actuaes nos impõem.

Cada um deve dizer-se a si mesmo essa
 fórmula superior de solidariedade militar, por-
 que se apoia na defesa da integridade nacio-
 nal que tudo abrange.

Não é um grito de guerra, mas um voto
 permanente pelo Brasil coheso e livre. Não é
 desejar a guerra, mas estar á altura de suas
 duras contingencias se ella despojar.

Nas modernas democracias, não é possivel
 comprehender-se o militar sem que elle esteja
 completamente absorvido pelos seus proprios
 deveres militares. Os exercitos de conscriptos,
 o conceito moderno da guerra, as actuaes ca-
 racteristicas da politica militar de todos os
 povos, comprovam sobejamente que, em ne-
 nhuma situação, podem os militares beneficiar
 melhor a nacionalidade do que quando apegados
 á cruz, ao evangelho do seu incomparavel
 apostolado civico que outra coisa não é, em
 nossos dias, a carreira das armas.

A preparação militar — nos corpos de tro-
 pa, nos serviços ou nos estados maiores —
 é, modernamente, obra de organização politi-
 co-social, de ordem e disciplina, obra de alta
 monta.

Seja na manipulação da materia prima que
 produz as reservas em homens; seja no levan-
 tamento de todos os recursos materiaes e mo-
 raes que a guerra exige e consome — por toda
 a parte e sempre o official representa, por si
 mesmo, por sua propria actuação profissional,
 factor politico e social de relevo.

Lembre-mos sempre de que a guerra
 pôde estalar um dia e que, então, além de to-
 das as difficuldades inherentes ás nossas con-
 dições geographicas, politicas, economicas e
 sociaes, teremos que arcar com mais uma — a
 desorganização militar."

"Tudo se transformou, desdo-
 brou-se, multiplicou-se, evoluiu, me-
 nos a lei de promoções."

Exemplo de programma para a apresentação de um esquadrão

Com effectivo de guerra

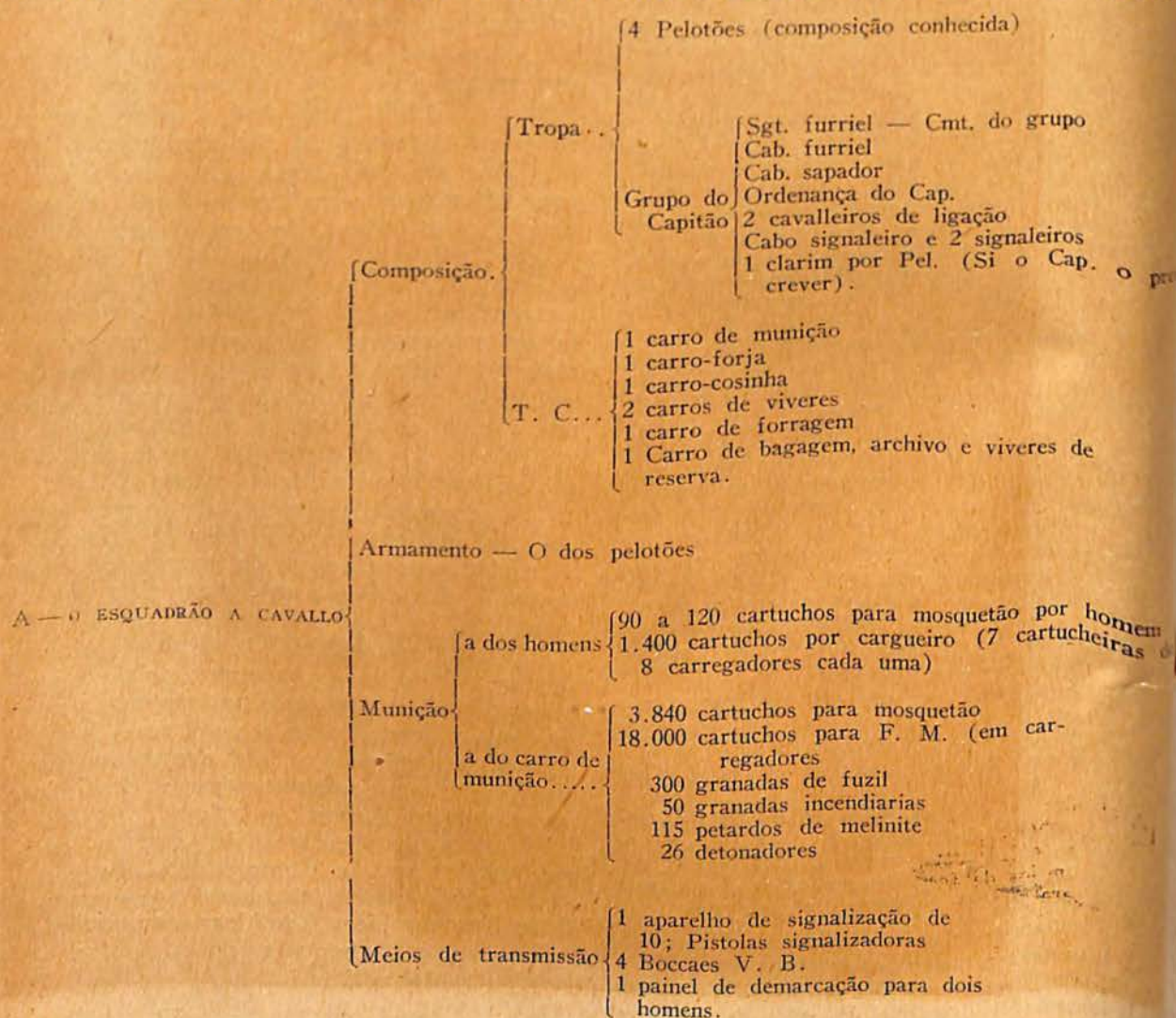
Pelo Major COLIN (da M. M. F.)

N. DA R. — O presente trabalho, cujo interesse não é preciso exaltar, foi organizado para uma demonstração na E. P. C., pelo Sr. Major Colin, da M. M. F. e professor daquela escola.

É uma demonstração muito interessante e methodica, fazendo resaltar, além das propriedades essenciaes da arma, o grão de instrução da tropa.

Constitue, portanto, excellente subsidio para os jovens capitães e exemplo que merece a attenção dos nossos chefes de cavallaria e de todos os que devem organizar grammas para exercicios de demonstração, para instrução de quadros ou mesmo inspecção de instrução da tropa.

I—APRESENTAÇÃO DE UM ESQUADRÃO COM EFFECTIVO DE GUERRA



{ O Esq. enquadado póde apear todos os seus pelotões ou parte delles.

{ O Esq. isolado guarda sempre uma reserva a cavallo.

{ Quando o Esq. apeia, os pelotões constituem, segundo o caso, os grupos de combate completos ou reduzidos.

B — O ESQ. APEADO	{	{	{	{	Sgt. furriel			
					Cab. furriel			
					Grupo de ligação	Ordenança do Cap.		
					2 cavalleiros de ligação			
					Os clarins dos 4 pelotões			
					O grupo do Capitão (sob o commando do sgt. furriel).	{	Grupo de signaleiros	1 cab. signaleiro
								2 signaleiros
								{
					Os sapadores dos pelotões (se fôr necessario).			
					Composição	{	{	
Os grupos de caval- los de mão.....	Grupados sob o commando do sgt, ajudante ou isolados por pelotões sob o commando dos sar- gentos cerra-fila.							
a reserva a cavallo								
o carro de munição								

II — APRESENTAÇÃO SCHEMATICAS DAS FORMAÇÕES DO ESQUADRÃO

A — A CAVALLO

Formações unidas	1.º Col. de estrada (por 2 ou 4) —	Formação de marcha
	2.º Linha de pelotões por 4..... —	Formação de marcha atravez do campo
	3.º Col. de pelotões..... —	Idem
	4.º Em batalha..... —	Formação de ataque a cavallo, o esquadrão guar- dando geralmente um ou mais pelotões para a sua segurança.
	5.º Passagem de uma formação a outra	

As formações unidas, muito visiveis e vulneraveis, só pódem ser empregadas sob reserva de uma rápida dispersão, caso fiquem sob o vôo de aviões.

Formações dispersas

3 especies de formações	1.º — Pelotões dispersos em largura	{	Linha de pelotões com intervallos variaveis.	{	Formação de approximação dando logo uma forma- ção de approximação a pé com 3 ou 4 pelotões em 1.º escalão
	2.º — Pelotões dispersos em profundidade	{	Forrageadores.....	{	Formação de approxi- mação e de ataque a cavallo.
	3.º — Pelotões dispersos em largura e profundidade..	{	Losango	{	Idem, sobretudo para Esq. isolado dando logo uma formação de approximação a pé com 3 ou 4 pelotões em 1.º escalão.
		{	Col. dupla....	{	Formação de approximação dando logo uma formação de approxi- mação a pé com dois pelotões em primeiro escalão e dois em se- gundo.

As formações dispersas são as unicas formações a empregar na marcha de approximação.

B — A PE'

Formações semelhantes às da Infantaria.

III — EXEMPLO DE EMPREGO DE UM ESQUADRÃO

OBJECTIVO DO EXERCICIO

- 1º — Mostrar o aspecto de um Esq. durante a marcha de aproximação a cavallo:
 - emprego de formações dispersas
 - modificações da formação conforme:
 - o terreno
 - as manifestações do fogo inimigo, e
 - as intenções do chefe.
- 2º — Apear do Esquadrão.
- 3º — Marcha de aproximação a pé.
- 4º — Cavallos de mão.
- 5º — Resaltar as características da arma e particularmente a sua rapidez de acção.

Situação geral — Um destacamento amigo de O. mantém as alturas a O. da E. F. C. B., em contacto com forças inimigas de E. O inimigo desencadeou forte ataque na região de Anchieta e ao S.

Situação particular — Hoje de manhã, ao alvorecer, o destacamento mantém aproximadamente a frente balisada pelas vertentes E. dos morros de Jovino, do Dendê, da Invernada, da Jaqueira, do Jacques e pelas saídas E. da Villa Militar.

A's 7h,30 da manhã o 1º R. I. informa:

1º — que, fortemente atacado, elle ainda mantém o morro da Invernada até a cota 60 (inclusive).

2º — que perdeu a ligação com o regimento visinho ao S. (2º R. I.), que tinha pela manhã elementos na região das vertentes E. do morro do Jacques.

3º — que engajou todas as suas reservas.

Ao receber essa informação, o Cmt. do destacamento dispõe de um batalhão de infantaria que acaba de chegar em Realengo e de um esquadrão com uma Sec. Mtr., em situação de alerta, nas cobertas das vertentes S. O. da Collina da Torres.

A intervenção de um elemento do batalhão Realengo necessitando quasi duas horas para se lizar, o Cmt. do destacamento decide, diante da situação critica, lançar mão do Esq. e da Sec. Mtr.

ORDEM DADÁ ÀS 8 HORAS AO CAP. CMT. DESTE ESQUADRÃO

1º — De prolongar, na direcção de S. O., R. I., cujos elementos da direita mantinham 7h,30 a cota 60 do Morro da Invernada (P. C. Batalhão da direita: cota 50, 300 ms. N. do Posto Veterinario).

2º — Procurar a ligação com os elementos esquerda do 2º R. I.

3º — Depois da operação, o esquadrão ficará ordens do Cel. Cmt. do 1º R. I. (P. C.)

Os pedidos de artilharia serão feitos, se houver necessidade, por intermedio do Cmt. do Batalhão direita do 1º R. I.

SITUAÇÃO NO INICIO DO EXERCICIO

1º — O Cap. Cmt. do Esq. já mandou dois conhecimentos de official de uma esquadra com um:

— um para encruzilhada S. do M. do Periquito cota 50 (300 ms. N. do Posto Veterinario), cota do M. da Invernada;

— outro para Faz. de Engenho Novo, caminho entre Monte Alegre e M. do Jacques, valle do rio Maranguá.

Estes reconhecimentos foram destacados ao receber a ordem e têm por missão:

— verificar a situação dos elementos da direita do 1º R. I.;

— procurar os elementos da esquerda do R. I.;

— assegurar a ligação do esquadrão com os comandos visinhos (batalhões) durante a operação.

2º — O Esq. e a Sec. Mtr. vão transportar-se para a região das encostas O. do M. da Jaqueira do M. do Jacques, segundo o itinerario:

Collina da Torres, Desfiladeiro entre M. do Periquito e cotas 60 (E. da Faz. de Engenho Novo) Guaraciaba.

DESENVOLVIMENTO DO EXERCICIO

1º — A MARCHA DE APPROXIMAÇÃO A CAVALLO

Trecho de terreno entre Col. da Torre e Periquito:

1.000 a 1.500 ms. quasi completamente descobertos com arroio de transposição difficil, salvo nas passagens

Formação:

Esquadrão disperso por pelotões em largura e em profundidade (Col. dupla).

Exploradores de terreno para a frente assignalam os obstaculos.

Andadura:

Galope.

A FORMAÇÃO — Função do terreno

Trecho de terreno entre o M. do Periquito e Guaraciaba:

desfiladeiro desenfado, obliquo em relação ás vistas inimigas

Formação:

Col. de estrada.

Andadura:

Trote.

Trecho do terreno entre
Guaraciaba e as verten-
tes O. dos M. da Jaquei-
ra e do Jacques:
com caminhamentos desen-
fiados e zonas vistas....

Formação:

Pelotões dispersos utilizando-se ao maximo
dos caminhamentos offerecidos pelo ter-
reno.

Andadura:

Galope.

Trecho de terreno entre
Col. da Torre e M. do
Periquito:

Tiros explosivos na região
da cota 28.....

Desenvolvimento automatico dos pelotões
expostos em linha de esquadras, com
grandes intervallos.

A FORMAÇÃO — Função
do fogo inimigo.....

Trecho de terreno entre
Guaracibaba e vertentes
O. dos Morros da Jaquei-
ra e do Jacques:

Tiros de schrapnels na re-
gião do ponto 36.....

Dado que a direcção de marcha dos pelotões expos-
tos é mais ou menos perpendicular á direcção
do tiro, passagem da zona perigosa em columná
por um com distancias entre os cavalleiros ou
por esquadras successivas.

Trecho do terreno entre
Collina da Torre e M.
do Periquito

Sendo a intenção do Cap. encolumnar o seu Esq.
para atravessar o 2º trecho de terreno, elle esco-
lhe para atravessar o 1º uma formação que faci-
lite a passagem para a col. de estrada: Columna
dupla.

A FORMAÇÃO — Função
das intenções do chefe

Trecho do terreno entre
Guaraciaba e as vertentes
O. dos morros da Jaquei-
ra e do Jacques.....

Antes de attingir Guaraciaba, o Cap. recebe infor-
mações dos seus reconhecimentos a respeito da
brecha a occupar.

Essas informações levam-no a decidir:

- do numero minimo de pelotões a empregar
logo a pé;
- dos pontos de direcção a dar a cada pelotão
para apear.

Disso resulta a formação adoptada para atravessar
o ultimo trecho de terreno e a direcção dada a
cada pelotão:

- 3 pelotões dispersos em largura cada um tendo
o seu objectivo;
- a Sec. de Metr. e o 4º Pel. na esteira do Pel.
da esquerda (melhor caminhamento).

Além disso:

- o apear do Esq. deve ser coberto, assim como
o reconhecimento do Cap.

Em consequencia:

- cada pelotão destacará para a frente na sua
direcção uma patrulha de combate (uma esqua-
dra).

Essas esquadras cobrirão o apear do Esq. e o reco-
nhecimento do Cap. na frente Jaqueira e Jacques.

O Capitão acompanhado:

- pelos Cmts. dos 1º, 2º e 3º Pel. e da Sec. Mtr.
tendo cada um 1 agente de ligação);
- pelo sargento furriel;
- pelo seu ordenança;

galopa atraz dessas patrulhas até ao ponto de ob-
servação (M. da Jaqueira).

2º — O APEAR DO ESQUADRÃO

O Esquadrão apear:

- na ultima coberta que possa attingir a caval-
(rapidez de acção);
- por pelotões dispersos e em cada pelotão se

houver possibilidade por esquadras dispersas a pe-
dido do terreno e das suas cobertas (reducção da vi-
sibilidade e da vulnerabilidade);

— na futura formação de approximação a pé,
os pelotões já em direcção aos seus objectivos (ac-
crescimento de rapidez de acção).

3° — MARCHA DE APPROXIMAÇÃO A PÉ

Semelhante á da Infantaria.

4° — CAVALLOS DE MÃO

— poucas vezes reunidos por esquadrão, geralmente dispersos por pelotões.

— o seu logar depende {

- do terreno
- do fogo inimigo
- da missão do esquadrão (off. ou defensiva, com ou sem idéa do mov.)

— no caso do exercício executado.. {

- Não ha idéia de movimento nem para frente nem para traz.
- Em consequencia, mandar os cavallos de mão para a retaguarda (por ex.: desfiladeiro entre Mte. Alegre e M. do Jacques) sob o commando do Sgt. ajudante.

5° — CARACTERISTICA DA ARMA E NOTADAMENTE:

RAPIDEZ DE ACÇÃO

Tempo empregado pelo Esq. para cumprir a sua missão {

- 50 minutos
- Commentarios inuteis.

Essa rapidez resulta:

— da rapidez de deslocamento do cavallo
— do facto que a marcha de aproximação a cavallo foi levada quasi até á posição a occupar. — Este facto será quasi sempre possivel qualquer que seja o terreno, graças a um emprego judicioso das formações dispersas;

— do facto que, o capitão possuindo elementos proprios de informação poude reunir rapidamente os elementos necessarios para a sua decisão e a sua futura acção —

informações a respeito da brecha a occupar;
ligação com as unidades vizinhas;

— da actividade intellectual do Cap., o qual, recebida a informação, decidiu-se logo e em função dessa decisão, mandou tomar pela sua tropa a cavallo (em Guaraciaba) medidas preparatorias para o seu futuro engajamento a pé:

formação de marcha de aproximação a cavallo reduzindo o tempo de passagem para a aproximação a pé;

orientação dos Pel. a cav. na direcção do seu emprego a pé;

— do facto que, antes de apear, o Cap. prece-dendo a sua tropa (no M. da Jaqueira) e vendo o seu terreno de acção poude decidir da sua pequena manobra a pé e, além disso, dar por meio da sua ligação as suas ordens sem atrazar o Esq. que durante este tempo apearva;

— da actividade e da boa instrução em todos os escalões;

Cmts. de patrulhas activos;

Estafetas de escól levando as informações rapidamente e seguramente;

Ligações rapidamente estabelecidas e transmissões das ordens rapidamente executadas.

Resaltar os principaes factores que conduzem á rapidez de acção é o objectivo primordial deste exer-

Organisação e Organisação

“Quantos procurem isolar-se das competições internas, alçar-se acima da luta dos partidos e das injunções circumstanciaes dos politicos inconsequentes; quantos se esforcem por manter constantemente presente no espirito a finalidade essencial das forças armadas do país, não podem deixar de encarar de frente sérias apprehensões.

Caso se desencadeie um conflicto armado no sul do continente, de cujos interesses participamos através da vida de seis dos Estados da União, seremos capazes de manter a nossa propria neutralidade? Se qualquer Estado sul-americano, dos mais fracos, appellar para nossa tradicional politica de generosidade, seremos capazes de prestar-lhes o apoio indispensavel? Se o conflicto nos arrebatara directamente e lançar-nos na fogueira das batalhas seremos capazes de empenhar-as e levar-as a bom termo? Emfim, quaesquer que sejam as cumstancias, seja qual fôr o momento, apresente-se como se apresentar o conflicto, seremos capazes de manter integra a honra do Brasil?

As respostas a taes perguntas, essas, sim, é que nos preocupam. Falta-nos a certeza necessaria a uma resposta absolutamente positiva para cada um desses quesitos. E, quando não se tem essa positiva certeza, não se pôde deixar de acolher, de ponderar as mais escuras apprehensões.

A guerra hoje não se faz só de heroismos, mas repousa, sobretudo, em meticulosa e longa preparação. A arma automatica sepulta todos os heroismos na mecanica ironia de suas sinistras gargalhadas. E os motores das esquadrilhas aereas, passando indifferentes por sobre todas as bravuras que se revelem em campo raso ou nas pelejas defensivas, vão direito aos centros vitaes de abastecimento e de transporte, desorganizando tudo, material e moralmente.

Não ha duvida que saberemos lutar, mas é preciso que a Patria continue a viver com honra, respeitadas as suas tradições militares e os seus direitos politicos, que o sacrificio da vida de cada um represente, de facto, a victoria da nacionalidade.”

cicio e, a enumeração delles, assim como foi feita acima, constitue a conclusão, o remate do presente trabalho.

O A PROVINCIA...

Anno de Instrucção de 1928 — II.º R. I.

NOTA DA REDACÇÃO: — Esta Revista consoante a sua principal finalidade, conseguiu do Sr. Ten. Cel. Outubrino Nogueira, commandante do 11º regimento de infantaria, em S. João d'El Rey, permissão para divulgar o programma por elle organizado ao iniciar-se o corrente anno de instrucção.

A actual publicação representa o primeiro passo de um projecto por nós ambicionado no sentido de sermos vehiculo mais completo das idéas e das novas no meio militar. Com o novo surto de vida que se vem accentuando na tropa, verificamos a necessidade e as vantagens de propalarmos os esforços, a boa orientação e os resultados conseguidos na tropa, aqui e por ali afóra — na provincia —, esforços, orientação e resultados até então desconhecidos e com que não estavamos habituados.

O trabalho, a experiencia e o bom exito dos camaradas da tropa, assim divulgados, serão certamente ensino de valia a todos nós que labutamos na mesma officina e que vivemos aprendendo. E mais do que ensino, elles serão estímulo, pelo exemplo que proporcionam no tocante ao zelo pelo cumprimento da tarefa funcional, pelo entusiasmo e pela fé que revelam na missão meritoria e grandiosamente nobre do official.

No proximo numero publicaremos o programma organizado pelo Sr. Coronel Paes de Andrade, cmt. do 7º R. I. Com o agora publicado, mostrará elle as modalidades que devem comportar as prescripções do R. I. Q. T., quando applicadas conforme ás circumstancias particulares de cada corpo e desde que se vise o mesmo objectivo — A INSTRUÇÃO PARA A GUERRA.

PROGRAMMA E HORARIO PARA O 1º PERIODO

Tendo o Commando da Divisão, em seu boletim n. 41 de 17, conforme fez publico o 7º Bda. em boletim n. 4. de 18, tudo do corrente, mandado observar com relação ao 1º periodo de instrucção, as mesmas directivas do anno findo, torno publico, nos termos dos ns. 2, 3 e 4 do R. I. Q. T., o programma e o respectivo horario para a instrucção deste Regimento na parte que se refere ao 1º periodo acima citado.

DIVISÃO DO TEMPO

A 7 de Março vindouro iniciar-se-ão as seguintes instrucções: dos officiaes, dos sargentos, dos cabos e dos recrutas.

A 7 de Abril terá inicio o curso de candidatos a cabo.

No mez de Maio proceder-se-á á classificaçáo dos especialistas.

— Juramento á Bandeira. Concurso das bandas de musica, de corneteiros e concursos de provas physicas, a 24 de Maio.

— Terminação do periodo de instrucção — 7 de Julho.

— Os exames relativos ao periodo terão lugar entre 7 e 15 de Julho.

— A 7 de Julho terminação do curso de candidatos a cabo.

— De 7 a 15 de Julho — exame desse curso.

(Directivas do Commando da Divisão relativas ao 1º periodo de 1927).

HORARIO

Alvorada	5,30
Café	5,50
Limpeza de animaes e baias	6,00
Instrucção	6,30 ás 9,30
Ensaio das bandas de musica e corneteiros	10,30 ás 12,00
Almoço das praças	10,00
Almoço para os officiaes	10,30
Parada	11,00
Escola Regimental	11,30 ás 13,00
Merenda	13,10
Instrucção	13,30 ás 15,30
Jantar	16,30
Escola Regimental	18,30 ás 20,00
Recolher	21,00
Silencio	22,00
Ensaio da banda de musica	14,00 ás 15,30

OBSERVAÇÕES

1.ª — A sessão de instrucção de manhã se dividirá em dois tempos: o 1º, que não excederá de 1 hora, destinado á instrucção physica; o 2º em que se tratará da instrucção relativa aos regulamentos — R. E. C. I., R. S. C.,

R. E. M. P. e pratica de R. O. T. Exceptuam-se as quartas e sabbados, cujas manhãs serão destinadas — as primeiras, exclusivamente ao adestramento para o combate e serviço em campanha e, as ultimas, ás marchas de treinamento.

— A sessão da tarde, igualmente, se dividirá em dois tempos: um em que se tratará da instrução technica individual e tiros de instrução, (*) e o outro, das instruções technica, geral e educação moral.

2.^a — Nas quartas-feiras só haverá uma sessão de instrução — a da manhã. A's tardes serão occupadas com a limpeza geral do quartel, lavagem de roupa, limpeza do armamento, arreiamento e equipamento, etc.

3.^a — Aos sabbados também só haverá a sessão de instrução da manhã, destinada exclusivamente ás marchas de treinamento. A escola regimental não funcionará.

— Pelo menos uma vez por mez, a tarde de sabbado será aproveitada para as revistas geraes — armamento, equipamento, fardamento, etc.

4.^a — A partir da segunda semana serão iniciadas as marchas de treinamento, nas quaes se observará cuidadosamente não só o augmento progressivo das etapas a effectuar como o da carga a ser transportada pelos homens.

5.^a — A partir da 3.^a semana haverá, no minimo, uma sessão de instrução á noite, em horas variaveis e em que tomarão parte todos os officiaes, sargentos, praças promptas e recrutas das Cias.; a partir do 3.^o mez haverá, no minimo, uma vez por mez, um treinamento de marcha nocturna.

6.^a — Duas vezes por semana as praças empregadas comparecerão á sessão de instrução da manhã. Todas as vezes, porém, que essas praças demonstrarem ignorar preceitos fundamentais de instrução geral, principalmente ao que se refere ao R. Cont., será o facto levado ao conhecimento da autoridade competente, que ordenará o seu comparecimento a esse ramo de instrução.

7.^a — Durante as sessões de instrução o numero de praças de serviço diario será reduzido ao minimo.

8.^a — Os Cmts. do Regimento e Batalhão serão prevenidos, de vespera, dos locais em que se vae realisar a primeira sessão de instrução das Cias., bem como dos itinerarios das marchas de treinamento.

9.^a — Nas marchas acima referidas, sempre que possivel, os itinerarios escolhidos de-

verão ser previamente reconhecidos e levanta dos pelos respectivos instructores, que farão *croquis* desses levantamentos expeditos.

10.^a — As duas "Linhas de Tiro" do Regimento serão assim utilizadas: segundas e quintas-feiras — pelo I Btl.; terças-feiras — pela C. M. P.; sextas-feiras — pela C. E.

11.^a — Tendo em vista o reduzido material indispensavel á instrução physica e a impossibilidade economica de, presentemente, augmentar-lhe a dotação, de modo a se poder fazer uma distribuição equitativa pelas Cias., a referida instrução será dirigida por um official designado por este commando, que dará para isso as instruções necessarias, tudo nos termos do final do n. 79 do R. I. Q. T.

— Local para instrução — Estadio novo

12.^a — A instrução dos officiaes, ministrada pelo commandante do Regimento, será dada ás quartas-feiras e sabbados, das 13 ás 14 horas, até que a pratica determine modificações nesse horario.

13.^a — O Chefe da Formação Sanitaria deverá apresentar a este commando o programma das instruções de enfermeiros e padioleiros, o qual será ministrado sob sua direcção.

14.^a — Uma vez por mez, aos sabbados das 13 ás 14 horas, um dos medicos da Formação Sanitaria fará ás praças uma prelecção sobre noções de hygiene individual e do quartel de primeiros socorros e sobre a prophylaxia das doencas venereas.

15.^a — O curso dos Segundos Tenentes commissionedos, dirigido por um official subalterno com o curso da E. A. O., sob as vistas do commandante do Regimento, funcionará ás terças e quintas-feiras, das 12,05 ás 13,05 horas.

INSTRUÇÃO DE RECRUTAS

Considerações geraes

Na preparação do homem para a guerra devemos distinguir, de modo nitido, a sua preparação individual e a collectiva. A instrução individual se decompõe em technica e tactica. Neste programma, ou antes, directivas, procuraremos pôr em destaque a instrução a ser ministrada ao homem, factor elementar do combate, da que se refere á sua actuação em conjuncto, agindo em cooperação, para attingir determinado fim.

O infante, na phase critica do combate, age quasi sempre por iniciativa propria, conscienciente, e tendo em vista o cumprimento de missão commum. Aceita que seja essa verdade inconcussa, concluiremos, immediatamente, quão importante é a instrução individual.

(1) Durante as sessões de tiros de instrução, nas respectivas linhas, ás praças que ainda não tenham atritado e ás que já o tenham feito, será ministrada a instrução technica ou geral, de accordo com o programma do dia.

O papel primordial e complexo do instructor, sob o ponto de vista tactico, é, pois, preparar o homem individualmente e, isso conseguido, enquadra-lo numa collectividade e faz-lo agir em cooperação.

Sob o ponto de vista das instrucções tecnica e geral e da educação moral, ellas deverão ser conduzidas, durante todo o anno, com caracter individual, como elementos componentes, importantes e indispensaveis que são na preparação do soldado para sua finalidade de combate.

Na instrução relativa aos exercicios de "Ordem Unida", em que se ensinam os "movimentos necessarios ás paradas" e educa-se a tropa na "disciplina de fileira", distingue-se, tambem, a instrução individual da collectiva, devendo-se, no entanto, logo que os homens tenham as primeiras noções da Escola de Soldado, ainda na instrução sem arma, enquadra-los no Grupo, fazendo-os assim agir na fileira.

A instrução physica é ministrada nas turmas respectivas, mas attendendo sempre ao caracter individual, pois o mecanismo dos movimentos é ensinado em cada turma, individualmente, nas "Sessões de Estudo", e só depois dos homens conhecerem os seus minucias, é que o instructor poderá fazer a verificação collectiva numa lição completa.

APROVEITAMENTO DO TEMPO

Principalmente para os fins da instrução que visa directamente o adestramento do combatente, vamos dividir os quatro mezes que constituem o primeiro grande periodo em tres *phases* distinctas. Na primeira, que durará dois mezes, tratar-se-á principalmente do preparo individual; a segunda comprehenderá o aperfeiçoamento daquelle ensino, simultaneamente com o enquadramento do homem no G. C., onde começará a agir em cooperação para os fins de missão commum; finalmente, no ultimo mez, aperfeiçoar a instrução do G. C., ao mesmo tempo que se ensina a sua cooperação nas missões mais complexas do pelotão.

RECOMMENDAÇÕES AOS INSTRUCTORES DE RECRUTAS

É complexa e, por consequencia, difficil o desempenho da ardua missão de instructor, principalmente a do instructor de recrutas, a quem cabe transformar o homem que lhe é confiado, em geral inculto sob todos os pontos de vista, em um soldado capaz de cumprir o dever sagrado de bater-se pela Patria e por ella morrer, se fôr necessario, porém não morrer como

"Carne para Canhão" e sim como combatente efficiente, que tenha sabido cumprir o seu dever.

O instructor de recrutas deve, desde os primeiros contactos com os seus instruendos, procurar conhecê-los para poder julga-los sob o triplice ponto de vista — physico, intellectual e moral —; deve ser calmo, activo e perseverante e de uma paciencia de evangelizador, principalmente para com aquelles de rudimentar desenvolvimento mental; deve ensinar mais "fazendo" do que "dizendo"; empregar, sempre que possivel, a classica expressão "façam como eu"; não se cansar nunca de repetir; não falar "difficil"; ensinar sempre "o porque" das cousas; não esperar que um assumpto esteja sabido para passar a outro; finalmente, o instructor age, principalmente, pelo exemplo proprio — a linha, a compostura civil e militar, a correcção dos uniformes e attitude deante de suas "Escolas", têm uma influencia primordial e fazem com que o instructor se imponha facilmente aos instruendos.

Para terminar esses "Conselhos", vou synthetisar os fins da instrução de recrutas em tres itens:

1º — Fortificar o corpo, torná-lo flexivel, agil e resistente — é o preparo do homem physico;

2º — Cultivar nesse corpo robusto uma alma forte, desenvolvendo-lhe o sentimento de dever, de patriotismo e de disciplina — é a missão mais difficil do instructor: a de educador;

3º — Finalmente, adestrar-o no uso do armamento e ensiná-lo a d'elle se servir, em ligação com outros camaradas em geral no G. C., — é o que constitue a instrução technica e tactica.

Classificação e discriminação de diversos ramos de instrução a serem ministrados

COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA

(Adestramento do combatente)

R. E. C. I., (2ª parte) — R. S. C. — R. E. M. P. — R. O. T. — (1ª parte)

Fim da instrução: — Tornar o homem capaz de agir conscientemente na guerra, não só no ambito do G. C., como em todas as situações em que se encontrar: em cooperação ou isoladamente.

1ª PHASE

Nesta instrução ensina-se ao homem as suas diversas missões prováveis no G. C., taes como as de volteador, fuzileiro, granadeiro, atirador de fuzil ordinario, municionador, etc. e tambem aquellas que lhes caiba desempenhar fóra do ambito do Grupo, agindo isoladamente — sentinella, agente de transmissão ou de ligação, patrulhador, observador, etc.

Antes, porém, de se iniciar o preparo do instruindo nessas diversas funções, ministra-se-lhe previamente os ensinamentos elementares e indispensaveis, por meio de exercicios intensivos de vivacidade, conhecimento e aproveitamento do terreno, preparo do abrigo individual, pratica de transmissões de ordens e informações, etc.

2ª PHASE

(Instrução do G. C.)

Enquadramento e especialização das funções dentro do grupo; missões tacticas de que o G. C. possa ser incumbido, quer na offensiva, quer na defensiva; approximação, ataque assalto — defesa de uma posição summariamente organizada — destacamentos de ligação — no serviço de segurança, em marcha e no estacionamento, etc.

Continuação e aperfeiçoamento do adestramento individual do combatente.

3ª PHASE

(Instrução do pelotão)

Enquadramento do G. C. no pelotão e estudo das missões que eventualmente lhes possam caber no ambito desse escalão superior e aperfeiçoamento da instrução do G. C.

Os problemas tacticos a serem encarados nesta phase da instrução, pouco mais ou menos, são os mesmos da anterior, levando-se em conta, sómente, a sua complexidade crescente pelo maior numero de elementos a movimentar e a maior importancia das missões que lhe possam ser confiadas.

Nota — Durante a primeira phase, os recrutas devem ser distribuidos em pequenas turmas, que, no maximo, atinjam ao effectivo da esquadra.

Nas idas e regressos dos locais de instrução, essas turmas reunidas deverão attingir ao effectivo do G. C., afim de que os homens comecem a se familiarisar com a sua constituição, tendo em vista adquirir a disciplina de fileira que lhes será desenvolvida pelos exercicios de ordem unida.

SERVIÇO EM CAMPANHA

R. S. C.

Os ensinamentos indispensaveis a serem ministrados aos recrutas, na parte que se refere aos seus deveres e attribuições em campanha, serão tratados no "Combate e Serviço em Campanha", ramo de instrução em que se cogita do adestramento do combatente. Ahi serão estudadas e postas em pratica, sob o ponto de vista individual, todas as situações em que o homem poderá se encontrar, principalmente como elemento de segurança, de vigilância, nas phases distinctas em que uma tropa poderá se encontrar, isto é, em marcha, estacionada ou combatendo.

ORGANISAÇÃO DO TERRENO

R. O. T.

A instrução relativa á organização do terreno, no decorrer do ensino individual, participará dos dois caracteres — technico e tactico.

Sob o primeiro ponto de vista serão estudados, nas sessões da tarde, a nomenclatura da ferramenta de sapa, portatil e de parque, seu manejo e criação dos abrigos individuaes, preparo para o tiro das cobertas naturaes do terreno ou melhoramento ou criação dos abrigos individuaes das posições de tiro: atirador deitado, acororado, de joelhos ou de pé, plataforma para metralhadoras e fuzis metralhadores, rede de arame, obras de faxina, etc. Dahi decorrerá, naturalmente, a aprendizagem do homem, tornando-o capaz de cooperar na feitura das obras de caracter colectivo mais importantes.

Encarado o assumpto, sob o ponto de vista tactico e de applicação, será elle posto em pratica na instrução para o "adestramento do combatente", de accôrdo com as situações ahi creadas. A instrução technica preparará o instrumento de combate, e a tactica fal-o-á trabalhar.

E' indispensavel que os instructores chamem constantemente a attenção para a importancia dos trabalhos de sapa em todas as situações de campanha. Expliquem aos homens que o emprego da ferramenta de sapa é constante, e que na guerra poderão passar dias sem que os soldados façam uso de suas armas, mas, que o mesmo não acontecerá com sua pá ou picareta, quer elle se ache em marcha, estacionado ou combatendo, tanto no ataque como na defesa.

ORDEM UNIDA

R. E. C. I. — (1ª parte)

Os exercicios de ordem unida, diz o regulamento respectivo ensinam os movimentos necessários ás paradas e dão á tropa a disciplina de fileira, os reflexos de obediencia, dos quaes resulta um automatismo de movimentos de conjuncto, de grande valor esthetico, nas apresentações publicas, e que constituem os signaes exteriores do valor e disciplina da tropa.

A instrucção deve ser ministrada de accôrdo com o regulamento citado, sem ser permittido fazer-lhe modificações, e obedecendo á sua seriação natural na instrucção individual — instrucção sem arma — instrucção com arma, iniciado que seja o homem nessa primeira phase, deve-se fazel-o ingressar nas fileiras, para logo habitual-o ao trabalho de conjuncto.

Não esquecer, porém, que, como em todo o ramo de instrucção, na "Ordem Unida" a instrucção individual é a base da collectiva.

INSTRUCCÃO PHYSICA MILITAR

R. I. Ph. M.

Não ha, neste ramo de instrucção, programma geral possivel. Quer se trate de instrucção physica propriamente dita ou da adaptação ás especialidades militares, a sua marcha é a mesma, sempre constante.

Cabe ao instructor agir com o maximo discernimento: procurar conhecer de um modo absoluto o valor physico de cada homem, afim de poder exigir de cada um delles directamente o trabalho de que sejam capazes — nunca de mais, nunca de menos. A estreita collaboração com o medico, e uma observação constante dos effeitos dos exercicios, lhe impedirá de cahir em erro.

Tanto na instrucção physica propriamente dita como na adaptação ás especialidades, o instructor terá sempre marcha constante a seguir: delineará o programma de uma lição completa, de accôrdo com o valor physico de cada turma ou classe, que será distribuida aos seus auxiliares, os quaes a ensinarão em tantas sessões de estudo quantas forem necessarias para que cada homem aprenda o mecanismo de todos os movimentos constantes da lição. A prova desse aproveitamento será feita pela execução, em tempo préviamente limitado, da lição completa do programma.

Tendo todas as turmas se sahido satisfactoriamente dessa prova, o instructor organizará nova lição completa, na qual aproveitará um terço, pouco mais ou menos, dos exercicios já estudados na lição anterior. As turmas que não

tenham sahido bem, continuarão estudando a mesma lição.

Nada adianta accumular os instruendos com innumerados exercicios novos, sem cogitar de que elles saibam executar, com relativa perfeição, o mecanismo dos movimentos anteriores, os quaes, muitas vezes elementares, são indispensaveis a outros exercicios seguintes, mais complexos.

INSTRUCCÃO DE TIRO DAS ARMAS PORTATEIS

R. T. A. P.

A instrucção de tiro divide-se em:

Instrucção technica (do atirador, fuzileiro e granadeiro);

Instrucção de combate;

Instrucção para as diversas categorias de combatentes.

No decorrer do primeiro periodo não poderemos pretender ir além da primeira subdivisão.

Não devemos porque, conforme preceitua o respectivo regulamento em seu n. 12, "a instrucção individual é a base do tiro" e que por consequencia essa parte da instrucção deve ser cuidada com o maximo carinho e rigorosa minucia, principalmente na parte referente ao que o Regulamento chama "exercicios preparatorios e de flexibilidade". Só depois do homem ter dado provas materiaes de ser capaz de atirar com cartucho de guerra é que deve ser levado á "linha de tiro" para executar os primeiros tiros á distancia reduzida.

Verificado pelo instructor que o recruta, apesar de sua preparação prévia, ainda apresenta defeitos que o impossibilitam de ser um atirador efficiente, não deve vacillar em fazel-o voltar aos exercicios preparatorios, os quaes, em qualquer circumstancia, devem ser continuados, a titulo de aperfeiçoamento tecnico.

Com uma instrucção bem dirigida, no fim do periodo, um grande numero de homens de cada escola de tiro poderá ter satisfeito a maioria das condições do quadro I do R. T. A. P.

INSTRUCCÃO RELATIVA AS METRALHADORAS PESADAS

R. E. M. P.

Na instrucção do soldado metralhador temos que encarar a phase da instrucção individual sub-dividida em duas partes distinctas: a que lhe é ministrada no ambito do R. E. C. I., que se refere á sua preparação geral como vol-

teador, e a que trata de sua preparação especializada de metralhador, em que seu ensino, exclusivamente tecnico, está comprehendido no capitulo I do Titulo II do Regulamento n. 10.

Logo que os homens estejam em condições, regularmente, de desempenhar as funções de serventes, serão enquadrados no serviço da peça (Capitulo II, Titulo II), o que se poderá dar no ultimo mez de instrucção. Só assim será satisfeita a exigencia de serem mobilisaveis, como preceitua o n. 6 do R. I. Q. T.

Simultaneamente será praticada a instrucção technica de tiro, cuja parte preparatoria commum já foi estudada de accôrdo com o R. T. A. P.

Para que os homens possam ser mobilisaveis, de accôrdo com a exigencia acima citada, é indispensavel que, além dos conhecimentos technicos que já possuem, conheçam tambem a technica dos tiros de instrucção á distancia reduzida. (Quadro n. 1, Regulamento n. 10).

TRANSMISSÕES

R. E. M. T.

Nos dois primeiros mezes, o official encarregado das transmissões fará, com os especialistas já existentes, uma recordação geral, afim de preparal-os para a instrucção dos futuros especialistas.

A instrucção dos especialistas visará principalmente o perfeito conhecimento do alfabeto Morse, de modo a que os homens possam se corresponder facilmente, qualquer que seja o processo de signalisação empregado, e a formação de turmas de telephonistas capazes de construcção e exploração de uma rede telephonica.

O official de Transmissões apresentará semanalmente um programma detalhado da instrucção a ser ministrada.

INSTRUCCÃO GERAL

O instructor deve ter o maximo criterio na escolha dos assumptos a tratar neste ramo de instrucção não só sob o ponto de vista de sua applicação e utilidade immediata, como, principalmente, tendo em consideração o gráo de cultura intellectual.

Procurará fornecer-lhes os conhecimentos compativeis com a sua capacidade de apprehensão, e indispensaveis a tornar o homem capaz de se desembaraçar e saber agir nas situações ordinarias que se lhes apresentarão na sua vida quotidiana de soldado.

E' indispensavel, no emtanto, cuidar com muito carinho da parte individual do Regulamento de Continencia, que constitue a verdadeira Escola de Apresentação do soldado, tanto

no interior da Caserna, como em seu contacto com o mundo civil.

EDUCAÇÃO MORAL

Escola de formação do espirito do soldado, deve ser encarada como a mais delicada missão do instructor, a quem cabe ministrar pessoalmente esses ensinamentos, não esquecendo que, na guerra, as forças moraes apresentam um papel preponderante.

Na organização minuciosa de um programma de educação moral, é indispensavel cuidar principalmente de accentuar e desenvolver os sentimentos de patriotismo, amar a Bandeira, de honra, cumprimento do dever civil e militar, de disciplina, solidariedade, e de todas as virtudes militares.

INSTRUCCÃO DE CABOS

Aos cabos cabe cooperar, durante o primeiro periodo, como monitores de instrucção. Aos commandantes de companhias compete dirigir-lhes, aperfeiçoando a sua instrucção, de modo a poderem substituir eventualmente os sargentos, para o que deve tornal-os capazes de commandar o G. C.

INSTRUCCÃO DE SARGENTOS

Auxiliares immediatos do official subalterno na instrucção, é necessario desenvolver-lhes a cultura technica e tactica, de modo a ficarem aptos para commandar até o pelotão e saber instruir o G. C.

E' indispensavel terem um perfeito conhecimento dos regulamentos, afim de bem poderem cumprir essas missões.

Recommendo especialmente aos capitães que cuidem com minucias da instrucção dos seus sargentos, não esquecendo que o sargento, além de outros conhecimentos, deve ter as noções indispensaveis de topographia. O sargento que não tenha essas noções é incapaz de desempenhar na guerra grande parte das missões de que venham a ser incumbidos.

Conhecimento de terreno, leitura de carta, emprego da bussola, pelo menos para poder se utilizar do angulo de marcha, são assumptos com os quaes não se admite que um sargento não esteja familiarizado.

PELOTÃO DE CANDIDATOS A CABO

A instrucção a ser ministrada a candidatos a cabo é toda a que se refere aos recrutas, levando-se em conta, porém, tratar-se de instruendos seleccionados, com os quaes a marcha

do ensino pôde ser mais rapida, afim de se poder abordar, dentro do proprio primeiro periodo, a instrucção inherente ás funcções de cabo.

O fim desta instrucção é tornar o homem apto para instruir a escola do soldado, agir como monitor na instrucção physica, onde deve saber dirigir uma "sessão de estudos", commandar a esquadra e, eventualmente, o Grupo de cujo commando é o substituto immediato no combate.

Dentro dos limites destas directivas, no decorrer do primeiro mez de instrucção, o official designado para instruir o Pelotão de cabos apresentará a este commando um programma detalhado da instrucção a ser ministrado, o qual, uma vez approved, será publicado em boletim.

INSTRUCCÃO DE SEGUNDOS TENENTES COMMISSIONADOS

Afim de proporcionar a esses officiaes uma oportunidade para ampliarem os conhecimentos militares que adquiriram na esphera relativa ás suas funcções de sargentos, funcionará um curso, que será dirigido por um official subalterno com o curso da E. A. O., e sob as vistas deste commando. O referido curso versará sobre o estudo e pratica dos processos de combate na infantaria, para o que se recorrerá principalmente aos seguintes regulamentos: R. E. C. I. (2ª parte), R. E. M. P., R. S. C. e R. O. T., bem como serão ministrados os conhecimentos indispensaveis de topographia militar: — conhecimento do terreno, leitura de carta, orientação pela bussola, levantamentos expeditos, etc.

O fim do curso em apreço é tornar os seus alumnos aptos para dirigirem a instrucção individual e a das pequenas unidades, até o Pelotão, inclusive, e, a commandar, eventualmente, na guerra, a companhia.

Os segundos tenentes commissionados, independentemente desse curso, frequentarão, a titulo de aperfeiçoamento, a instrucção propriamente de officiaes, dirigida pelo Commandante do Regimento.

O official designado para instructor apresentará um programma de instrucção a ser ministrado, o qual, uma vez approved por este commando, será publicado em boletim regimental.

PROGRAMMA PARA A INSTRUCCÃO DE QUADRO DE OFFICIAES

I — a) — Estudo commentado dos seguintes regulamentos, nas suas partes essenciaes e encarados, principalmente, sob o ponto de vista de adestramento para o combate: R. E.

C. I. — R. E. M. P. — R. S. C. — R. O. T. — R. I. Ph. M.

b) — Doutrina de guerra.

c) — Cooperação das diversas armas no combate.

d) — Raciocinio tactico; como se resolve um thema.

e) — Arte de commandar.

II — Exercicios na carta (estudo applicado dos regulamentos); pratica desses exercicios com quadros no terreno, depois de estudados na carta.

III — Topographia de campanha — revisão de conhecimentos, principalmente no que se refere á physionomia do terreno, leitura de cartas; applicações (no campo) do angulo de marcha.

IV — Trabalhos escriptos feitos em sala ou em domicilio pelos officiaes.

V — Opportunamente exercicios no campo com a tropa até o escalão companhia, com effectivo completo, considerada sempre enquadra no Batalhão.

OBSERVAÇÕES

1.ª — Este programma, no decorrer do anno, soffrerá as alterações que a pratica e as necessidades do ensino determinarem.

2.ª — No dia 25 de cada mez, será publicado, no boletim regimental, o programma da instrucção a ser ministrado no mez seguinte, detalhando-se os assumptos deste programma geral e distribuindo-os dentro dos respectivos horarios semanaes.

3.ª — A instrucção será ministrada duas vezes por semana; ás quartas-feiras e sabbados, das 13 ás 14 horas.

4.ª — As sessões de estudo poderão ser preenchidas por prelecções ou arguições feitas pelo proprio Commandante do Regimento; por exercicios na carta ou no terreno (estudo e solução de themas tacticos) dirigidos pela mesma autoridade; palestras ou conferencias feitas por officiaes previamente designados ou escolhidos na propria occasião.

"Actualmente, quando os quadros começam a valer por suas characteristics profissionais e technicas, o espirito e a letra da lei de promoções ainda autorisam processos pessoais de promoção."

Tactica na Carta

(Continuação do thema de Artilharia) (*)

Pelo Cap. PRATI DE AGUIAR

LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES

Passemos a estudar syntheticamente este assumpto.

Abordemos, em primeiro logar, a questão muito importante da ligação entre a Artilharia e a Infantaria.

Seria superfluo repetirmos, por isso que muito claramente o dizem os nossos Regulamentos, o papel de um Destacamento de ligação, enviado pela Artilharia junto á Infantaria, bem como os detalhes do seu funcionamento, nas differentes situações tacticas.

Limitar-nos-emos a chamar a attenção dos leitores para o aspecto particular, que reveste esta ligação no presente caso.

Em primeiro logar, se torna necessario enviar um Destacamento de ligação, por conta do Agrupamento de apoio directo, junto ao Cmt. da Infantaria, isto é, junto ao 5º R. I.

Esta necessidade é indiscutivel, e corroborada pela seguinte prescripção:

“A remessa de um Destacamento de ligação é obrigatoria no combate para a Artilharia, que apoia a Infantaria.”

Como constituir o Destacamento de ligação?

Antes de mais, relembremos que o Destacamento de ligação de Artilharia deve comprehender um certo numero de sargentos (com os meios de transmissão, correspondentes ao numero de destacamentos a fornecer junto ás unidades de Infantaria subordinadas (em principio, um por Btl. engajado). O logar do official, chefe do destacamento, é, em geral, junto ao Cel. Cmt. do R. I.

No presente caso temos dois Btls. em 1º escalão. Portanto, poderá ser a seguinte a composição do Destacamento de ligação:

— Pessoal fornecido pelo Agrupamento de apoio directo:

1 official;
1 sarg. adjunto e 1 sarg. telephonista;
1 turma de telephonistas (3 telephones, 1 quadro de 4 direcções, 6 kms. de fio), 1 cabo e 5 soldados;

1 turma de signaleiros (2 homens);
2 agentes de transmissão.

— Pessoal fornecido por cada um dos Grupos de apoio directo:

1 sargento esclarecedor;
1 turma de telephonistas (mesma composição em homens e em material);
1 turma de signaleiros (2 homens);

2 agentes de transmissão.

Total:

1 official;

4 sargentos;

3 cabos;

15 telephonistas;

6 signaleiros;

6 agentes de transmissão.

Em 2º logar, seria necessario enviar um outro Destacamento de ligação, junto á Bda. de Cav.; mas, neste caso, por conta do Agrupamento de conjuncto.

Com effeito. Já vimos que este Agrupamento será, eventualmente, chamado a actuar em proveito da Bda. de Cav. numa ampla zona, que em profundidade é limitada pe'o RIB. DE GUAÍQUICA.

Ora, a situação excentrica deste Agrupamento em relação á Cavallaria; a independencia de missão attribuida a esta Bda, mais accentuada pela compartimentação do terreno, imposta pelo valle pantanoso do RIB. DO PINHAL; e a possivel actuação do Agrupamento citado em proveito da Cavallaria, durante o tempo critico, em que o 1º escalão se retrahirá de de um Destacamento de ligação junto a este ultimo escalão.

Relativamente ao problema das transmissões, apenas faremos referencia ás linhas telephonicas, que deverão se achar em funcionamento na manhã do dia 16.

O schema annexo traduz claramente o modo por que o Commando encara a organização das transmissões por telephone, para a acção do dia 16. Delle se deprehende que ha, essencialmente, quatro eixos de linhas telephonicas e as transversaes indispensaveis. Cada eixo resulta de um dos Grupos. Verificamos, então, da retaguarda para a frente:

— que cada Bia. se liga ao P. C. do Grupo correspondente;

— que o Grupo, por sua conta, prolonga as ligações para a frente até ao seu observatorio, estabelecendo um conjuncto de 4 linhas entre o P. C. e o observatorio respectivo (o que permite a cada Bia. trabalhar independentemente);

— que, por fim, cada Bia. liga seu observatorio ao do Grupo de que faz parte.

(1) Vide Defesa Nacional, numero de Setembro.

As ligações lateraes visam, de um lado, pôr em comunicação os Grupos entre si e com escalões superiores; de outro, permittir que um dado Grupo possa actuar em zona eventual, onde elle não dispõe de observatorio (o que requer a utilização do observatorio dum Grupo vizinho).

Esta ultima situação, que em regra deve ser evitada, é perfeitamente admissivel neste caso em vista da falta de tempo para o estabelecimento de transmissões completas, em consequencia da extensão da frente a defender e da dotação limitada de material de transmissão nos diversos escalões de Artilharia.

OBSERVAÇÃO

a) Observação terrestre

Num terreno como este, em que não ha grandes differenças de nivel entre diferentes regiões, é necessario que os observatorios sejam levados para a frente, o mais possivel.

Nestas condições, os observatorios das baterias serão localizados na crista topographica das alturas situadas immediatamente a O. do RIB. DO FERRAZ; em certos casos, mesmo pela necessidade de bater o curso deste Rib., elles terão de chegar até á crista militar, isto é, até ás primeiras linhas de Infantaria.

Os dos Grupos não serão tão avançados; ficarão certamente na crista topographica, porque para os Cmts. de Grupos se trata antes do confronto dos fogos, do que da execução dos tiros.

Tendo em vista estas considerações e levando em conta tambem que as ligações telephonicas devem ser resumidas ao minimo, nesta situação, pensamos que uma organização da observação, tal como se acha indicada no schema annexo, seja admissivel.

Fazendo o exame do croquis, verificamos que as Bias., escolhendo seus observatorios bem na frente, terão de os ligar ao do Grupo correspondente, que se acha localizado mais á retaguarda.

Os Grupos terão então de estabelecer a continuação das linhas telephonicas para traz, na direcção dos seus P. C. Finalmente, as Bias., devendo fazer a ligação telephonica das suas posições até aos P. C. dos Grupos correspondentes, ficarão, por essa fórma, ligadas aos seus proprios observatorios.

Esta é a solução que convém ao Agrupamento de apoio directo. Mas, como resolverá para o Agrupamento de conjuncto?

Seria inutil, que as Bias. deste Agrupamento organisassem observatorios proprios,

porque, tendo elle de actuar em zona extensissima, deveriam ser muito numerosos, o que escaparia ás possibilidades normaes dum unico Grupo.

A solução está na utilização dos observatorios das Bias. de apoio directo.

Não obstante, o Grupo de conjuncto terá de estabelecer dois observatorios, por sua propria conta: um, na parte S. do sector a defender justamente por parecer representar a maior importancia para o inimigo; outro, ao S. do RIB. DO PINHAL, na região a 3 kms. ao N. E. de DELGADO, tendo em vista a cooperação possivel que este Agrupamento poderá prestar á Bda. de Cav.

A organização da observação terrestre para a Artilharia, á disposição da Bda. de Cav., se baseia nas idéas que acabam de ser expostas; por isso, deixamos de encarar esse detalhe.

b) Observação aerea:

A observação aerea será executada por um avião, em vigilancia permanente durante o dia 16.

Quaes os Grupos que deverão ser accionados pelo avião? — Normalmente todos que fazem parte da Artilharia da Retaguarda; eventualmente, o que se acha á disposição da Bda. de Cav.

Esta tarefa só é possivel a um unico avião, se o accionamento dos Grupos se fizer successivamente, por isso que um avião só pôde trabalhar, ao mesmo tempo, em proveito de tres Bias. no maximo (geralmente ás dum mesmo Grupo).

E' o que diz o Regulamento para a Emprego da Artilharia, annexo 3, pag. 55, numero 86, relativamente ao tiro simultaneo de varias Bias. contra o mesmo objectivo:

"Este genero de tiro é muito vantajoso, por permittir as concentrações de tiros de baterias, recurso que representa um papel importante no emprego actual da Artilharia: demais, augmenta consideravelmente o rendimento da observação por avião. (1). As baterias interessadas devem ter um Cmt. de tiro unico e servir-se de uma só antenna; normalmente serão as baterias de um mesmo Grupo." (2).

O Cmt. da Artilharia e os Cmts. de Agrupamentos terão de intervir no sentido de ser

(1) Permite em particular levar a cabo rapidamente a destruição de Baterias.

(2) Podem, porém, pertencer a Grupos diferentes e para o tiro de concentração ser conjugadas sob o mesmo Cmto.; dahi não nasce difficuldade alguma.

accionado o Grupo que se achar disponível e que tiver como zona de acção aquella em que se revelar o objectivo do momento. Tendo em vista repartir convenientemente os objectivos no tempo e no espaço, seria indicado que aquelles, revelados a E. da grande crista, acompanhando pela margem direita o RIB. DO FERRAZ, coubessem de preferencia ao Agrupamento de conjuncto; e os que se revelassem a O. dessa mesma crista coubessem antes ao Agrupamento de apoio directo.

Quanto ao accionamento por avião da Artilharia á disposição da Bda. de Cav., só se fará em relação aos objectivos, que appareçam na zona de acção normal desta Artilharia e na hypothese de, ao mesmo tempo, não ser necessario este meio de observação para accionar os Grupos componentes da Artilharia da Retaguarda.

IV. DETALHE DOS TIROS PREVISTOS DE ACCORDO COM A INFANTARIA

Este assumpto comporta um duplo exame:

- 1º — Tendo em vista a defesa da posição pela Infantaria;
 - 2º — Tendo em vista a missão de cobertura, a cargo da Cavallaria.
- 1º — *Tiros previstos de accordo com a Infantaria, tendo em vista a defesa da posição atraz do RIB. DO FERRAZ.*

Estes tiros comprehendem:

- a) Fogos contra os objectivos, que se revelarem, quer nos pontos de passagem do RIB DO FERRAZ e nas suas proximidades, quer na região comprehendida entre este Rib. e a crista que o acompanha pela margem E.

Elles se destinam a retardar a progressão até a margem do Rib. e a desorganisar as tentativas de passagem do curso d'agua citado, o qual constitue, como o indica o thema, um obstaculo importante, por se tratar de um Rib. que não dá váus e que apresenta uma largura média de 6ms., em frente da posição defensiva.

Estes fogos serão desencadeados por ordem dos Cmts. de Agrupamentos, podendo ser utilizada a observação terrestre ou aérea, conforme as circumstancias; nelles tomarão parte, normalmente, os Grupos de apoio directo e,

eventualmente, o Agrupamento de conjuncto.

Aqui, como nos tiros contra objectivos fugazes, se trata de cobrir uma certa zona do terreno de projecteis. Ora, diz a Instrucção Geral para o Tiro de Artilharia, referindo-se ao emprego do material de 75, (n. 523): "..... uma fracção de tropa a descoberto não se pôde subtrahir ao fogo de Artilharia, se este attingir á densidade de 100 a 150 tiros por hectare (segundo a importancia do objectivo)."

E tratando do ajustamento e da execução do tiro, a citada Instrucção accrescenta (n. 524) que elle deve ser *massiço* e de *curta duração* (esta não devendo ultrapassar de 3 minutos). Admittindo, então, que tenhamos de bater uma zona restricta, por exemplo, de 1 hectare e que queiramos attingir á densidade média de 120 tiros por hectare, vemos que tocará a cada peça de uma só bateria a execução de 30 disparos em 3 minutos ou 10 disparos num minuto.

E' muito!

Não devemos admittir que os tubos de 75 dêem mais de 8 tiros por minuto e mesmo este maximo só deverá ser consentido, no caso de um tiro de duração muito pequena.

Por consequencia, chegaremos á conclusão de que, neste caso, será preciso empregar mais de uma bateria, isto é, será preciso fazer *concentração*.

Este exemplo mostra claramente como deve ser commum, tratando-se de tiros sobre zona e contra o pessoal a descoberto, o emprego da concentração dos fogos de duas ou varias baterias, conforme a importancia da zona a bater.

Esta conclusão sóbe de valor, se considerarmos que, no exemplo figurado, a zona proposta representa apenas um quadrado de 100 ms. de lado. Ora, os objectivos deste genero raramente apresentam dimensões tão reduzidas...

b) *Tiros de deter.*

Elles têm por fim crear, no momento do ataque inimigo, uma zona de fogos profundos; o mais perto possível da Infantaria amiga e na sua frente.

Isto se consegue por meio dum tiro denso, com alça unica, executado de

modo tal, que correspondam 2 tiros por minuto a cada porção de 15 ms. de frente.

Cabe habitualmente a cada bateria uma frente de 200 ms. a proteger.

Para o fazer com a densidade indicada será preciso que cada peça faça 8 disparos por minuto, o que restringe a duração dos tiros de deter a 5 minutos, no maximo.

No caso do thema, dispomos de um Grupo para apoiar cada um dos Btls. de 1º escalão. A frente dos C. R. attinge até 3,5 kms. Entretanto, cada Grupo de apoio directo pôde apenas fazer uma barragem defensiva continua de 600 ms. de frente (ou 800 ms. para o G. de Mth.).

Em tal caso, é indiscutível que a proporção de Artilharia se manifesta insufficiente.

Não obstante, precisamos arranjar uma solução para este caso, que poderá de resto ser frequente nas guerras sul-americanas.

Como resolver a questão?

Ora, tendo em conta que certas partes da frente são mal batidas, ou mesmo, não podem ser batidas pelos organos de fogo da Infantaria, será em primeiro lugar indicado applicar os fogos de Artilharia nestas porções da frente, visto como as trajetórias dos canhões são menos tensas, que as das armas automaticas.

Para determinar estas porções o verdadeiro caminho é o reconhecimento no terreno; mesmo as cartas muito precisas só as indicam de um modo approximado, por isso que intervêm sempre certas circumstancias, que escapam ao exame das boas cartas.

Além destas partes da frente defensiva, mal batidas ou, mesmo, não batidas pelos fogos das armas automaticas, ha outras na frente das quaes convém ser localizados os fogos de deter da Artilharia: são as frentes de provavel esforço principal para o inimigo.

Podemos, portanto, concluir:

1º — Que os fogos de deter da Artilharia serão reservados em primeiro plano, para bater os pontos ou regiões da frente de defesa, que são mal batidos ou não são batidos pelos engenhos de fogo, nas mãos da Infantaria.

2º — Que, em segundo lugar, elles serão destinados a reforçar as frentes,

sobre as quaes recahem as maiores possibilidades e probabilidades de esforço principal do inimigo.

Para terminar o estudo dos fogos de deter, será bom alludir á flexibilidade de emprego, que estes fogos comportam. Queremos dizer, em summa, que, no caso do inimigo atacar apenas uma parte da frente, será possível applicar meios mais importantes de fogos na frente restante; para isso actuarão, eventualmente, na frente de ataque do inimigo, certas Btas., que normalmente seriam reservadas para actuar em proveito de Btls. não atacados.

Assim, na hypothese do inimigo limitar o seu ataque ao C. R. 1, poderemos desencadear uma barragem defensiva de 1.400 ms. de frente, deante deste C. R., dos quaes 800 ms. de barragem normal, a cargo do G. de Mth., e 600 ms. de barragem eventual, a cargo do G. A. M.

Os fogos de deter serão executados pelos Grupos de apoio directo e desencadeados pela Infantaria de 1º escalão, mediante um foguete convencionado.

Simultaneamente com os fogos de deter, o Agrupamento de conjuncto fará tiros de varrer, nas vertentes e no valle do RIB. DO FERRAZ, nas zonas por onde o inimigo canalizar mais profundamente o seu ataque.

2º — *Tiros previstos de accordo com a Cavallaria.*

Os tiros de apoio á Bda. Cav. assumem um aspecto differente, em relação aos que se destinam a apoiar a Infantaria.

Com effeito.

Deante do 1º escalão de Cavallaria, os fogos de Artilharia serão dirigidos contra os objectivos, que se revelarem a O. da grande crista, que acompanha pela margem direita o RIB. DAS PEDERNEIRAS. Elles serão accionados pela abervação terrestre e, eventualmente, pela observação aerea.

O fim, que temos em vista, consiste em antepor ao inimigo, desde o momento em que attingir a crista a O. do RIB. DAS PEDERNEIRAS, um conjuncto de fogos de armas automaticas e de Artilharia, capaz de obrigar-o a se deter nesta crista, de onde, para proseguir, terá de manter um ataque. Toda a Artilharia, á disposição da Bda. de Cav., deverá participar destes fogos.

Deante do 2º escalão a solução se apresenta differentemente. Aqui, se trata de defender as alturas immediatamente a O. do RIB. DE GUAIQUICA, pelo menos até o fim do dia 16.

Então, teremos de organizar uma linha continua de fogos de armas automaticas na crista militar destas alturas.

O emprego da Artilharia, neste caso, poderá ser resumido assim:

Primeiramente, ella actuará, por meio de concentrações, nas passagens e nos pontos de facil travessia do RIB. DE GUAÍQUICA.

Depois, sob a forma de barragem defensiva, actuará deante da linha de resistencia, completando os fogos de Infantaria, e tambem nas regiões proximas ás estradas, que se dirigem para DELGADO e para GUAÍQUICA.

Depois do que ficou dito, vemos como, num mesmo thema, varia o emprego tactico dos fogos de Artilharia. Isto vem reafirmar que, neste dominio, nada pôde haver de rigido: o emprego da Artilharia varia em cada caso.

Em qualquer circumstancia, porém, o modo de actuar desta arma deve se harmonisar perfeitamente com a marcha das armas irmãs — a Infantaria ou a Cavallaria.

V. DECISÕES DO CMT. DA ARTILHARIA PARA O REMUNICIAMENTO NOS DIAS 15 E 16

São muito simples estas decisões, como vamos vêr:

1ª — Na jornada de 15, as C. l. m. deverão se esvairar junto ás posições e marchar em seguida para os locais de estacionamento (por exemplo, no valle do CORR. DO XADREZ).

2ª — Na jornada de 16, por volta de meio dia, tem-se a informação (contida no thema), de que os primeiros infantis inimigos apparecem ás 10 horas na crista a E. de FAZ. DO RETIRO, ao mesmo tempo que tiros de Artilharia cahem nas nossas posições. Ás 12 horas, o consumo de munições se eleva a 80 tiros por peça.

O momento é opportuno, para que o Cmdo. decida que as C. l. m. marchem rumo de ARARAS, de modo a receberem as munições creditadas á Retaguarda da 2ª D. I., desde as 18 horas do dia 15.

Depois, ellas alcançarão a região de FAZ. S. ANTONIO, onde receberão novas ordens.

Esta solução se justifica pelas razões abaixo:

1ª — Não podemos recear que as munições de que dispõe a Retaguarda da 2ª D. I. sejam insufficientes para o dia 16, por isso que se trata duma quantidade de munições bem importante (2/3 de dia de fogo); por outro lado, o inimigo, no fim do dia 15,

ainda não tomou contacto com a posição defensiva.

2ª — O que se tem a temer é que o gasto de munições na jornada de 16 seja pequeno e, por occasião do retrahimento da Retaguarda, não se disponha dos meios de transporte necessarios, para evacuar as munições das baterias, o que importaria entregar uma parte dellas ao inimigo ou então a proceder a sua destruição, soluções inadmissiveis no caso.

3ª — Em vista disso, o Commando toma a decisão de fazer estacionar as C. l. m. (vasias) no valle do CORR. DO XADREZ, até que o gasto de munições na jornada de 16 afaste a possibilidade de falta de meios de transporte para evacuar as munições restantes, por occasião do retrahimento da Retaguarda da 2ª D. I.

Uma vez afastada esta hypothese, o Cmt. da Art. dá ordem de marcha ás C. l. m., afim de se remuniarem em ARARAS, como foi dito acima.

A NAÇÃO "No que diz respeito ás : **E SUA** : necessidades da guerra é **DEFESA** evidente a nossa insufficiencia geral. Tudo nos falta. Mas, falta-nos sobre tudo o conhecimento das leis que regem o phenomeno da guerra em todos os seus aspectos, desde a preparação até a execução.

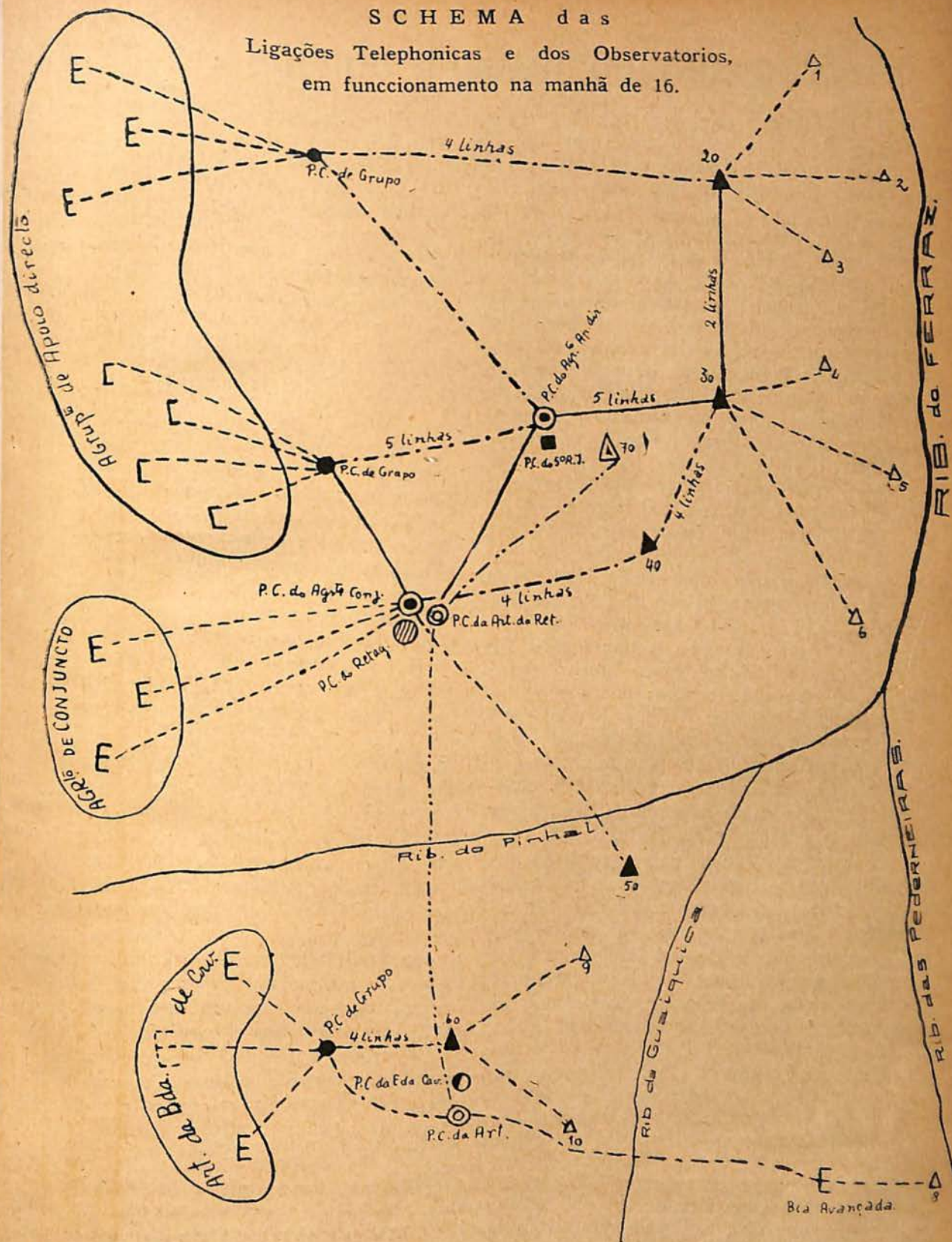
Assim, falta-nos a base principal sobre que assentar qualquer construcção: uma mentalidade apropriada.

Não se pode, portanto, estranhar a indiferença da nação pelas necessidades primaciaes de sua defesa.

A ausencia real da mentalidade propria a uma organização efficiente da defesa nacional, revela-se, não nos nossos pensamentos e discursos, mas em nossos actos. E são os actos que definem a assimilação real de uma doutrina e a existencia de uma mentalidade. As palavras não têm valor pratico quando não as coadjuva a acção.

Falta-nos continuidade na acção, marcamos passo, retrocedemos e oscillamos constantemente em torno de questões eternamente debatidas. A preocupação dos detalhes que a realisação pratica das medidas julgadas necessarias impõe, faz-nos perder a concepção geral dominante e perturbar a ordem de urgencia que a execução deve prever."

S C H E M A d a s
Ligações Telephonicas e dos Observatorios,
em funcionamento na manhã de 16.



LEGENDA:

- Linhas teleph. a cargo das Bias.
— Linhas teleph. a cargo dos Grupos.
— Linhas teleph. a cargo dos Agrupatos.
— Linhas teleph. a cargo do Destac. de

- 1, 2, 3, 4, 5, 6 — Observatorios das Bias, de apoio directo.
8, 9, 10 — Observatorios das Bias, da Art. da Bda. de Cav.
20 e 30 — Observatorios dos Grupos de ap. directo.
40 e 50 — Observatorios do Grupo de conjunto.
60 — Observatorios do Grupo a disp. da Bda. de Cav.

A proposito do nosso problema de aviação

Qualquer organização nacional é um complexo naturalmente constituído de partes intimamente ligadas e necessariamente solidárias, e que reagem umas sobre as outras.

Suas questões exigem que todos que as devem tratar tenham capacidade para formar apreciações de conjunto, mesmo que se encarreguem, na pratica, apenas de aspectos particulares. Por taes razões os **especialistas** são raramente proprios a achar as soluções definitivas. Em regra, soffrem elles do grande mal de insufficiencia de cultura geral. Isso faz com que pretendam constantemente sobrepôr aquillo de que se occupam a tudo mais, desprezando as ligações e dependencias fataes existentes com os outros phenomenos. Tal facto se observa muito bem com as cousas da guerra, onde a solidariedade e coordenação são necessidades capitais mas onde cada arma ou outro **qualquer elemento** de luta tende a predominar nas soluções. Felizmente suas acções não chegam a se tornar inuteis ou prejudiciaes, no minimo improductivas, graças aos E. M. conhecedores dos mechanismo e valores essenciaes de todos elementos e graças a grande cultura geral de que, em regra, os chefes são possuidores. Escudados nas realidades flagrantes do campo de batalha esses elementos directores conseguem sempre preponderar.

Na paz, taes factos, sem o contróle natural da pura realidade, tendem a se desenvolver, cada qual querendo fazer predominar suas vistas particulares. E muitas vezes a argumentação de que lançam mão os especialistas vem revestida de apparencias sobre as quaes faz-se mister meditar cuidadosamente para não occorrer em falsas conclusões.

Um bom exemplo é o que se passa com o **nosso problema da aviação**. E' claro que pelas nossas extensões territoriaes e difficuldades de communicações, a aviação póde e deverá constituir optimo instrumento de civilisação e de progresso e tambem excellente meio de defesa. A esse respeito póde-se dizer mesmo que o Brasil sem aviação **proporcional á sua grandeza**, é uma nação á mercê das outras.

Para chegar a esse resultado elle precisa ter uma solida organização da sua aviação militar e naval e uma bem desen-

volvida aviação civil que constitua reserva rica das primeiras.

Mas, para que não caia o feitiço contra o feitiçeiro, essa aviação civil deve ser eminentemente nacional: em seus capitais, em sua industria e **notadamente em seu pessoal**. Com as estradas de ferro e linhas de navegação por agua, pódem-se ter algumas condescendencias. Tel-as com a aviação e pôr a patria em perigo, porque se as estradas de ferro e linhas de navegação poderão prejudicar o paiz, em caso de guerra, por uma acção negativa, passiva, negando-se por ex., a funcionar, a aviação poderá ir longe e qualquer piloto tornar-se um **aggressor**. Além disso ha o perigo das informações faceis.

Muitos pretendem que o governo brasileiro se deixe seduzir pelos reclames jornalisticos e empreenda esforços em prol da aviação civil. Ora, seria um erro grave, porque criaríamos reservas sem ter a quem servir e com o grande risco de lançar em mãos estrangeiras a **aviação nacional**, protegendo as empresas já organisadas com os **recursos dos respectivos governos**.

A aviação civil só póde viver á custa do governo e seria um erro, uma **perturbação mental**, em face dos interesses da defesa nacional despender recursos com a reserva sem ter organizado o **nucleo principal**. Si nos paizes ricos e populosos, com aviação militar poderosa e bem organizada, isto é, ainda um facto, que aconteceria num paiz como o nosso, sem industria propria e sem facilidades para organizar e manter linhas aereas, porque faltam meios de toda ordem, desde o **pessoal nacional**, até as **cartas proprias para a navegação**?

Procede, portanto, logica e patrioticamente o governo resistindo ás más tendencias e não **distrahindo recursos quaesquer** emquanto a aviação militar e naval não estiverem organisadas e em pleno funcionamento.

"A primeira mobilisação de um paiz é a mobilisação espiritual. O seu mais poderoso armamento está nas almas."

(Bap. Pereira — "O Brasil e a raça")

Subsídios para os quadros de reserva

C A V A L L A R I A (*)

Ordem dispersa

IMPORTANCIA PARTICULAR DA ORDEM DISPERSA

As formações densas, compactas, em virtude da sua extrema vulnerabilidade, devem ser systematicamente banidas do campo de batalha.

E' a consequencia inevitavel da potencia do fogo actual.

As armas modernas — particularmente os canhões e as armas automaticas — tornam extraordinariamente difficil, ás vezes impossivel — a progressão das tropas em formações cerradas.

Dest'arte, as formações abertas — diluidas — assumem, presentemente, particular importancia.

A Cavallaria deve, pois, habituar-se em marchar em *ordem dispersa*, devendo a sua instrução, sob esse aspecto, merecer um cuidado todo especial.

PRINCIPIOS QUE DEVEM SERVIR DE BASE PARA A MARCHA, EM ORDEM DISPERSA DUM PEL. DE CAVALLARIA

Para que uma tropa de Cavallaria possa marchar methodicamente — conservando-se sempre na mão do chefe — é indispensavel que se estabeleça uma *unidade de dispersão*.

Essa unidade é:

no Pel. — a esquadra;

no Esq. — o pelotão;

no R. — o esquadrão.

Isto posto, vejamos como se deve effectuar a progressão de um pel. em ordem aberta.

Os principios que regem a marcha do pel. se applicam tambem ás demais unidades, na marcha combative com os seus effectivos. Elles se podem resumir da forma que segue:

1º — Não existe, em ordem dispersa, uma formação typica de marcha. Conforme as circumstancias (terreno, inimigo), o pel. dispersar-se-á:

a) em forrageadores;

b) por esquadras: seja em linha de esquadras, seja por esquadras successivas (dispersão em largura ou em profundidade).

2º — A direcção geral e a vulnerabilidade de marcha são asseguradas pela *esquadra de direcção* — collocada á retaguarda do chefe do pel. e recebendo directamente as suas ordens. Essa esquadra rompe uns vinte metros para a frente e indica ás outras, por seu exemplo, a formação, a direcção e a anadadura que devem tomar (R. E. C. C. — 3ª parte — 77).

3º — O chefe da esquadra é o *guia* da sua pequena unidade. Como tal, elle marcha na sua frente, qualquer que seja a formação, tendo sempre os olhos postos na esquadra de direcção (vêr o paragrapho precedente).

4º — Não se pôde impôr ás esquadras uma formação schematica: ellas marcharão em forrageadores, em columna por um, conforme as condições impostas pelo terreno e pelas reacções do inimigo.

5º — Se bem que a formação da esquadra seja indicada pela esquadra de direcção, um chefe de esquadra qualquer tem a liberdade, se as circumstan-

cias o exigirem, de abandonar *momentaneamente* a formação prescripta e adoptar a aconselhada pelas condições especiaes do momento.

E é, justamente, essa facilidade em adaptar rapidamente as formações ao terreno — essa *flexibilidade* — que constitue uma das caracteristicas essenciaes da Cavallaria.

Todas as formações rigidas são incompativeis com o espirito da nossa arma!...

6º — O pel. progride por lanços, marcados pelas transversaes, pelos côrtes do terreno.

7º — Attingida uma dessas transversaes, emquanto o pel. ainda se conserva na mesma formação, os cabos vão ao encontro do seu chefe, que, á vista do terreno, prepara o seu novo lanço, indicando aos chefes de esquadra:

a) a direcção geral do movimento (materializada por pontos do terreno bem visiveis);

b) a nova linha a attingir;

c) a formação do pel.

Dá, ainda, se fôr o caso, ordens relativas ao reconhecimento de tal ou qual ponto interessante do terreno que se apresenta na zona em que o pel. deve atravessar.

A parada é tambem aproveitada para o restabelecimento da ordem.

Vê-se, assim, que cada lanço representa uma pequena operação particular que deve ser cuidadosamente preparada pelo cmt. do pel.

8º — Os intervallos entre os cavalleiros (forrageadores) ou entre as esquadras (dispersão por esquadras) são eminentemente variaveis.

Dependem:

a) do terreno e do inimigo;

b) do grão de instrução dos cavalleiros, notadamente dos cabos, que, se estiverem bem adextra-dos, sabendo habilmente utilizar o terreno, poderão marchar com grandes intervallos, sem se exporem ao risco de se espalharem, de se disseminarem completamente, perdendo a "*cohesão elastica*", que, mesmo na ordem dispersa, deve ser mantida.

Comtudo, existe um limite, imposto pelas necessidades duma *perfeita ligação pela vista* entre os chefes de esquadra e a esquadra de direcção.

Essa condição é imprescindivel para que o cmt. do pel. possa realmente commandar-o.

9º — Na dispersão por esquadras em profundidade, é conveniente que as esquadras, ao irromperem de uma coberta, por exemplo, não o façam todas de um mesmo ponto, salvo se condições particulares de terreno não permittirem que procedam de outra fôrma.

Na mesma ordem de idéas, as formações devem ser tomadas ao abrigo da coberta (o desembocar deve realizar-se, sempre que possivel, já em ordem dispersa).

10º — A marcha deve ser feita sem preocupação de *alinhamento* ou de *distancia fixa*; a idéa de alinhamento — absolutamente nefasta — deve ser

(*) Fontes de consulta — R. E. C. C. (3ª parte). Lnt. Cel. Carrère. — Cavalerie. Faits vécus. Enseignements à en tirer.

substituída pela noção muito mais fecunda de *directão*.

11º — Para que a progressão se possa effectuar em boas condições, é indispensável que o pel. seja precedido de "*exploradores do terreno*", que lhe assignalem, mediante signaes convenccionados, os obstáculos encontrados, evitando-se, assim, que os cavalleiros fiquem immobilizados, diante de qualquer difficuldade do terreno, sob as vistas e os fogos inimigos.

* * *

Verifica-se, assim, que todas as formações schematicas, rígidas, geometricas devem ser absolutamente proscriptas do dominio da "*ordem dispersa*".

E' indispensavel que estudemos sempre o "*caso particular*" em questão e que lhe adaptemos a formação mais conveniente, em funcção das circumstancias varias que envolvem o problema (missão, inimigo, terreno...)

SOBRE ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

IX — ARTILHARIA

Vimos em nossos artigos anteriores que "O plano de defesa é o documento de que se serve o chefe para fazer conhecer o modo por que entende conduzir a batalha defensiva e os meios que conta empregar para tal fim". (R. O. T. — Cap. I — 1.ª parte).

O plano de defesa traduz portanto a maneira como o chefe vai empregar os seus recursos em tropa e material, casando-os com o terreno, arma poderosa posta em mãos, com o fim de aniquillar o inimigo.

O plano de defesa exige assim um — Plano de organização defensiva — em o qual se estabelece minuciosamente as varias obras e compartimentações a executar no terreno, bem, como o emprego da tropa. Tudo isto visa — aproveitar o terreno para criar toda a sorte de difficuldades possiveis ao accesso do inimigo, ás posições e á sua progressão ulterior em seu interior, emquanto que, abrindo o defensor, lhe permite um optimo emprego de suas armas de fogo.

Criar á frente da posição uma barreira de fogo intransponivel ao inimigo — eis um dos objectivos, sinão o principal, a attingir.

Tal se consegue com a organização minuciosa dos:

- Plano de fogo da infantaria.
- Plano de emprego da artilharia.

Já sabemos em que consiste o primeiro, falta-nos algo dizer sobre o segundo. Não vamos aliás dizer aqui como se organiza um plano de emprego de Artilharia; tal assumpto foge aos limites naturaes desta secção. Temos em vista apenas dar uma idéa de como age a Artilharia, com seus fogos,

de forma a quebrar o dispositivo do inimigo, quer no momento em que elle se desencadeia, quer depois.

No que vai seguir adoptamos a orientação do Coronel Tréguier, um dos mestres no assumpto, autor do bem reputado livro "*O que deve a Infantaria conhecer da Artilharia*". De um modo geral, compete á Artilharia na defensiva:

1º. Impedir a preparação e o desencadeamento do ataque:

2º. Desencadeado um ataque, impedir o seu proseguimento.

A execução do primeiro desideratum importa no estabelecimento das seguintes missões:

1º. Distribuição e contrabateria.

2º. Interdicção.

3º. Contra-preparação propriamente dita.

As duas primeiras missões são desempenhadas no geral dias antes do ataque. Pela primeira a artilharia bate os locais onde a observação revelar a presença de baterias inimigas, depositos de munições, etc. E' bem provavel que, em se tratando, de um ataque de grande envergadura, o inimigo dias antes de desencadeá-lo procure, sinão occupar as posições das baterias, pelos menos aproximar-se dellas e bem assim em taes pontos organizar os seus depositos de munições. E' no intuito de impedir tal acção que a artilharia de defesa fará os seus fogos de contra-bateria e destruições de depositos de munições.

Por outro lado a execução de um ataque exige para o defensor a aproximação de tropas e recursos de toda a ordem (munições, viveres, ambulancia, etc.), muito antes do dia apazado. Tal aproximação se fará fatalmente por certos e determinados caminhos. Taes caminhos apresentarão pontos particularmente notaveis por serem pontos de passagem obrigada, como — pontes, encruzilhadas, desfiladeiros, etc.

Compete então á Artilharia da defesa impedir ou pelo menos difficultar a passagem nestes pontos das tropas e comboios inimigos. Tal a missão de interdicção — que lhe é imposta.

Bem se pode comprehender entretanto que estas acções longinquoas poderão quando muito retardar, mas nunca impedir a preparação de um ataque inimigo e chega finalmente o dia do seu desencadeamento.

Nossos agentes e órgãos de observação denunciam ao Commando a imminecia do ataque, revelado por um movimento mais intenso de tropas, tomada de posição por bate-

rias, etc. Urge então uma atenção toda particular para desencadear por toda a Artilharia um fogo violento, que, no momento em que as primeiras tropas inimigas saíam de sua base de partida, envolva em uma chuva de aço, não só as tropas de assalto, como os observatórios, P. C., locais de reuniões de tropas de reforço, etc. Isto é — a contra-preparação — visa fazer abortar o ataque inimigo. E', cousa notavel, muito embora o inimigo faça preceder algumas vezes a hora H de uma violenta preparação, cumpre a artilharia da defesa não contrabater a artilharia do ataque, mas sim concentrar todos os seus fogos sobre a infantaria inimiga, órgãos de commando e observatórios, visando impedir-lhe o surto do ataque.

Se tal não consegue entra então a artilharia da defesa na execução da segunda missão geral — FOGOS DE DETER.

Estes fogos, como aliás os primeiros, são preparados cuidadosamente, quando se organiza o plano de defesa.

Para sua execução efficiente exige-se um perfeito consorcio entre elles e os da Infantaria.

Neste particular a artilharia vem com seus fogos bater aquellas zonas obrigatorias de progressão do inimigo que o não podem ser ou o são incompletamente batidas pelas armas automaticas da Infantaria.

Isto é a artilharia vem completar e reforçar a barreira de fogo que a Infantaria offerece á frente de suas posições impedindo visado o proseguimento do ataque, que a contra-preparação não conseguiu fazer abortar.

Esses fogos de deter se apresentam sob a forma de barragens ou concentrações de fogos em pontos particularmente notaveis da frente a defender.

Para a sua execução é necessario uma íntima ligação entre a Infantaria e a Artilharia; por isto fracções desta (grupamento de apoio directo) são destacadas para operar em ligação com fracções daquella.

Entretanto ao par da missão de deter, desempenhada por grupamento especialmente a ella destinada, outras missões ha, chamadas — missões de conjuncto —, desempenhadas por outro grupamento:

contra-bateria interdicções, enjaulamento, etc.

Em resumo compete á Artilharia:

1º. — Impedir o desencadear de um ataque (contra-preparação).

2º. — Impedir o proseguimento do ataque (missão de deter).

3º. — Auxiliar a execução dos contra-ataques.

Neste ultimo caso como o faz na offensiva:

X — TRINCHEIRA E SAPA. COMMUNICAÇÕES ENTERRADAS.

Ao iniciar esta secção um unico desejo nos animava: fornecer aos quadros da reserva noções succintas de organizações do terreno, isto é dar-lhes uma idéa do que vem a ser um ataque organizado defensivamente e como se procede para tal conseguir.

Tendo em mira tal objectivo não organizamos préviamente um programma, antes resolvemos adoptar um já organizado e officializado, procurando apenas desenvolvê-lo e adoptal-o melhor ao caso dos quadros da reserva. Foi assim pensando que tomamos por programma a seriação contida no nosso R. O. T. e temos vindo explanando os seus assumptos. Ha nisto grande vantagem: divulgamos os conhecimentos essenciaes da organização do terreno sem nos afastarmos da doutrina adoptada.

Assim é que continuando a respigar Capitulo III — Definição — do Título II R. O. T. 1ª. Parte, cabe-nos hoje tratar assumptos cujos nomes servem de titulo ao nosso artigo X.

Diz o R. O. T. — "Denomina-se trincheira um fosso organizado para o tiro; sapa, um fosso escavado para permittir a circulação ao abrigo das vistas e, tanto quanto possível dos tiros do inimigo.

A organização de um grupo de combate reclama, pois, uma parte de trincheiras e outra de sapas; é desnecessario crear trincheiras fóra dos locais de tiro dos grupos de combate e das metralhadoras".

De modo geral — trincheira é o lugar onde se combate; sapa um lugar por onde se caminha abrigado.

A installação de um G. C. exige — trincheira para F. M. e seus municidores; trincheiras para os volteadores, situadas de tal forma que flanqueiem e protejam o F. M.; sapas para ligar entre si as trincheiras anteriores.

Com relação as communicações enterradas diz o R. O. T. "As communicações enterradas têm por fim permittir a circulação, convenientemente abrigada, dos diversos elementos da defesa; em principio, são feitas em sapa, e denominam-se:

PARALLELAS, quando asseguram as communicações parallelas á frente;

Normaes, quando protegem as commu-

EXPEDIENTE

"A Direcção da A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importancias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.
- 4) Toda a correspondencia para a Caixa Postal 1602 ou na rua do Ouvidor 164, 2º andar.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como signal de que foi recebida a expedição. N'ellas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Srs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da sede da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferencia deverão propôr um official, para substitui-lo definitivamente na representação.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

- apresentar os originaes sempre legiveis e se possível dactylographados;
- só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilisem;

— se se tratar de assumpto technico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais *regras prescriptas pelo R. S. C.* (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes tem que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000
Avulso	2\$000

Permanecem em vigor as reduções para alumnos da E. M. e Sargentos. (5\$000 por semestre).

As assignaturas terminam nos mezes de Junho e Dezembro, podendo ser iniciadas em qualquer época; neste caso o assignante pagará os mezes restantes do semestre a razão de 1\$500 por mez.

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Pagina	300\$000
½ Pagina	180\$000

FOLHAS INTERNAS

1 Pagina	150\$000
½ Pagina	90\$000
¼ Pagina	50\$000

CAPA POSTERIOR

1 Pagina	200\$000
½ Pagina	180\$000
¼ Pagina	80\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado	250\$000
Impressão dos dois lados	400\$000

nicações perpendiculares á frente; E' normal, para facilitar as ordens e informações, dar ás parallelas as denominações seguintes:

"Parallelas de vigilancia" — A que liga os órgãos de vigilancia;

"Parallelas principal" — A que liga os órgãos de fogo da linha exterior da posição;

"Parallelas de apoio" — As parallelas successivas que ligam, no interior da posição, os diversos órgãos de fogo. A ultima

dellas (algumas vezes chamadas parallelas dos reductos) apresenta importancia particular, porque constitue a ultima organização que permite a defesa manter-se na posição e conservar a possibilidade de desencadear um contra ataque de conjuncto.

Convem lembrar que o tratado das parallelas, simples órgãos de comunicação, é independente do traçado dos obstaculos, e que o que principalmente tem importancia é a collocação dos órgãos de fogo."